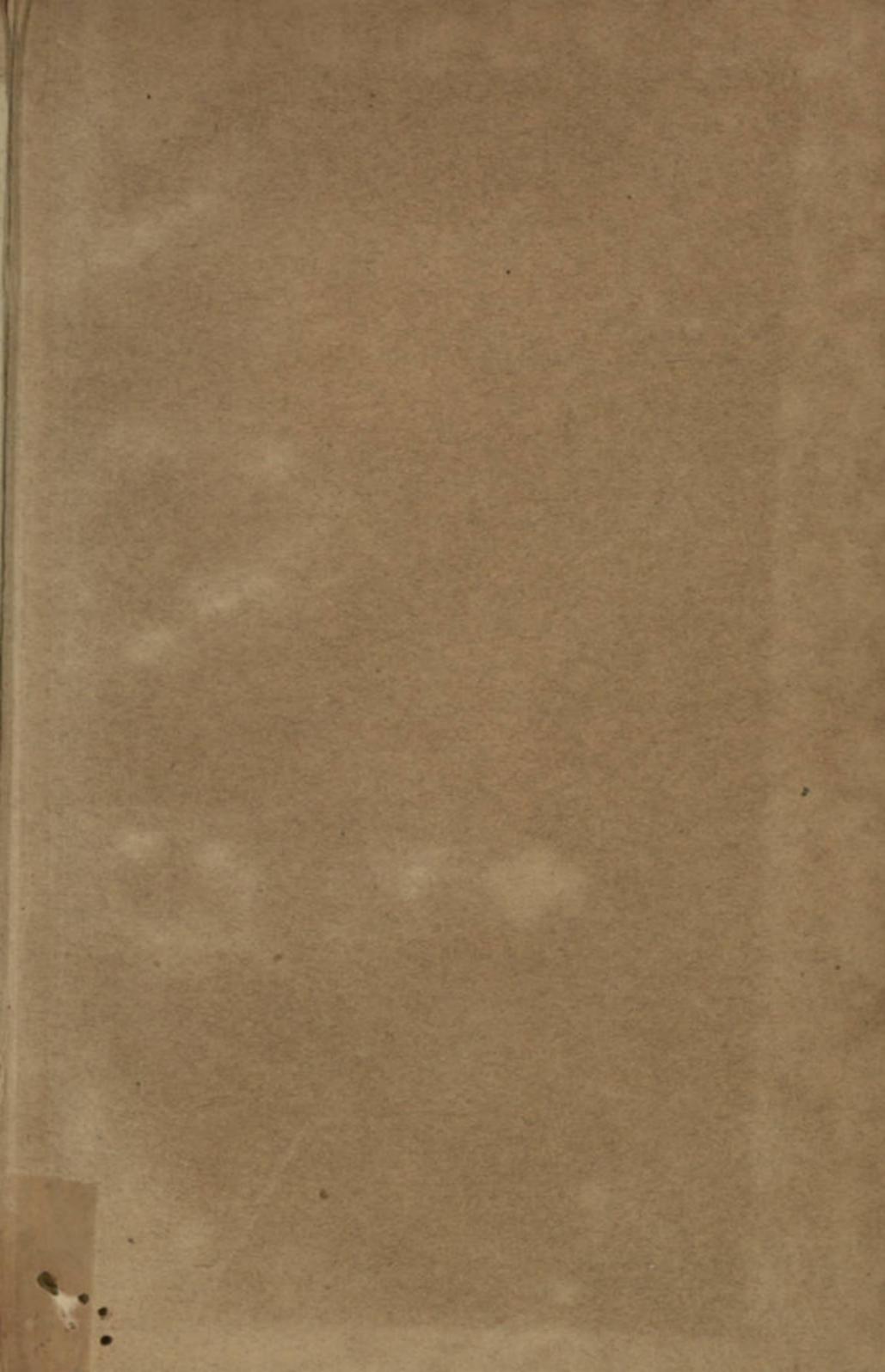




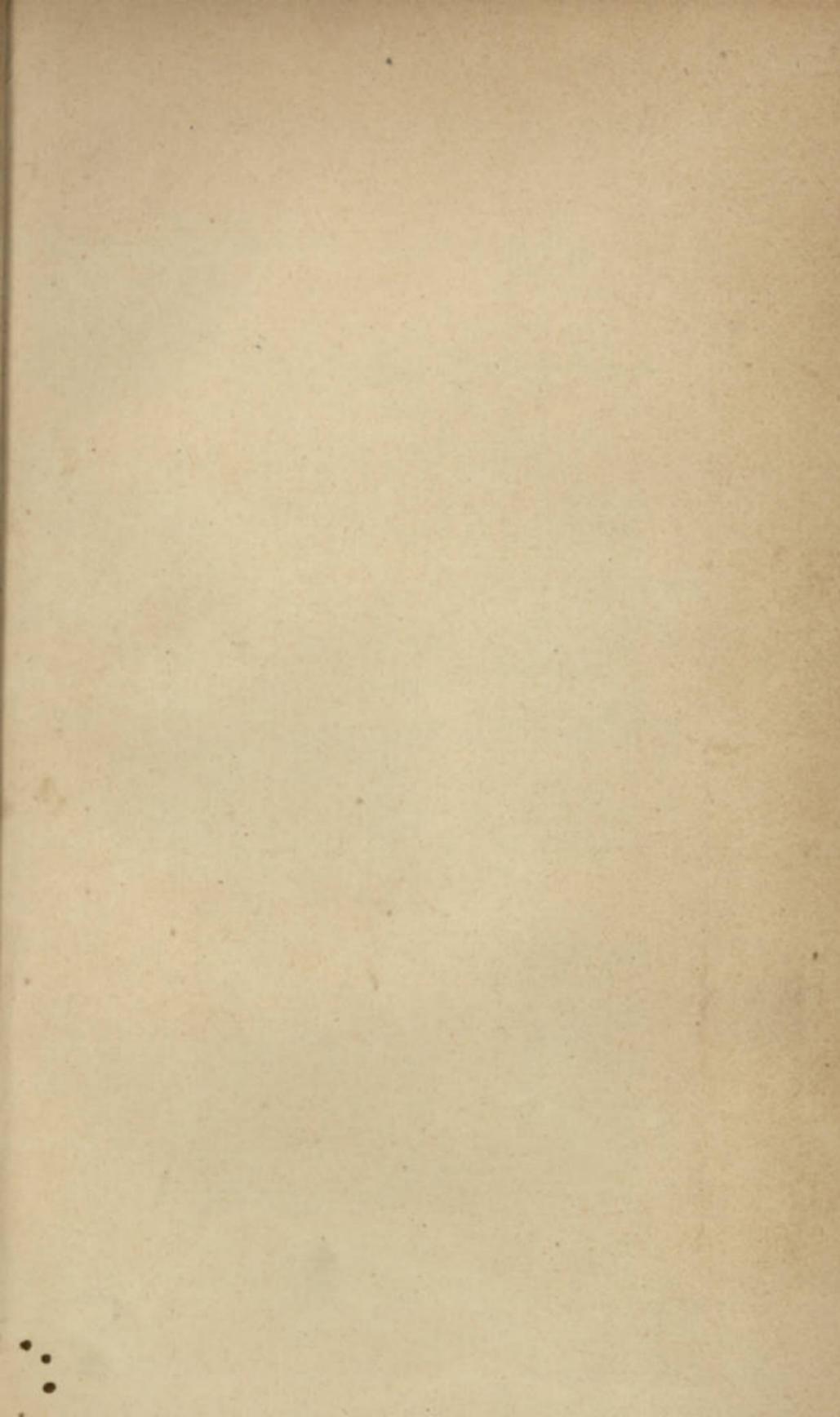
J. G. FRUITA
ENCADERNADOR
LISBOA

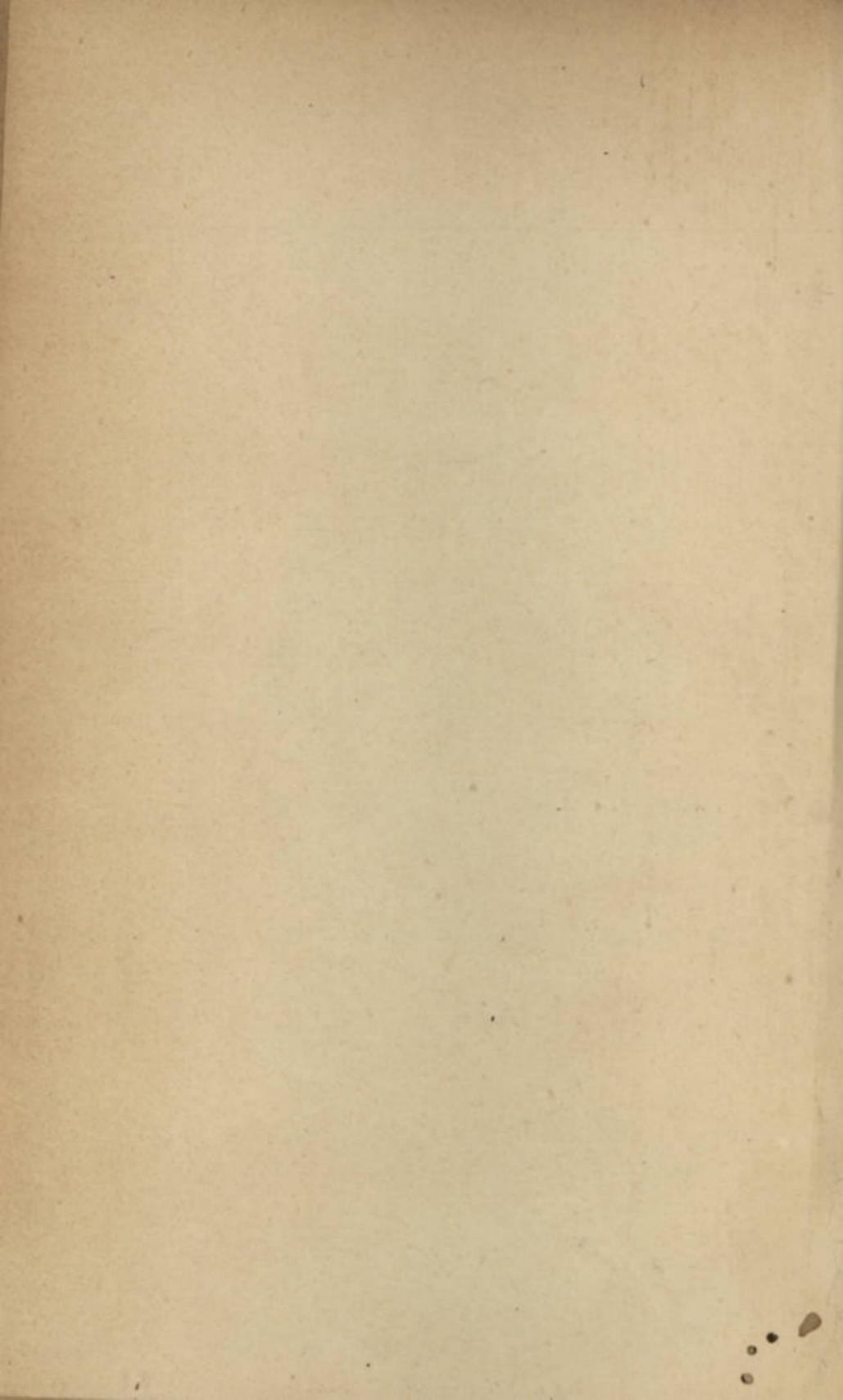
L

12.007





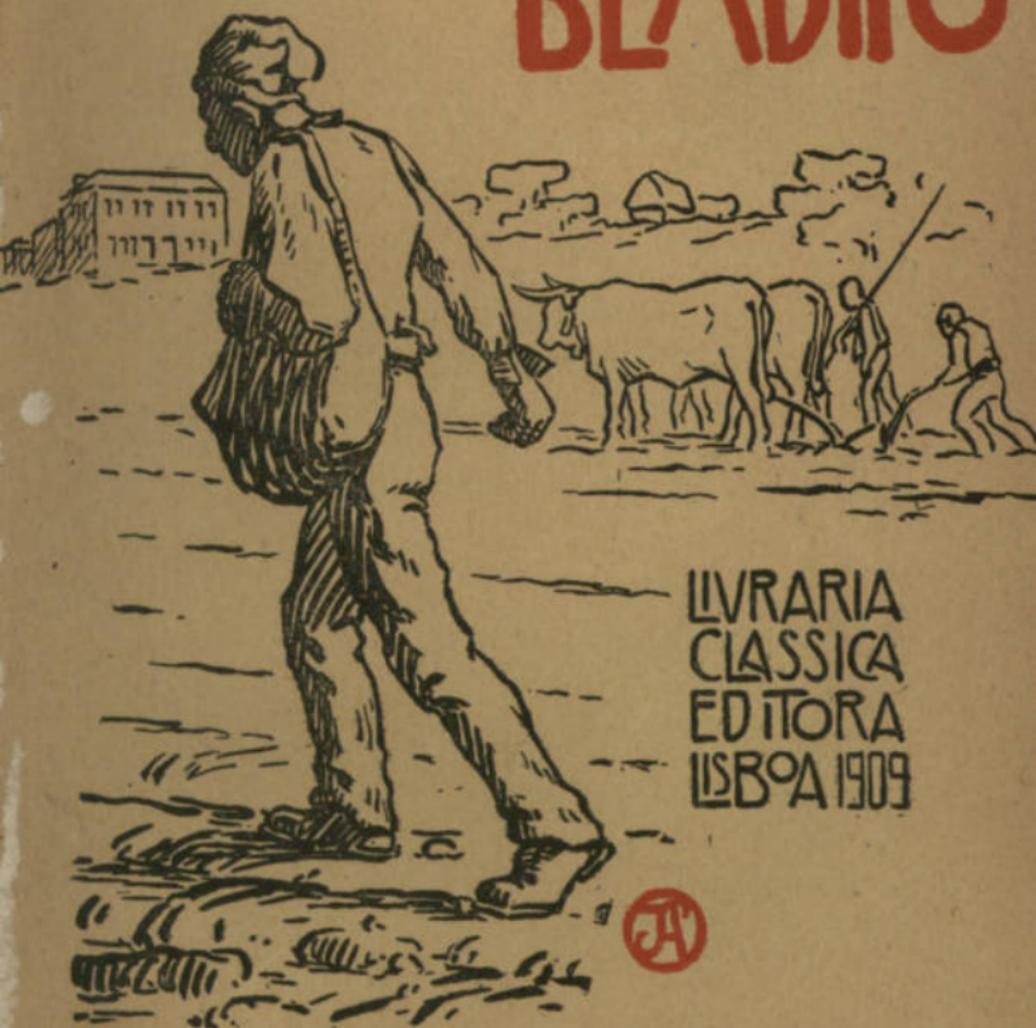




D. VIRGINIA DE CASTRO e ALMEIDA

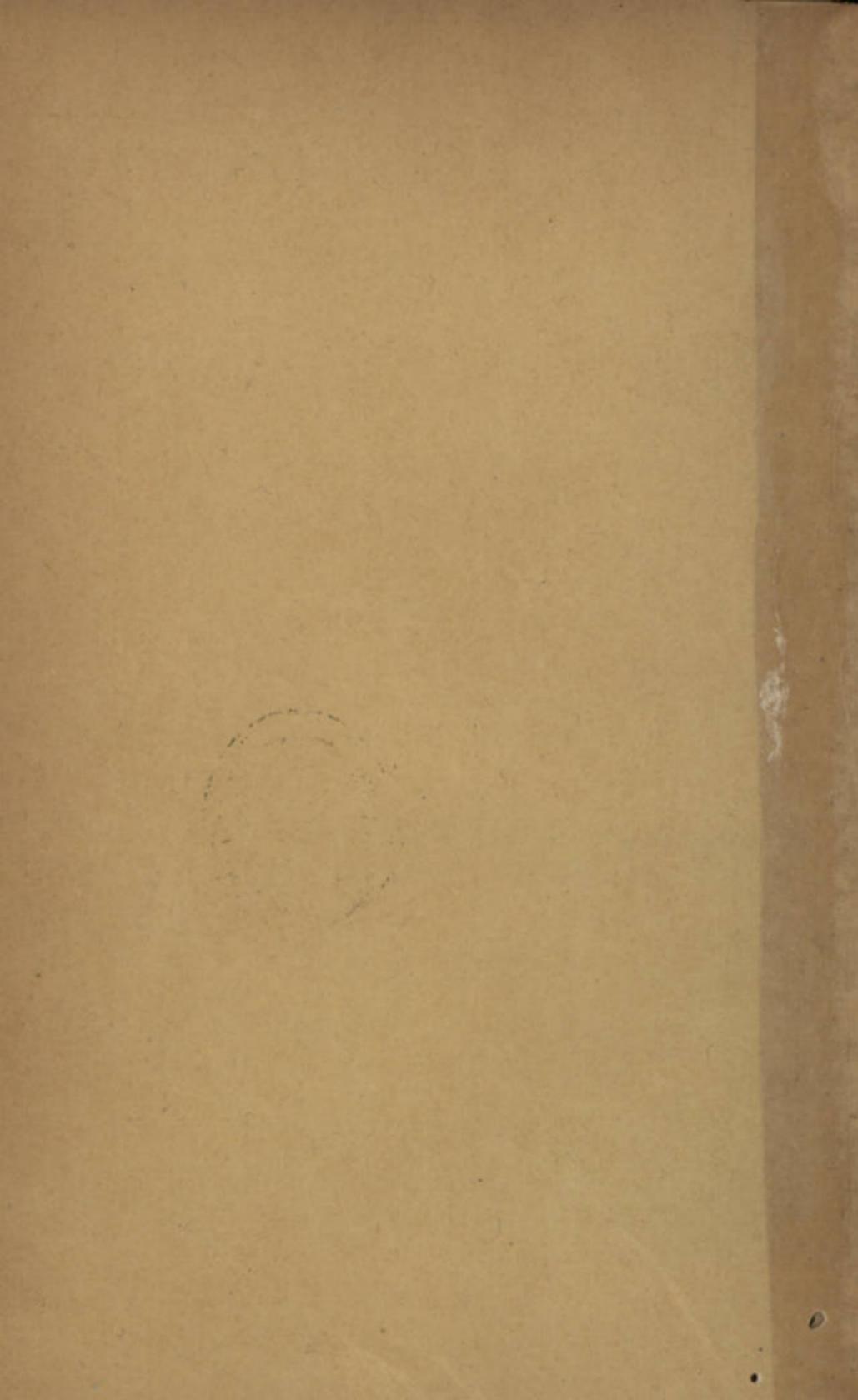
28

TRABALHO BEMDITO



LIVRARIA
CLASSICA
EDITORIA
LISBOA 1909





L.

12.007

TRABALHO BEMDITO



Composto e impresso na Typographia
a vapôr da EMPRÊSA LITTERARIA
E TYPOGRAPHICA † † † †
R. de D. Pedro, 178 a 184 ✱ Porto

DA MESMA AUTORA:

A Fada Tentadora

Livro para crianças. 1 vol. ilustrado 700

Como devo governar a minha casa

Adaptação e modificação do livro italiano de G. F. Tamburini. 1 vol. . 800

Ceu aberto

Livro para crianças, 1 vol. ilustrado. 700

Em pleno azul

Livro para crianças, 1 vol. ilustrado. 600

Terra bendita

1 volume 600

Como devemos criar e educar os nossos filhos

1 vol. ilustrado 800

Trabalho bendito

1 volume 600

EM PREPARAÇÃO:

Capital bendito

Educação de raparigas

D. VIRGINIA DE CASTRO E ALMEIDA



12007

TRABALHO BEMDITO

« Le bonheur n'est pas chose aisée; il est très difficile de le trouver en nous, et impossible de le trouver ailleurs. »

CHAMFORT.



2.765

LISBOA | LIVRARIA CLASSICA EDITORA

↔ de A. M. TEIXEIRA & C.^{ta} ↔

20, PRAÇA DOS RESTAURADORES | 1908

TRABALHO BEMDITO

CAPITULO I

—Boas noites, senhora D. Joanna!

E a Joanna, voltando-se, viu no rectangulo da porta, docemente illuminado pela claridade triste do fim do dia, a figura do velho que todas as tardes lhe trazia o correio.

—Boas noites, Dionizio — respondeu ella. — Como vens hoje tarde! —

O homem pôs o barrete ao hombro, apoiou o varapau á parede e alargou os cordões do sacco de linhagem onde trazia a correspondencia.

—Vinha uma carta registada; levou mais tempo... E depois estavam lá na tenda uns que chegaram das elei-

ções... Puzeram-se a falar, a falar... Palavra puxa palavra e, como o outro... —

A Joanna pegou na correspondencia, examinou-a e rasgou o envelope da carta registada; mas a luz era já muito fraca; não pôde ler, e aproximando-se da mesa, accendeu o candieiro. Entretanto o velho encostara-se á hombreira da porta e ia falando, preocupado com o que ouvira na tenda:

— Mangaram lá de mim porque eu disse que as eleições e os votos eram palha para burros; e que tanto monta a gente votar com este ou com aquelle, a miseria é sempre a mesma. Quem pensa na gente, senhora D. Joanna? Chega o tempo dos votos e são promessas e mais promessas: — Deixa estar que ha-des ter a estrada... e a escola... e a estação do correio... e menos impostos... — E dão-nos palmadas nas costas e *māsadas* e bebem a pinga com a gente... Depois das eleições... boas noites! Vae para o

diabo que te carregue!... Sou mais velho do que elles... E a mim que m'importa? Por ora ainda posso trabalhar para ganhar o pedacito de pão. Depois... vou pedir como os mais. O que se lhe ha-de fazer? —

A Joanna sentára-se ao lado da mesa e começara a lêr a carta.

A voz do velho incommodava-a, mas não tinha coragem de o mandar embora.

— Estás hoje muito falador, Dionizio. — murmurou ella — Não costumas sêr assim. —

— Então que quer V. Ex.^a? Deram-me uma pinga lá na tenda. A pinga alumia as ideias e desembrulha a lingua. Ha cincoenta annos que ando com a enxada nas unhas desde o romper do sol até ás Ave-Marias... Nunca fui capaz de comprar um pedacito de terra. Tinha oito filhos; não vingaram senão tres; um no serviço militar e dois já casados e comidos de cachopos... —

A Joanna embrenhara-se tanto na leitura da carta que nem já ouvia a voz monotonica do Dionizio.

— A gente quando é nova cuida que tem o rei na barriga... — continuava elle dando voltas ao carapuço. — É então é ouvil-os!... como ainda agora lá na tenda... Republica prá'aqui republica prá'alli... e que é preciso votar com aquelle que é amigo do povo e diz que todos são iguaes... Pois deixem-n'o mandar e verão! É tal qual como os mais; o que quer é encher-se. Estou mais farto d'essas cantigas! Palavriados! Importam-se menos com a gente do que eu com o matto que boto de frente da casa para esterco. Mal a gente vota lá o que elles querem... Arreda! Rebenta, alma do diabo, que não nasceste para outra coisa!... Deus me perdõe!... —

O homem calou-se; concertava a jaleca no hombro e pegava no cajado, preparando-se para partir.

— Louvado seja Deus... — resmun-

gou elle — e seja tudo pelo seu divino amor. —

E deu as boas noites.

— Queira desculpar. Isto são desa-
bafos. Não é falta de respeito. A gente
não entende mais... —

E encaixando o carapuço até ás
orelhas, afastou-se com o seu passinho
curto e desigual de velho, fazendo es-
talar a terra secca sob os sapatões car-
dados.

Apenas passou a cancella do jar-
dim, parou, olhou em volta, surratei-
ramente, abaixou-se e tirou detrás do
vallado um molhito de lenha roubada
que alli escondera; tornou a espreitar
para o lado da casa, para o lado da
charneca, pôs o molho ao hombro e
continuou o seu caminho apressando-se
o mais que podia.

A Joanna proseguia na leitura da
carta:

«Deus sabe com que intenso de-
«sejo eu quereria poder dizer-te que
«os nossos receios eram infundados;

«dizer-te ao menos que o desastre não
«era completo, que nos seria per-
«mittido continuar a viver no mesmo
«meio, ainda que tivéssemos de fazer
«alguns cortes ás despezas habituaes.

«Deus sabe quanto soffro com a
«ideia de que não poderei continuar
«a dar-te a vida a que estás habi-
«tuada e que me vejo obrigado a sa-
«crificar-te a uma existencia mais que
«modesta!

«A ruina é completa. Com a que-
«bra do banco onde tinha collocado a
«maior parte da nossa fortuna, coin-
«cide o desastre da empreza ameri-
«cana onde joguei, como sabes, capi-
«taes importantes.

«O que eu temia realiza-se. Vejo-
«me obrigado a vender a casa de Lis-
«boa com tudo que tem dentro; auto-
«movel, cavallo, carruagens, tudo,
«tudo... afim de conseguir pagar as
«dividas e juntar um pequeno fundo
«que nos permite apenas uma vida
«modestissima no campo.

«Parece-me que poderei salvar a
«herdade onde estás e que d'aqui por
«deante será o nosso *home!* Triste
«*home*, nessas solidões alemtejanas,
«onde tu, minha planta delicada, te
«aclimarás tão difficilmente !

«Acredita que preciso de uma
«grande coragem para não dar um
«tiro nos miolos...»

As lagrimas toldavam os olhos de Joanna, cobriam-lhe a vista, não a deixavam continuar a lêr.

Sentia-se infinitamente só e desgraçada. E não podia pensar, não conseguia ordenar as ideias. Não tinha, ideias... A cabeça vasia, e no coração apenas um dó imenso de si mesma, uma saudade da vida que perdia, um desejo de morrer...

Que silencio !

No bafo morno que entrava pela porta aberta só se ouvia o ruido vago dos grillos e dos ralos, unica manifestação de vida naquella solidão immensa que a rodeava, que a opprimia...

Quando o marido a fizera partir para a herdade, afim de subtrahil-a ao espectaculo da derrocada que elle então já sabia inevitavel, não tivera a coragem de lhe dizer a verdade toda.

A Joanna suspeitava apenas que estavam ameaçados de uma ruina relativa; que a sua vida mudaria um pouco; teria de sacrificar alguns confortos, algumas vaidades, talvez uma grande parte do luxo da sua existencia até então despreocupada e faustosa.

Uma noite em Lisboa o marido annunciara-lhe aquellas coisas horri-veis; e seguiram-se umas horas febris de insomnia durante as quaes ella ao vê-lo tão succumbido e desesperado, se exaltara no seu papel de consoladora, abnegando do seu proprio soffrimento, promettendo-lhe a felicidade na pobreza e falando-lhe dos milagres que a sua dedicação faria para doirar a miseria. Mas quando no dia seguinte, vira a mesa do almoço posta da mesma fórma, e as flôres frescas no grande

centro de prata lavrada, e os creados tão correctos, e o chefe na cozinha com os seus ajudantes, e quando fôra de tarde ao Campo Grande na sua victoria rodando sobre os pneumaticos silenciosos, puxada pela parelha de bons trotadores inglezes, sentira-se instinctivamente tão presa, tão fixada naquella vida que fôra sempre a sua!... A ruina pareceu-lhe um sonho mau, uma impossibilidade.

E na existencia mundana que levavam, mais ou menos separados, estranhos um ao outro, o marido envolvido nos seus negocios, nos interesses do seu club, da sua politica, na convivencia dos seus amigos, ella arrastada pela engrenagem das festas, das visitas, das reuniões de sociedades philantropicas a que pertencia com todas as senhoras da alta sociedade, existencia que seguiu o seu andamento regular como se nada tivesse mudado, a sua impressão de sonho, de impossibili-

dade do desastre, accentuou-se cada vez mais.

A Joanna era filha de um homem rico e importante que representara um grande papel na politica.

Tinha tres irmãos. O mais velho, uma intelligencia excepcional, um espirito sério e reflectido, exercera sobre ella uma profunda influencia. Fazia d'aquella irmã a sua confidente, a sua companheira, transmittia-lhe as suas ideias sobre o grande erro social que o obsecava, obrigava a sua mocidade entusiasta e ardente a apaixonar-se com elle pelos sonhos de um nivelamento de classes e de fortunas que formavam a base de todos os seus ideias generosos de justiça e de liberdade.

Liam juntos Tarde, H. George, Lebel, Carl Marx, Tolstoï, Gorki, e elle explicava-lhe as theorias socialistas num intenso desejo de fazer d'ella o typo da mulher moderna, instruida e lucida, que sem abandonar a sua sagrada missão de anjo do lar, se elevas-

se á comprehensão dos problemas serios afim de poder ser a companheira necessaria ao homem, neste periodo tão difficil de transicção e de lucta.

A alma da Joanna, muito sensivel, muito delicada, muito feminina, muito maleavel e tenra ainda, adaptava-se facilmente ao grande sonho do irmão. Emquanto elle acabava o seu curso em Coimbra, de onde tencionava partir para o estrangeiro na continuação dos seus estudos, ella, obrigada pela falta da mãe que morrera havia muitos annos, a fazer as honras da casa e a manter a representação social que a alta situação do pae lhe impunha, desempenhava o seu papel sem vaidade e sem interesse, preocupada com a aspiração de outros horizontes mais vastos, vivendo das cartas que o irmão lhe escrevia, lendo, observando e pensando, numa preparação assidua e conscienciosa para uma vida differente e superior á comprehensão vulgar dos que a rodeavam.

Mas nas vespersas do acto final do quinto anno, o irmão, o mestre, o grande amigo, morreu subitamente em Coimbra.

O desgosto da Joanna foi tão profundo, que os medicos recearam pela sua razão e pela sua vida.

Os outros irmãos, o Luiz e a Francisca, eram muito mais novos do que ella; entregues aos cuidados da mestra ingleza, a Joanna habituara-se a consideral-os quasi como filhos.

O pae, tomado pela obsecação exclusiva da politica e guiado por ideias differentissimas das d'ella, era-lhe pouco mais do que um estranho.

Puxada pelo irmão a uma altura intellectual pouco vulgar no seu meio, a Joanna não tinha amigas; não encontrava pessoa alguma com quem falasse; ninguem entendia os seus ideaes.

Não era pedante; mas julgava obedecer a um destino excepcional e a sua vida era uma expectativa de aconteci-

mentos imprevistos e graves, de grande alcance para ella e para os outros.

E, de repente, sem guia, parecia-lhe que tudo acabára, que acordára de um sonho.

Nesta disposição de espirito desesperada, fizera conhecimento com um homem que lhe pareceu differente dos outros.

Filho unico de um capitalista riquissimo, esse homem, educado no estrangeiro, veio de repente falar-lhe uma lingua desconhecida na sociedade que frequentava.

No circulo pueril onde os seus pares de *cotillons* tentavam interessal-a nas toilettes e na belleza das mulheres mais em evidencia, ou nas intrigas entre personagens conhecidas, ou nas alternativas de successo e derrota dos *matches* de Cascaes, ou no ultimo romance francez apparecido, ou no automavel de 75 cavallos que a duqueza mandara vir, ou no baile de cabeças da legação de França, aquelle homem

lembrava-se de lhe falar nos livros de Renan, e na miseria dos emigrantes portuguezes das provincias do norte, e dizia-lhe que tinha vergonha quando voltava tarde para casa, depois de um baile, de encontrar os varredores das ruas transidos de frio, e os operarios, taciturnos como bois de trabalho, dirigindo-se para as fabricas, na claridade livida do alvorecer.

O grande logar que a morte do irmão deixára vasio no seu coração começou a encher-se com a imagem d'aquelle homem inesperado, e já não achava prazer senão nos logares onde o encontrava.

Pareceu-lhe que elle seria o apoio que lhe faltava tanto.

A Joanna estava na situação de uma creança que deu os primeiros passos pela mão de alguém e que abandonaram de repente só, em pé, no meio da casa. Precisava de outra mão; agarrou-se áquella que lhe estendiam.

Casaram.

Tempo depois a morte do pae, seguida com poucos mezes de intervallo da morte do sogro, deixava os recém-casados de posse de uma fortuna consideravel.

Eram ambos ardentes, apaixonados, muito intelligentes, cheios de boa vontade. Mas, desequilibrados pela vida que os collocava numa situação contradictoria com as suas convicções, a posse repentina d'aquella fortuna veio adormecer mais profundamente os seus ideiaes generosos, as suas aspirações de justiça e, ambos fracos, succumbiram á grande tentação.

Dizendo sempre, afim de enganar a propria consciencia, que mais tarde pensaria no que tinha a fazer, levando o escrupulo supersticioso ao ponto de não querer fixar os seus bens na aquisição de propriedades, o marido lançou-se em formidaveis jogos de fundos, embalando-se com o illusorio ideal de que precisava de mais, de muito mais,

para que a sua renuncia fosse então proveitosa.

E a Joanna, mulher, sem força, entregando-se a elle de olhos fechados, numa confiança absoluta, incondicional e commoda, acabou por achar boa e honesta a sua vida de luxo, da qual se desculpava perante a sua consciencia, embrenhando-se em quantas sociedades e obras de caridade existiam, visitando pobres, distribuindo esmolas sem conta, instituindo asylos, dispensarios, enfermarias numa sede de se enganar, de abafar com aquelle esforço que sabia esteril, a voz do seu remorso.

Ambos viviam descontentes, inquietos, afastando-se um do outro insensivelmente para não terem de descer ao fundo do coração que os accusava.

Nos primeiros tempos, ella dizia-lhe ainda:

— Esta nossa vida não é o que deve ser, Miguel. Nós não temos o direito de viver assim. —

— Tens razão; — respondia elle — deixa-me liquidar este negocio das minas d'Africa, veremos depois o que ha a fazer. —

Mas a liquidação do negocio das minas, não trazia senão um augmento de luxo á sua vida requintada. E a pouco e pouco, a um por um, como luzes que se apagavam, os antigos e nobres ideiaes iam morrendo asphyxiados na atmospherá da sociedade que os cercava.

O Miguel fôra nomeado tutor dos cunhados menores.

Elle e a Joanna decidiram mandal-os estudar para a Suissa onde se conservaram uns poucos de annos, vindo apenas a casa durante as ferias.

E o tempo foi passando.

Estavam casados havia oito annos quando o Luiz, tendo concluido os preparatorios em Zurich, veiu matricular-se na Universidade de Coimbra.

Por essa mesma occasião, a Francisca voltava de Lausanne, uma linda

e perfeita rapariga, declarando que precisava de um pouco de vida de familia e que dava os seus estudos por acabados.

A chegada dos dois irmãos veio accordar um pouco a Joanna do seu entorpecimento.

Por um curioso concurso de circumstancias, o Luiz ligara-se em Zurich a um grupo de estudantes, de ideias avançadas. Quasi todos filiados em seitas ás quaes estavam acorrentados por votos que os levariam mais tarde ao martyrio, tendo feito o sacrificio da sua mocidade e da sua vida a um ideal supremo de amor e de liberdade, aquelles homens eram considerados pelo Luiz como uns apóstolos da verdade e da justiça, e parecia-lhe que o simples facto de os ter conhecido e de lhes ter merecido a confiança, mudava para elle toda a significação da vida e o tornava tambem um predeterminado.

Passou os actos dos seus primeiros

annos de Coimbra com um tal brilho que chamou sobre si as attenções.

Estudioso, pensativo, de uma serieidade e de uma força de character em desharmonia com a sua pouca idade, a repugnancia que tinha por todos os prazeres faustosos, a sua recusa systematica e tranquillã de tomar parte na existencia mundana da irmã e do cunhado, eram, sobretudo para a Joanna, como remorsos vivos; no Luiz resurgia, mais grave e mais austero, o espirito profundo do outro irmão que ella a pouco e pouco esquecera.

A educação que a Francisca recebera em Lausanne, desprendendo-a das preocupações falsas e pueris da maioria das raparigas da sua classe e da sua idade conservara-lhe uma frescura d'alma, uma pureza de raciocinio, uma simplicidade de character que faziam d'ella um campo excellentemente preparado para as culturas mais difficeis e delicadas.

Por uma evolução inevitavel, o

Luiz sentiu-se attrahido por aquella razão transparente e por assim dizer virgem, de um raro poder de assimilação.

E dentro em pouco a Joanna pôde assistir por uma dolorosa intuição, ao trabalho lento e poderoso pelo qual passava o espirito da irmã vigorosamente modelado pela intelligencia esclarecida do Luiz.

Esse trabalho era a reproducção exacta do que se dera no seu cerebro e no seu coração sob a influencia do irmão mais velho duas vezes desapparecido, primeiro da terra, e depois, da sua memoria infiel.

Fôra nesta occasião que o Miguel os mandara para o Alemtejo, afim de os subtrahir aos desgostos e humilhações inevitaveis d'aquelle periodo de derrocada e desmantelamento da sua fortuna.

.....

A Joanna limpou as lagrimas que lhe turvavam a vista e continuou a leitura da carta:

«Para que nem uma só amargura
«me seja poupada neste momento de
«crise aguda da minha vida em que
«vejo desmoronar-se tudo em volta de
«mim, penso com desespero na fortu-
«na da Francisca e do Luiz, que desde
«a sua emancipação me entregaram
«confiantemente e que a minha admi-
«nistração mal inspirada envolveu na
«mesma triste sorte da nossa...»

A Joanna foi interrompida neste ponto da sua leitura por uma gargalhada *crystallina*, tão fresca, tão sincera, tão espontanea, tão inesperada no grande silencio dos campos sombrios, que pela incoherencia do meio de onde vinha, quasi parecia sobrenatural.

Por um movimento instinctivo a Joanna juntou rapidamente as folhas dispersas sobre a mesa; mas as mãos tremiam-lhe, e quando tentava esconder a carta, esta escapou-se-lhe dos dedos e espalhou-se pelo chão.

No mesmo instante assomavam á

porta duas figuras que eram a encarnação da mocidade, da belleza, da força e da saúde.

Um formidável cachorro de S. Bernardo saltava offegante em torno da primeira que entrou e que era a rapariga cuja gargalhada cortara como um canto de toutinegra, o silencio triste da charneca.

«Fóra, Leão!... Maluco! Pateta! Rua!...»

A alegria doida do cão e as suas caricias brutaes faziam-n'a rir ainda enquanto se defendia d'elle e tentava enxotal-o para fóra da sala.

—Joanna—disse o rapaz que a acompanhava, — não imaginas quanto perdeste em não vir conosco. Se soubesses que belleza de passeio!—

A Francisca tendo conseguido já desembaraçar-se do cão, aproximou-se tambem de Joanna.

—Como se respira bem por essas charnecas fóra, irmãsinha! Que pena teres ficado em casa!—

Trazia polainas como o Luiz sob a saia muito curta que lhe desenhava a curva dôce dos quadris; e da cintura para cima, o busto de virgem forte, esbelto e firme, expandia-se como uma grande flôr apenas desabrochada.

— Sentem-se e descancem; — respondeu a Joanna — o vosso passeio durou cinco horas. —

A voz tremia-lhe. Fazia um grande esforço para conter as lagrimas. A alegria e a mocidade inconscientes e exuberantes dos irmãos apanhando-a de surpresa no meio do seu sofrimento acabavam de lhe abalar os nervos. A sua natureza fraca, deshabituada das grandes emoções, incapaz de se vencer, succumbia. E, de repente, escondeu a cara nas mãos e desatou num choro convulsivo.

O Luiz precipitou-se para ella; queria tirar-lhe as mãos da cara, destapar-lhe os olhos, como se pudesse vêr nelles o que a atormentava; em-

quanto a Francisca a beijava, lhe acariciava a cabeça com ternura.

— Mas o que foi? Diz o que tens, o que succedeu?—

— Estás doente? Doe-te alguma coisa?—

— O que podemos nós fazer?... Diz, fala...—

Mas os soluços saccudiam-n'a toda. A convulsão de choro era tão violenta que não a deixava falar. E, mesmo que falasse, o que poderia ella dizer-lhes? Era sempre o mesmo dó immenso de si propria, a mesma fraqueza deante da grande renuncia agora emfim certa e inevitavel, o desalento em frente da vida que a esperava; parecia-lhe que se chorava a si mesma, que chorava a sua propria morte. E, abraçada pelos irmãos, sentia-se longe d'elles porque os sabia incapazes de comprehenderem o seu desgosto, elles, fortes e tão bem armados para a lucta, desejando a lucta, plantas vigorosas e sadias, nascidas e

creadas num terreno limpo, ricas de todas as seivas boas da terra, inconscientes da belleza das suas florações, direitas para o céu numa unica aspiração de sol e de ar puro.

O que chorava ella afinal? A sua felicidade facil e ephemera; o palacio, as carruagens, as toilettes, o automovel, os bailes onde a sua belleza resplandecia, as noites de S. Carlos, o seu camarote que era elegante frequentar-se, a immensa doçura d'aquella vida faustosa e inutil.

E como poderiam elles entender estas coisas? Elles que tinham uns ideaes tão altos e os olhos tão cheios do azul profundo e ethereo do infinito?

—Nada...—murmurou a Joanna afinal—Não façam caso...—

Mas o Luiz vira sobre a mesa a correspondencia espalhada, as folhas cahidas no chão...

—Tiveste más noticias do Miguel? Diz tudo... Que diabo! nós não somos umas creanças!...—

A Joanna levantou a cabeça e os seus olhos encontraram os do Luiz. E naquelle olhar sério e viril que lhe entrou pela alma dentro, pareceu-lhe vêr a expressão tão apagada na sua memoria, tão esquecida, do *outro*...

E abandonou-se, incapaz de se defender, de esconder mais tempo deante d'aquelle olhar, a miseria do seu coração.

Estendeu-lhe a carta do Miguel.

— Lê — disse elle corando até á raiz dos cabellos — E' isto... —

E acrescentou muito baixinho, como quem pede perdão:

— Só isto... —

CAPITULO II

O Luiz leu a carta sem mostrar surpresa nem alteração alguma.

— Mas então... — disse elle no fim, passando-a á Francisca que por seu turno a foi ler para junto do candieiro — Mas então... tu não sabias?—

— Sabia, — respondeu a Joanna baixando os olhos — Sabia... mas não realisava... não acreditava... —

O Luiz ficou um momento calado.

No grande silencio ouvia-se a pancada rythmica de um relógio de pendulo, antigo, cuja columna alta de xarão trepava como uma sombra pela parede, na penumbra, ao fundo da sala.

A luz do candieiro, abafada por

um *abat-jour* de seda vermelha, incidia sobre a mesa, doirava o cabello castanho e encaracolado da Francisca, illuminava a sua cara de Venus grega, de feições regulares e harmonicas, atenta na leitura da carta. E o resto da casa conservava-se num crepusculo doce onde os vultos dos moveis pareciam attentos tambem, numa expectativa de acontecimentos graves.

— Mas se não acreditavas — continuou o Luiz — a nossa modestissima vida, aqui na herdade ha um mez... o que significa? Despediste creados, trabalhas pelas tuas mãos nos arranjos e limpezas da casa, dispensas todos os confortos... porquê?... se não acreditavas? —

— Uma illusão, uma comedia que, sem dar por isso, tenho representado em frente de mim mesma... — respondeu ella em voz baixa, como se falasse mais para si do que para o irmão.

E, depois de uma pausa, continuou:
— Quando o Miguel me disse que

estavamos ameaçados de uma ruina quasi certa e que o vi tão abatido e desesperado, senti em mim uma força immensa para lutar, para me defender e reagir contra as miseraveis angustias... Mas a continuação da nossa existencia em Lisbôa, que depois d'isso em nada mudou, foi a pouco e pouco esmorecendo, gastando as energias que eram filhas apenas de um enthusiasmo passageiro... —

— Mulher!... — murmurou o Luiz abanando a cabeça com desgosto.

A Joanna ia-se animando, á medida que falava.

— Mas só agora é que eu vejo isso... Então... Como a vida facil amolece a nossa coragem! —

— E quebra tudo que ha de melhor em nós! — exclamou o Luiz com vehemencia. — E desmoraliza e aniquila as nossas capacidades mais altas, e mata e espatifa os mais puros ideaes e faz-nos retrogradar á condição mais deprimente e vergonhosa da nossa pri-

mitiva animalidade! Vocês, mulheres, sob as sedas e as rendas e as joias, tornam-se nuns entes miseráveis de prazer e de malícia; os corações dos homens esterilizam-se, atrophiam-se sob os peitinhos hirtos das camisas engomadas. Todo o esforço heroico da humanidade na sua marcha triumphal para a maior perfeição, quebra-se como vidro contra a rocha dura e hostil do vosso egoismo feroz!... —

A Francisca terminara a leitura da carta, e encostada á mão, com os olhos brilhantes, escutava silenciosa, os dois irmãos.

A Joanna proseguiu amargamente:

— Desde o meu casamento a vida tem sido para mim uma comedia... uma comedia... A minha consciencia educada pelo nosso irmão, não me permittia acceitar a mentira, a miseria moral da existencia que tenho levado. A fraqueza, a molleza, a transigencia, a cobardia, augmentavam em mim de

anno para anno, privavam-me da energia precisa para me libertar... —

O Luiz levantou-se; interrompeu rudemente a irmã:

—Do crime! Ha muitas mulheres que na tua situação social não são criminosas, porque desde sempre habituadas ao mal, a moral para ellas é differente: como um filho de ladrão, creado entre ladrões, educado na crença de que a perfeição é roubar bem, não é criminoso, quando, já homem, assassina para roubar. Mas tu... tu que foste creada na verdade e na transparencia luminosa dos unicos ideias dignos da nossa natureza superior e livre... tu!... —

— Cala-te! — gritou a Joanna levantando-se tambem. — Não vês que preciso falar? Não vês que reconheço e comprehendo e que tudo quanto dizes, sou eu... eu que o devo dizer a mim mesma? —

Calaram-se os dois outra vez; e outra vez no grande silencio apenas se

ouvia a pancada rythmica do pendulo, que nas suas oscillações regulares, tinha reflexos intermittentes, avermelhados de luz na superficie polida do disco de cobre.

Mais serena, a Joanna continuou:
— Apertada entre a minha consciencia e a minha fraqueza, restava-me o sophisma. E sophisimei o meu crime durante oito annos, dando esmolas, organizando festas de caridade, tomando a direcção de sociedades philanthropicas, instituindo *creches* e *asyls*... E, adormecendo os meus escrupulos cada vez mais apagados e menos exigentes, acabei por confundir tudo e por tomar a minha vaidade e o meu egoismo satisfeitos, por um repouso de consciencia! Ahi tens onde eu cheguei... Não me quero desculpar; vejo bem todo o abysmo onde me deixei cahir. Quando vim para esta herdade, agora, com vocês, e que despedi creados guardando apenas a nossa ve-

lha Leonor, e que principiei a trabalhar pelas minhas mãos... —

— Sim... — murmurou o Luiz — essa parte não entendo. Admirava a tua resignação, a tua coragem, a tua alegria. Fazias-me a impressão de uma creatura, muitos annos prisioneira, a quem dão enfim a liberdade. Estava convencido que aceitavas a pobreza como um bem, como uma fortuna abençoada permittindo-te o quebrar de cadeias que te prendiam e te magoavam... Mas as tuas lagrimas ainda agora vieram transtornar e confundir as minhas ideias. Não percebia... —

— Não percebias... — repetiu a Joanna — E eu tambem não percebia que estava a brincar com a miseria como as creanças com a boneca; tratando d'ella, vestindo-a, deitando-a, cuidando-a como gente, mas no fundo, *certas de que não é gente* e de que, no primeiro momento de aborrecimento a podem atirar para um canto e deixal-a cobrir-se de lixo, esquecel-a, por-

que a boneca é uma coisa ficticia, passageira, que não tem vida, nem realidade... Entendes agora? Eu não confessava nada d'isto a mim mesma, nem tentava olhar para o fundo da minha consciencia...—

— A tua consciencia! — exclamou o Luiz com amargura. — Mas onde está ella, a tua consciencia? Suffocada, esmagada, aniquilada, sob o peso immenso de vaidades, de egoismos e de todas as malicias da sociedade mais baixa, mais immoral, mais indigna... Sociedade de irrationaes, de reptis, sem côres fixas como os camaleões, oportunistas e cynicos... Sociedade onde é vergonha ser sincero, onde a Verdade é um crime e a Bondade uma inepecia, onde as boas maneiras substituem todas as virtudes e cobrem as mais asquerosas ulceras moraes!... O que elles fizeram de ti! Uma planta delicada, pura e vigorosa, capaz de florescer... Estiolaram-te como ao trigo sagrado e fecundo que inutilizam fa-

zendo-o grelar na escuridão para enfeitar depois com a sua pobre cabelleira pallida e ephemera, as egrejas frias e escuras onde não entra a bem-dita luz do sol! —

E agarrando o braço da irmã, sacudia-a num gesto violento, quasi brutal.

— E não entendes . . . — gritou elle — Não entendes que assim como a *tua* sociedade aprisiona em masmorras e manicomios, e mata, os espiritos livres e fortes que a incommodam, que a ameaçam na impunidade do seu viver criminoso, assim *elles* tambem tenham como unico ideal o anniquillamento d'essa mesma sociedade que consideram nociva e perigosa, indigna de existir, abusiva, esteril, deprimente, repugnante como uma doença de que é preciso livrar a humanidade? . . . —

O Luiz exaltava-se cada vez mais. A sua voz sonora e vibrante enchia a sala, ameaçadora e terrivel; a sua figura parecia crescer, transfigurada pela paixão.

— Fazel-os ir a todos pelo ar, assassinal-os como cães pelas esquinas, affogal-os nas riquezas, destruir-lhes a a raça maldita, queimar, arrazar, não deixar pedra sobre pedra no edificio de iniquidades que não se podem permittir mais tempo, espatifar, matar, incendiar, para construir de novo com os destroços purificados; e semear então os campos fertilizados com as po-dridões... —

— Não! — disse de repente a Francisca.

Voltaram-se os dois para ella.

Muito pallida, aparentemente muito calma, com uma fixidez nervosa no olhar seco e brilhante, a Francisca levantara-se e aproximava-se dos irmãos.

— Não, Luiz, — repetiu ella com firmeza — isso não é, não deve ser assim. Ninguém me disse; mas eu sinto no fundo da minha alma, um instincto segurò, um instincto que não me engana... uma coisa nova, desco-

nhecida, muito forte... E tenho a certeza. —

O Luiz olhava para ella como se a visse pela primeira vez.

— Porquê? — perguntou elle quasi sem querer.

— Porque não temos o direito de nos julgar uns aos outros. Assim como a sociedade dos privilegiados não tem o direito de destruir os espiritos livres e fortes, como tu dizes, assim esses espiritos perdem a sua liberdade e a sua força, no dia em que praticam violencias e injustiças. —

— Injustiças!... — gritou o Luiz.

— Sim, injustiças — respondeu a voz dôce e tranquillã da Francisca — Tu mesmo não disseste ainda agora que um ladrão é inconsciente da sua reversão que julga uma virtude? E não lhe chamas victima quando a sociedade lhe chama criminoso? E não disseste tambem que a gente da sociedade, creada naquelle meio, não pôde ver o mal que nós notamos por-

que a olhamos de fóra e com outra luz?—

O Luiz ia responder quando se ouviram os latidos furiosos e assustados ao mesmo tempo do Leão, como se quizesse atacar um inimigo que temia. E no mesmo instante, pela porta que ficara aberta, entrou na sala, recuando e ladrando a qualquer coisa que via lá fóra no escuro, com o pêlo do lombo todo eriçado, o rabo cahido, os membros hirtos e nervosos levando-o ora em tentativas de arremettidas, ora numa fuga que cedia passo a passo...

— Que é isto? — exclamou o Luiz avançando para a porta.

Mas antes de lá chegar, surgiu no humbral a figura alta de um homem esfarrapado e sujo, de chapéu na cabeça e varrendo deante de si o caminho com a ponta do varapau, afim de se defender do cão.

As duas irmãs recuaram instinctivamente.

— Tenho fome. — disse o desconhe-

cido parando no limiar da porta e olhando para dentro de casa com um olhar taciturno.

O Luiz, que estava agora perto d'elle, apontou-lhe para o alforge atafalhado de pão, de batatas e de hortaliça e de onde sahia o gargalo de uma almotolia de barro vidrado toda besuntada de azeite.

— É mentira. — disse o Luiz severamente — Não tens fome. O que queres? —

O homem fitou nelle os olhos embrutecidos; tremiam-lhe as mãos. E o Luiz sentiu o bafo repugnante que exhalava, a aguardente.

É verdade — balbuciou o homem. — Não tenho fome. Quero... dez reisinhas para beber mais. —

O homem tinha uma pronuncia estrangeirada e falava difficilmente o portuguez.

— Se tivesses fome dava-te de comer; — respondeu o Luiz — se quizeres descançar, podes ficar em nossa casa;

se precisas ganhar dinheiro, dou-te que fazer. Mas para te embebedares não me apanhas cinco reis. Se é só isso que desejas, bates a má porta; podes seguir o teu caminho. —

O homem ficou um momento calado; passou-lhe nos olhos um relampago de odio. E logo principiou a falar com violencia na sua lingua embrulhada e gaguejante da colera que o alcool já ingerido tornava mais furiosa e aggressiva.

— Quem é você para me dar conselhos e querer governar a minha vida? Fique sabendo que já fui *alguem* na minha terra, *alguem* de melhor raça que você. E dava sempre dinheiro aos desgraçados que m'o pediam para beber... Elles que m'o pediam é porque o precisavam. Mais depressa o dava para beberem do que para comerem. Qual de vocês, cevados a quem não falta nada, pôde sonhar as angustias, as miserias, as torturas, o supplicio do pobre que precisa

esquecer e que pede á embriaguez os unicos momentos de paz e de alegria que tem na vida? Vocês que se embebedam de vaidade, de luxo, de ambição, de inveja, de odio, de todas as paixões más e de todas as torpezas, que direito podem ter de negar ao pobre a bebedeira que o faz cantar e ser feliz um momento no meio do seu inferno onde não brilha uma esperança nem um conforto?... Não olhes para mim com esses olhos espantados! Não tenho medo de ti nem do diabo se aqui apparecesse agora!... Tu e os teus semélhantes estão condemnados por mim... por mim, ouviste?... pelo poder immenso do meu desespero e do meu odio que enchem a terra!... —

O Luiz estava assombrado.

Que homem era aquelle? De onde surgira aquelle espectro da humanidade opprimida e revoltada, aquelle grito de agonia e de rancôr que o petrificava de espanto?

A Joanna, immovel, de pé, tremia

de indignação. No escuro da sua natureza feminina, instinctivamente orgulhosa, habituada a ser tratada com a maior doçura e poupada a todos os espectaculos de violencia, sentia-se humilhada por aquella presença, por aquelle atrevimento que a fazia sofrer como se lhe batessem.

E, esquecida de tudo, o seu pensamento unico naquelle momento, era a amargura de não ter ali á mão o botão electrico, o meio de fazer apparecer os creados por quem mandaria correr como um cão aquelle miseravel, atrevido e insolente.

A Francisca aproximou-se do homem e metteu-lhe na mão uma moeda de nikel.

— Tem razão — disse ella — Sinto que tem razão. Tome lá. Vá beber. Esqueça, cante, ria, seja feliz um momento... se puder. —

O homem levantou a cabeça e encontrou o olhar d'ella muito claro, direito, sereno, que o fitava bem de frente.

Não disse nada mas descobriu-se.

E sem mais uma palavra afastou-se.

— Não quer ficar aqui esta noite? — perguntou a Francisca seguindo-o um pouco pela estrada, no rectangulo de luz que sahindo pela porta alta se recortava na terra lá fóra. — Sabe o caminho para a povoação? —

Mas o homem não respondeu.

O vulto confundiu-se com a sombra da noite que envolvia a charneca. Os passos cada vez mais afastados deixaram de se ouvir e tudo em torno da casa recahiu no mesmo silencio e na mesma immobibilidade.

Quando a Francisca entrava de novo na sala, abriu-se a porta da casa de jantar e a Leonor, cuja cara de velha enrugada mas sadia e robusta sorria sempre, annunciou:

— A ceia está prompta. Qual das meninas vem hoje pôr a mesa? —

— Agora é a valer — murmurou a

Joanna com desespero escondendo a cara nas mãos.

— Tanto brincaste com a boneca miseria... Percebeste afinal que era de carne e osso...— accrescentou amargamente o Luiz.

A Francisca respondeu á Leonor:

— Hoje sou eu. Não é a minha vez mas está a apetecer-me trabalhar... Toalhinha lavada, não é verdade, Leonor? E flôres frescas desta tarde... Ah! que lindas giestas! Quem trouxe? —

E durante muito tempo a Joanna e o Luiz, immoveis e tristes, ouviram lá dentro a voz alegre da irmã que não se calava enquanto punha a mesa para a ceia...

CAPITULO III

A Joanna passou uma noite inquieta.

Sentiu pela primeira vez, desde que estava no Alemtejo, a dureza da cama. E nervosa, não se resolvendo a apagar a luz, com medo do escuro que se povoaria logo de vultos indefinidos e de ruidos mysteriosos e terriveis, conservou a luz accesa.

Era um candieiro de tres bicos, um pouco torto, que deixava cahir no prato inferior, com intervallos regulares, um pingo de azeite.

E na claridade discreta das tres chammas brancas e castas, o quarto appareceu-lhe pobre, frio de descon-

forto e de miseria. A alvura crua das paredes, as traves do tecto, caiadas, onde se ouvia o trabalho assiduo do caruncho, o sobrado gasto erguendo em relevos negros e lustrosos os nós duros da madeira, a tranca segurando os batedores interiores da janella desprovida de ferragens, o lavatorio de ferro, o peso da manta hespanhola, listrada, rigida, lançada sobre a colcha de *crochet* e rojando no chão as franjas de côres saloias, tudo isso que até alli lhe parecera de um delicioso pittoresco, se lhe tornava de repente odioso, feria a sua sensibilidade requintada, fazia-a soffrer do mesmo soffrimento brutal que lhe infligira a presença do vagabundo e a sua voz rouca e insolente.

— A que eu cheguei! — pensava ella com a mesma impressão de desprezo e de desgosto de si propria como se uma vida de desordem e de ruina moral a tivesse lançado num abysmo de vergonha.

E, toda envolvida na coiraça de egoismo que a existencia mundana accumulara e enrijara em torno da sua alma, incapaz de um movimento generoso que a salvasse d'aquella angustia elevando-a acima da miseria material e mesquinha, sentia crescer no coração uma especie de vago rancôr pelo homem a quem devia a causa do seu soffrimento.

—Se não tinha capacidade de conservar a nossa fortuna porque me habituou a ella?—pensava a Joanna.— Porque permittiu que os meus ideiaes antigôs se estiolassem e morressem afogados na vida de luxo que me proporcionou? Porque fez de mim um objecto de vaidade e de ostentação? Gostava que admirassem as minhas joias, as minhas toilettes, a minha belleza, o meu espirito, como gostava que admirassem a estampa do seu Cid duas vezes vencedor nas corridas de Madrid. Era o seu modo de gostar de mim... E agora... isto!... —

E as lagrimas corriam-lhe a quatro e quatro como se chorasse a sua mocidade perdida, sepultada num tumulo de marmores e bronzes, onde a luz do sol e os cantos dos passaros, e os orvalhos puros da madrugada, não pudessem penetrar.

O Luiz levantou-se antes das cinco horas e saltando pela janella baixa do quarto para não assustar as irmãs com o barulho das portas, dirigiu-se ao tanque da horta.

A aurora tomava conta de todo o nascente espalhando a sua aureola rosada que morria na pallidez de um verde apenas perceptivel antes de se fundir no azul claro do infinito. Esperando o aparecimento do sol, todo o horizonte se abrazava de purpuras e oiro.

A' beira do tanque, escondido nas ramagens de um freixo, um rouxinol cantava ainda, confundindo a sua voz com a da toutinegra. E lá de muito longe, vinham as gargalhadas doces

das rolas, a espaços, como se nos intervallos de silencio estivessem contando entre si, baixinho, as coisas que as faziam rir.

Apagadas pela distancia, esbatidas, as duas notas aflautadas do cuco, precipitavam-se uma atraz da outra, ternas, veladas de amor, seguidas de um intervallo curto como se de cada vez fôsem interrompidas por um beijo.

O Luiz despiu-se e mergulhou no tanque. Desappareceu um momento sob os redemoinhos da agua, e logo a sua cabeça viril de joven deus pagão surgiu toda molhada das gottas que escorriam pelos cabellos encaracolados e pela barba que apontava emoldurando-lhe o queixo e as faces de uma penugem macia de fructo.

O ar interposto entre a pelle e a agua envolvia-o numa brancura metallica de prata fôska. E via-se-lhe na transparencia do liquido irisado, o corpo resplandecente de mocidade, a har-

monia das fôrmas, o vigor dos musculos.

Sahiu do banho com uma impressão deliciosa de mais força, de mais saude, de mais alegria de viver.

Olhou em volta e pareceu-lhe que toda a horta cantava e ria na frescura da madrugada.

A floração das arvores de fructo cobria-as de neve. Uma neve cuja brancura se alterava em cambiantes suaves, como a neve das montanhas sob os raios do sol, passando vagamente da alvura etherea das ameixieiras ao rosado apenas perceptivel das pereiras e macieiras e ao rosado quente e magoado dos pecegueiros.

A agua corria pelas regadeiras com murmurinhos discretos arrastando na superficie raios de luz, escurecendo a terra de onde subia um cheiro acre e saudavel.

Atravessando os canteiros em linhas parallelas, as couves alastravam rente ao chão as grandes rosas da sua

folhagem turgida; e os feijoeiros erguiam-se em pyramides escuras e compactas, enroscando-se nos apoios, sempre mais alto, e lançando para cima numa aspiração de luz, os rebentos novos, oscilantes nas pontas dos ramos.

O ceu inundara-se de luz; e a terra vibrante de amor, mostrava-lhe os thesouros das suas florações, dos seus pollens fecundantes que entregava ás brizas e confiava aos insectos empoeirando-os d'aquella milagrosa poeira de oiro que encerra o germen da vida.

— Como a vida é linda! — exclamou o Luiz em voz alta.

E foi caminhando por uma rua da horta entre duas alas de pecegueiros em flôr.

Mas pouco tinha andado quando voltou á esquerda; e curvando-se e afastando deante de si os ramos floridos, deixou o caminho e atravessou um pedaço de chão que um homem lá adeante cavava.

O homem, de costas, e entregue á

sua labutação, não lhe ouviu os passos sobre a terra molle.

E o Luiz parou por detraz d'elle e ficou um pedaço immovel, a vel-o trabalhar.

Sob a camisa velha, cujo panno já muito poido se-colava ao corpo, via-se a musculatura do cavador. Bem firme sobre as pernas rijas, direitas, um pouco afastadas, o dorso erguia-se a prumo levantando a enxada nos braços.

Como as mallas de um poderoso machinismo, os musculos do thorax avolumavam-se na concentração da força e o instrumento pesado descia numa queda rapida, violenta, faiscando ao sol; e feria a terra do golpe certo dos seus dois gumes com um ruido surdo que a respiração do homem acompanhava. Depois a terra era lançada para traz num gesto saccudido e apparecia o corte feito pelo ferro, lustroso e fundo.

Novamente a enxada se erguia

muito alto nos braços duros e possantes, novamente faiscava um momento, symbolica, sobre a cabeça humilde do homem, novamente se abatia a ferir a terra. O mesmo gesto, a mesma contracção dos musculos, o mesmo golpe certo...

O Luiz olhava o cavador em silencio.

E a pouco e pouco invadia-o uma grande tristeza.

Como aquelle homem trabalhava!

E toda a vida trabalhara assim; o trabalho na sua manifestação mais rude, mais grosseira, o trabalho exclusivamente physico não pedindo ao homem senão o esforço animal do seu corpo, desprezando as energias sagradas da intelligencia...

E pensar que apenas uma parte minima da humanidade utiliza essas energias sagradas, e que a grande massa de um modo ou de outro, conserva a sua baixa animalidade pela concentração das forças vitaes no tra-

balho material e doloroso que a tolhe e a oprime.

E elle que estava prompto a dar a sua intelligencia, o seu esforço, a sua vida... o que poderia fazer, tão só, contra obstaculos tão formidaveis?

Educado na Suissa, temperado ao terrivel calor das ideias revolucionarias e dos enthusiasmos que arrebatam, no grande tumulto da lucta, no centro da forja em plena actividade onde se lançam as vidas em heroismos e abnegações gerados pela indignação e pela revolta, sentia-se agora perdido no silencio e no repouso dos nossos campos soffredores e resignados.

Como aquelle homem trabalhava!

E a suspeita que se lhe avolumava no espirito desde que viera para o Alemtejo, confirmava-se: o trabalhador propriamente dito, pouco se elevava acima da animalidade.

As ideias progressivas, os conhecimentos, as energias necessarias para a grande evolução, vinham quebrar-se

contra aquellas boas testas obstinadas de fatalistas, marcadas de geração em geração pelo cunho da ignorancia, do embrutecimento e da superstição.

E era assim por toda a parte. Sobre toda a superficie da terra, estas tres forças dominavam a humanidade.

Como podéra elle sonhar... Sentia-se desalentado.

O futuro deixava de lhe apparecer vigoroso e fecundo.

Como aquelle homem trabalhava!

— Bons dias, João -- disse o Luiz afinal.

O cavador voltou-se, e tirando o chapéu :

— Salve-o Deus, — respondeu elle — Então veio gozar de um passeiosinho pela fresca? —

— Pois então, João! Faz bem respirar este ar da manhã! —

— Um sol real, louvado seja Deus! para puxar as sementeiras temporãs. E é bem preciso que o pão este anno venha com fartura. No anno passado

a seca tisonou tudo que houve pr'ahi searas onde nem mereceu a pena metter a foice. —

— Vae buscar outra enxada e dá-me a tua. Quero cavar contigo. —

O homem sorriu.

— Isto não é para as suas mãos, sr. Luiz. Tem as mãos mimosas e os braços não estão costumados. Cá a gente é outra coisa. —

— Deixa-me experimentar. Porque ha-de ser outra coisa? Sou rijo e de carne e osso como tu. —

O João ficou pasmado a olhar para elle.

— Não diga isso, sr. Luiz. Cada um é para o que é. A gente não nasce toda igual. Até é pecado . . . —

Mas o Luiz despira o jaquetão e o colete e tirava-lhe a enxada das mãos.

— Anda, vae buscar outra enxada; vem cavar aqui para o meu lado. —

O João partiu direito á arrecadação da horta.

Pelo caminho ia a scismar:

— Rijo e de carne e osso como eu! Como se os ricos fossem feitos da nossa massa!... Aquillo nasce com os pés para baixo. Cá a gente é que é para o trabalho e para as relações. Elle não tem culpa e eu tambem não. Quem manda está lá em cima e faz tudo pelo melhor...—

O João nunca pensava n'aquellas coisas. Nem n'aquellas nem n'outras.

Levantava-se ainda de noite para entrar no serviço ao nascer do sol. Pegava na enxada ou na gadanha, ou na foíce, fósse no que fosse que o capataz destinasse; e trabalhava todo o dia.

Ás horas dos quarteis, tirava do cesto o pão de milho, cortava-lhe com a navalha bem afiada uma talhada grossa e sentava-se á sombra a comer; o *conducto* era uma lasca de queijo, ou uma sardinha, ou um pedacito de bacalhau.

Quando andava em rancho n'algu-
ma surriba, ou arroteia, ou na monda,

ou na ceifa, ou na vindima, ou na ap^uinha da azeitona, trazia o farnel cru; e a cozinheira lá arranjava aquillo juntamente com o jantar dos outros, na grande correnteza de panellas alinhadas dos dois lados do tronco de pinheiro meio verde que ardia estendido na terra a estalar e a desfazer-se em fumaceira. Então comia o comer quente; e era bom; umas couvitas migadas, umas batatas, com a pitada de sal e o fio de azeite... poucochinho, só para temperar. Esmigalhava por cima do prato o pão de milho duro que se esboroava todo e engrossava o caldo.

A's Ave-Marias, enfiava o cesto no cabo da enxada e voltava para casa, de jaleca ao hombro, moido, desejando chegar, com vontade á ceia.

Sentava-se no degrao da porta, accendia um cigarro.

A mulher voltava da fonte com a enfusa á cabeça e a cachopita mais pequena ao collo.

E elle ralhava:

— Raios te partam!... Passas a tarde a dar á lingua na fonte, e o trabalho por fazer. Para que serve falar? O diabo devia cortar a lingua das mulheres; mas cada vez lh'a acrescenta mais... O que é a ceia? —

— Arroz com abobora. —

— Sempre arroz com abobora! — resmungava elle — Não sabes fazer outra coisa!... —

A mulher zangava-se por seu turno:

— Olha o fidalgo! A torcer o nariz ao comerzinho tão bom! Queres *chicha*? Que é do dinheiro? Bebel-o todo ao sabbado e queres que elle chegue depois para o resto! Anda aqui uma pessoa envergonhada que nem sapatos tem para ir á missa ao domingo... E um filho por anno... e nem leite tenho para lhes dar... Escanzelada a passar fome, a matar-me de trabalho... E o fidalgo quer *chicha*! Diabos te carreguem mais á tua fidalguia!... —

O homem calava-se. Aquillo não

lhe fazia quente nem frio; mas não gostava de barulho em casa.

Sentava-se á mesa juntamente com os filhos.

A mulher entornava a ceia do tacho para o prato grande, todo lascado; atirava as colheres de estanho amolgadas e cada um pegava na sua e comia *na mesma gamella como os porcos*, dizia o João rindo.

E o máo humor ás vezes dissipava-se emquanto os dois olhavam para os cinco cachopos esfomeados, lambusando-se na comida, todos desfigurados de porcaria amontoada, rotos, quasi nus.

— A Maria do Joaquim já teve o creanço? — Perguntava o João.

-- Esta tarde. Andava á lenha. Deram-lhe as dôres lá em cima, no pinhal. Não teve tempo de chegar a casa. Largou o cachopo no alpendre da tia Rita. —

E a mulher ria.

Um pequeno acrescentava :

— Berrava que se ouvia na fonte. Ah rapazes!... aquillo é que era berrar! —

O João bebia por cima da ceia umas goladas na caneca de agua fresca; limpava a boca ás costas da mão.

Depois vinha o somno; o somno pesado como uma bebedeira.

Trancava-se a porta; apagava-se a candeia. Atiravam-se para cima da enxerga onde dormiam juntamente com os filhos, toda a noite, como se estivessem mortos.

O João nunca pensava. Pensar em quê?

Ás vezes ao domingo, sentado lá a um canto da tasca do Rapidez, deante do copasio de carrascão, com a cabeça já um pouco turva e os olhos vermelhos, punha-se a escutar a rapaziada.

Uns que tinham sido soldados, outros que voltavam da apanha da azeitona, das mondas, ceifas, e mais raramente algum que estava caixeiro em

Lisboa e que se encontrava de visita na terra.

E tudo aquillo falava que era um louvar a Deus.

A republica é que era, diziam elles; todos ficavam ricos e cada um fazia o que queria. O povo é que mandava. Pois então?!... Para que servem os ministros e os fidalgos? Raios os partam, que só teem prestimo para comer o pobre de impostos! Bem faziam os hespanhoes que tinham rebentado uma data d'elles com uma bomba...

— Uma bomba?!...—

— Está visto. Uma bomba feita lá com umas drogas que matam gente nuns poucos de covados em redor...—

— E para quê? — dizia o Rapideza que tinha de seu e lia o «Seculo» aos domingos.— Para serem todos enforcados. Foi o que elles ganharam.—

— Tudo isso é medo — declarava um farçolão de melenas que estivera a servir em Lisboa.— O medo é que

mata a gente. Se fossem todos como eu!... —

O João ouvia aquillo tudo sem dizer palavra; e a sua opinião não mudava:

— Cada um é para o que é. Os ricos nascem com os pés para baixo. Lá estava em cima quem destinava tudo. —

E quando sahia da taberna, com a cabeça quente e as ideias confusas, não trazia de lá senão o vinho que tinha bebido.

No dia seguinte pegava na enxada tal qual como na vespera, sem se lembrar mais do que ouvira.

— Eia!... com seiscentos mil... Isto é que é uma gana, sr. Luiz! — exclamou elle quando chegou da arrecadação.

O Luiz encostou-se ao cabo da enxada e voltou para elle a cara risonha e affogueada onde escorriam gottas de suor.

— E as mãos? — perguntou o João.

— Ardem como a breca. Mas hão-de costumar-se. —

O João estava divertido. Achava graça áquillo.

— Então vamos lá para deante — disse elle.

E cuspiendo nas mãos, agarrou no cabo da enxada que trouxera e principiou a cavar ao lado do Luiz.

Trabalharam juntos duas horas.

Então o Luiz parou. Estava alagado em suor; as mãos esfoladas; a cabeça esvaída; os olhos injectados de sangue.

— Escuta, João; — perguntou elle ao seu companheiro, — nunca te passa pela ideia que este mundo não anda como deve andar? Nunca te parece mal trabalhares assim tanto e ganhares tão pouco, emquanto outros iguaes a ti, teem sempre boa mesa posta sem cuidados nem cancelas? —

O João pôs-se a olhar para o Luiz coçando a cabeça por debaixo do chapéu.

— Mas é que não são iguaes a

mim... Ahi é que está. — respondeu elle afinal. — Cada um é para o que é.

Hesitou um momento como se fizesse um esforço para reflectir. Mas desistiu logo; e teve um sorriso manso e bom como poderia sêr o de um boi *ratinho*, se lhe fosse dado o sorriso.

— Saberá V. Ex.^a que eu nunca penso n'essas coisas. Não tenho cabeça para pensar n'essas coisas. A gente é bruta. E para que serve? Lá está quem determina tudo... —

E apontava para o ceu.

O Luiz não insistiu. Sentiu que não havia meio algum de abrir aquelle cerebro, paralyzado pela hereditariedade da miseria e da ignorancia e pela concentração da actividade vital nos musculos destinados a um trabalho desproporcionado, á mais leve comprehensão das ideias que lhe absorviam a elle todas as forças da intelligencia desenvolvida e lucida.

Despediu-se do João e dirigiu-se para casa.

A fadiga physica esvasiava-lhe o cerebro. Um torpor nos membros doloridos! Um canção!...

Mas o desalento e a tristeza tinham desaparecido como um fumo negro que o vendaval dispersa.

Sentia-se contente sem saber porquê; o espirito recusava-se-lhe a qualquer raciocinio mais profundo que lhe fizesse descobrir a causa da sua satisfação.

Era um contentamento animal, um gozo inconsciente e bom.

Cavara duas horas; fôra capaz de cavar duas horas seguidas, sem descançar; doiam-lhe as mãos; sentia nos musculos doloridos uma rijidez de metal; a enxada era pesada e a terra dura; o sol estava quente. Achava-se forte e vigoroso; com a circulação accelerada do sangue subiam-lhe ondas de prazer e de orgulho por ser forte e vigoroso.

A intelligencia que cedera á actividade dos musculos as suas habituaes

energias, funcionava frouxamente. E a verdade apparecia-lhe sob uma fórma vaga, encinzeirada. Pensava que o trabalho era uma grande força, um severo disciplinador, um poderoso gerador de felicidade; na sua expressão mais grosseira, mais bestial (cavar a terra!...) cançando-o, magoando-o... como elle ainda assim, tivera o poder de lhe espalhar pelo organismo todo, a bôa e sã alegria de viver!

Entrou no carreirito que passava junto á parede da casa.

E de repente bateu-lhe na cara um bafo quente e viu deante dos olhos uma projecção de fagulhas e de pedacitos de carvão...

— Perdão! — gritou a Francisca, que soprava um ferro á janella da casa de engommar. — Não ouvi os teus passos... Queimeite? Coitado do meu velho!... —

E pôs-se a rir, encostada ao parapeito da janella, enquanto o Luiz sacudia a cinza, rindo tambem.

— O que estás fazendo? — perguntou elle.

— Prodigios! Anda vêr depressa.—

O Luiz dobrou a esquina da casa e entrou pela porta da cosinha.

— Ih! Em que estado o menino vem! — exclamou a Leonor que temperava uma salada, junto á meza.

— Estive a cavar — respondeu o Luiz. E sentiu que dizia aquillo com uma especie de orgulho.

Mas a Francisca veio esperal-o ao corredor e levou-o deante de um antigo armario de castanho.

— Olha! — exclamou ella.

E abriu os batentes carcomidos.

Logo se espalhou pelo quarto o perfume fresco e puro da alfazema e da roupa bem lavada. O Luiz viu o linho que se amontoava nas prateleiras fundas em rumas symetricas, lustrosas, resplandecentes de brancura.

— Não é bonito? — perguntou a Francisca.

— Lindo!— respondeu o Luiz, olhando para ella com ternura.

A Leonor appareceu á porta e metteu-se na conversa:

— Olhe o menino, que a sua irmã está a pé desde as cinco e meia. Arrumou o seu quarto e o do menino, varreu e limpou a sala, varreu a entrada da casa, pôs a meza para o almoço e ha duas horas que está a passar a ferro... E olhe para ella! Parece uma rosa. Nem afogueada, nem cançada... fresca e socegada como se tivesse sahido agora da cama. Isto é que é uma mulher!—

— Um amor de uma mulhersinha! — apoiou o Luiz.

E sentia a felicidade em torno de si como se fosse uma coisa viva.

— O almoço está muito atrazado, Leonor? — perguntou elle. — Tenho uma fome!—

— Está quasi prompto, — respondeu a Leonor; e sumiu-se para a cósinha.

—Senta-te ahi um bocadinho a descansar enquanto eu acabo de engommar esta blusa da Joanna. — disse a Francisca.

O Luiz sentou-se e ficou algum tempo silencioso a vêr a irmã que se curvava sobre o ferro, a vincar as pregas da blusa.

— Como é que tu podes trabalhar assim tanto sem te cançares? — perguntou elle afinal.

— Mas tu bem sabes que nós em Lausanne trabalhavamos em todas estas coisas. Estou trenada. Faço aqui o que fazia lá. Trabalho como tenho trabalhado sempre. Nunca me cancei por tão pouco. —

— E... és feliz? — tornou o Luiz que seguia lá a sua ideia.

A Francisca pôs o ferro no descanso, endireitou-se e olhou para elle admirada.

— Porque não hei-de sêr feliz? — disse ella — Tu não vês? —

Esta ultima phrase sahiu-lhe tão

expontanea como se ella achasse extraordinario que a sua felicidade intima, simples e profunda, não fosse vista por todos na transparencia da sua alma tão clara e tão pura.

— Tens razão. — murmurou o Luiz depois de um silencio.

CAPITULO IV

A Joanna appareceu ao almoço muito pallida, com os olhos inchados e queixando-se de nevralgias na cabeça.

— Não te vi em toda a manhã — disse o Luiz.

— Dormi muito mal e hoje levantei-me tarde. Depois li um pouco. Estou enervada, descontente commigo... —

— Pobre irmãsinha! — exclamou a Francisca olhando-a com uma ternura maternal.

Quando acabaram de almoçar, a Francisca e o Luiz foram para o quartô da Joanna, sentindo que não

deviam deixal-a só, que ella precisava do seu apoio e da sua força.

— O que andas lendo? — perguntou o Luiz pegando nuns livros que estavam em cima da mesa.

E logo franziu a testa.

— Ah! Joanna!... — disse elle.

A Joanna córou e baixou os olhos.

Houve um silencio emquanto o Luiz examinava os volumes.

— Nenhum d'estes livros te foi de certo aconselhado pelo nosso irmão mais velho, no tempo em que elle era o teu mestre, o teu grande amigo... — tornou o Luiz, que fazia um esforço para não se irritar, para não dizer coisas desagradaveis.

Mas a Joanna interrompeu-o:

— Cala-te! Para que has-de apouquentar-me ainda mais? Não vês que estou doente? —

— E é com estas leituras que tentionas curar o teu mal? —

— Mas que livros são esses? — perguntou a Francisca, para mudar o

rumo da conversa que principiava a parecer-lhe cheia de perigos.

—Psychologia. Livros de... psychologia... — respondeu o Luiz com ironia, accentuando comicamente a ultima palavra.

A Joanna irritou-se.

— Vaes agora ser o meu director espiritual? — perguntou ella com a voz um pouco mudada.

O Luiz cahira mais em si; tentava dominar-se.

— Joanna, — disse elle brandamente — dás-me esses livros? Deixas-me levar d'aqui para fóra estes Bourget, estes Annunzio, todos estes miasmas de doenças perigosas, estes historiadores de almas morbidas, estes venenos doces que matam lentamente... que te fazem chorar sobre ti mesma, que te prolongam a agonia glorificando a fraqueza da tua alma, desculpando e doirando o teu crime? —

A Joanna não respondeu. Estava muito pallida.

Mais uma vez a Francisca desejou intervir; mas o Luiz aproximara-se da Joanna, todo vibrante de paixão, retomado pela sua febre.

— Joanna, um dos meus companheiros em Zurich era um homem superior, um homem que não pensava em si, que deixara de existir para si. Entendes? Quando a gente o via, quando o ouvia falar (como elle falava!...) tinha quasi a impressão de vêr uma creatura de outro mundo, de falar com um sêr immaterial, longinquo, de tal fórma elle abstrahira do seu *eu* e dera tudo... toda a sua alma, toda a sua vida, tudo... pelos outros, pelos unicos que contam, pelos que soffrem injustiças, oppressões... *os unicos*, entendes?... Esse homem dizia-me que o nosso principal apoio, a nossa consolação e o nosso paraizo, era a mulher. Não a mulher que nós temos, esse ente deprimido, miseravel, fraco, poço de vaidades e de vicios; mas sim a mulher que havemos de crear, nós

que pela nossa propria mão a fizemos tal qual ella hoje é. E dizia que mereciam a morte, a morte pela tortura, os homens que escrevem para as mulheres estes livros; os homens de talento, os artistas, que utilizam o talento e a arte na producção de obras que teem sobre a fraqueza da mulher uma acção tão profundamente desmoralizadora. Dissecadores de almas anormaes, profanadores da santa luz da verdade, talhando com gestos de hypnotisadores, os moldes onde cada mulher quer encontrar o relevo do seu proprio estado de alma, avolumando-o e modelando-o sob o imperio da irresistivel seducção, até ao aniquilamento completo das suas primitivas linhas de pureza e de simplicidade. Vozes de uma deliciosa harmonia, sereias perigosas que vos atraem acabando por vos arrastar ao abysmo. Cantos que vos entorpecem, que vos privam da razão bemdita, da liberdade sagrada do espirito, que alimen-

tam o vosso sentimentalismo... (o vosso sentimentalismo, Joanna! onde toda a nossa esperança de salvação vem morrer!) dando-vos requintes de gozo perverso na contemplação dos soffrimentos românticos e falsos onde todas as energias se absorvem, deixando-vos impotentes para as luctas necessarias e reaes, geradoras da unica alegria saudavel, da unica felicidade que existe! —

O Luiz exaltara-se; as palavras sahiam-lhe como torrentes impetuosas.

A Joanna sentara-se na borda da cama, e soluçava com a cara escondida no travesseiro.

— Porque me deixei eu levar na corrente da vida que não era para mim? Porque esqueci eu tudo isto? E porque tenho saudades do meu peccado e da minha inutilidade?... —

A Francisca percebeu no seu instincto delicado e seguro que não podia intervir; tudo que elles dissessem

agora, devia ser dito. Aproximou-se da janella e encostou-se á hombra numa expectativa serena e confiante.

O Luiz olhou para ella e teve a impressão de que a luz do dia se tornava mais radiosa ao passar pela sua belleza de flôr delicada e pura, mais dôce ao calor da sua alma tranquillã e boa. Sentiu que se quebrava a violencia do seu rancôr e que a sua paixão se fundia deante d'aquelle olhar.

Aproximou-se da Joanna, pôs-lhe a mão no hombro e continuou a falar, mas com outra expressão:

— Não me parece bem que alimentes a tua dôr, que demores sobre ti mesma o pensamento, achando interessante a tua situação de anjo cahido e saboreando a amargura romantica do teu papel de victima. É é o que fazes não sacudindo esse torpor doentio que pelo contrario agravas com estas leituras. Mas não quero dizer que possas de repente por um esforço de von-

tade, vencer o soffrimento. Gosto que soffras, Joanna. O soffrimento é um alambique onde a nossa alma se depura. E todos nós temos de passar por essa distillação necessaria e proveitosa. De tudo se tira alcool: do vinho, das fructas, dos cereaes... até da terra. Mas o líquido assim obtido não sae todo igual do alambique; ha o alcool sempre mau que nunca perde o sabor a empyreuma, e ha o alcool puro, transparente, de uma deliciosa frescura de perfume. Desejo, espero firmemente que has-de ser este ultimo ao sahires do alambique do teu soffrimento actual. Lucta, reage, vence-te. Deixarás no fundo do apparelho o egoismo, a vaidade, a revolta; e a tua alma condensando-se na tua razão e na tua coragem, cahirá gotta a gotta, pura, transparente, perfumada, na grande taça crystallina da vida. Encontrarás então a verdadeira significação da existencia... —

A Joanna levantara a cabeça do

travesseiro, enxugara as lagrimas, escutára o Luiz com attenção.

— Fala mais... — disse ella apaixonadamente — faz-me bem ouvir-te. Parece-me que a tua voz é a voz da minha consciencia que accorda. —

O Luiz sorriu.

— Não exageres nem te exaltes. Quero ver-te accordar devagarinho, a pouco e pouco, senão, a luz póde ferir-te de repente e obrigar-te a fechar de novo os olhos. E de resto... não tenho mais nada para dizer. —

A Joanna hesitou um momento e apontou para a mezâ num gesto encantador, muito infantil:

— Leva-os todos. Queima-os. Faz d'elles o que entenderes. Dou-t'os. —

O Luiz abraçou-a.

— Estás no caminho da perfeição — disse elle, sorrindo. — Quero recompensar o teu esforço mostrando-te um livro... um livro como não ha outro. —

— Que livro? — perguntou a Joanna, sorrindo tambem.

— Não o temos em casa. Queres vir vê-lo commigo? Foi o meu grande amigo de Zurich, o tal de que te falei ainda agora, que me ensinou a lê-lo... Queres vir tambem, Francisca? —

E sahiram os tres para a luz deslumbrante do exterior.

A vida profunda da terra, latejante, elevava-se em torno d'elles, sem fim, numa ascenção lenta e cheia de prodigios.

Era a grande terra triste do Alemtejo. Chão duro, aspero, que mal conhece as relhas das charruas.

E naquelle dia muito calmo, uma tranquillidade immensa, uma paz solemne envolvia os tres irmãos, vinda do mattó rude e da majestade dos sobreiros despidos recentemente da cortiça, de onde escorria a seiva em lagrimas de sangue.

O Luiz disse:

— Quero mostrar-te as coisas que merecem a pena de ser vistas. Quero fazer-te sentir o luxo de que devemos

orgulhar-nos, de que devemos tirar prazer, do qual a perda seria irreparavel. —

Atravessaram uma grande parte do sobral, e chegando ao topo da collina, principiaram a descer a encosta dirigindo-se ao fundo de um valsito, pelo meio do qual serpenteava um riacho.

As margens eram baixas e humidas, recobertas de relvas e musgos, entre tufos de juncos.

O Luiz conduziu as irmãs a um lugar mais humido e sombrio onde se aglomeravam uns pés de orchideas bravas.

As hastes flexiveis erguiam-se a uma altura de trinta centímetros, sustentando os thyrsos das suas estranhas e mysteriosas flôres rosadas.

— Orchideas! — exclamou a Francisca — Imaginava que não as havia no Alemtejo. Como são lindas! —

— Não! Deixa-as vivas!.. — gritou o Luiz no momento em que a irmã se

abaixava para as colher.— É justamente para vermos a sua intelligencia e o seu engenho que vimos aqui... E para isso, é preciso não as matar.—

Quando a Francisca se aproximara, levantara vôo uma porção de abelhas que poisavam nas flôres; mas não fugiam, zumbiam em torno d'ellas, aureolando-as do seu desejo, embriagadas pela doçura dos nectares, sem forças de as deixarem.

Mas como os tres irmãos ficassem quietos e calados, seguindo os movimentos das abelhas, estas a pouco e pouco tornavam a poisar.

E o Luiz em voz baixa, como se fala nas egrejas, principiou a contar a complicada historia de amor.

— Reparem no labio inferior d'esta flôr que é quasi um animal e que parece pensar como qualquer de nós. É como um terraço de entrada, estendido, aberto, convidando o insecto que passa, a descansar. Sobre esse terraço avança em fôrma de toldo o

labio superior, arredondando-se como um capuz que abriga os órgãos delicados onde germina a vida... E vêm, alli, do outro lado, alonga-se uma especie de espora, um cartucho comprido encerrando o nectar. O nectar de nada serve á planta; não é necessario á sua fecundação, ao seu desenvolvimento; não tem prestimo algum para a vida do seu organismo; é apenas um dos meios de que lança mão, para a satisfação do amor e para a propagação da especie, a pobre planta acorrentada á terra pela terrivel fatalidade que a torna immovel enquanto o seu desejo e o seu ardor aspiram á conquista do mundo. No sacrario, lá no fundo do capuz estão os estygmas, um dos quaes sustenta na extremidade uma pequena concha contendo um liquido viscoso onde mergulham duas espheras. D'essas espheras sahem duas hastes curtas na ponta das quaes se encontra o pollen. —

O Luiz colhera uma das flôres e,

com um cuidado infinito, afastando as pétalas, abrindo-a com a ponta de um canivete, mostrava ás duas irmãs debruçadas sobre elle, palpitantes de interesse e de commoção, os órgãos delicados, tão pequeninos e tão maravilhosos.

—Attrahida pelo perfume do nectar,—continuava o Luiz— a abelha poisa no labio inferior e avança, ávida, á procura... Mas a passagem é estreita; o insecto força-a empurrando a pequena concha. Esta quebra-se, deixa cahir as duas esferas que encerra, e que, envolvidas no liquido viscoso se adaptam á cabeça da abelha, coroando-a... E enquanto ella bebe o nectar e sahe á procura da outra flôr, as hastes, em virtude d'uma surprehendente mecânica, abaixam-se, tomam a posição horizontal; e, na occasião em que o insecto penetra na segunda flôr, o pollen contido nas extremidades das hastes vae bater, não no estigma superior que sustenta a concha, mas sim nos

dois inferiores que o esperam para o milagre da fecundação. —

O Luiz calou-se. E durante alguns instantes, os tres, inclinados sobre as orchideas, observaram attentamente os movimentos gulosos das abelhas e o seu trabalho inconsciente, mensageiras de amor, propagadoras de vida...

Parecia que d'aquelle pedaço tão pequeno de terra se erguiam para elles vozes verdadeiras acordando-lhes n'alma echos de bondade e de comprehensão.

Como a vida era linda! Como os nossos olhos fixando as bellezas profundas da natureza se illuminam de claridades ethereas a cuja luz as misérias da nossa existencia pessoal são mesquinhas e indignas de interesse!

— Eu sei que esta flôr não tem um raciocinio individual, — dizia a voz grave de Luiz — e que toda a maravilha do seu engenho na grande obra de amor, é o resultado da evolução lenta da materia para a perfeição; é a ma-

nifestação da intelligencia da especie que estuda através de seculos, em ensaios pacientes e perseverantes, o modo mais efficaz de chegar aos seus fins. —

— E o que nos emociona olhando para essa flôr — continuou a Joanna — não é só a delicadeza dos seus tecidos, a minuciosidade e a perfeição dos seus órgãos, mas sobretudo a revelação do esforço immenso da vida que impelle toda a materia num trabalho prodigioso, para um fim que nos é desconhecido. —

O Luiz proseguiu a ideia da Joanna:

— A insignificancia da nossa intelligencia perante essa outra intelligencia para quem os seculos são instantes apenas; essa outra intelligencia que não comprehendemos porque no seu trabalho colossal, tambem erra e tambem hesita. . .

— E na mão d'essa intelligencia, — disse a Francisca — nós somos *um*

meio, como as orchideas. E para quê perdermo-nos em conjecturas, e hypotheses, e sonhos vãos? Parece tão claro o caminho! As orchideas entendem-no melhor do que nós. Não devemos perguntar para onde vamos. As orchideas não perguntam para onde vão; transformam as seivas da terra pelo milagre do seu amor, pela ancia exclusiva de garantir á perpetuação da especie as melhores condições de multiplicação e de força. É tambem o nosso dever... —

— Unico! — interrompeu o Luiz — E tudo o mais é uma perda de tempo. —

Envolveria-os uma grande religiosidade. Toda a charneca, triste e vigorosa, e a terra, e a abobada azul do ceu, eram para elles como um templo.

De cada tufo de giestas em flôr, de cada pé de tojo hirsuto coberto do oiro vivo das suas florações, da aspezeza das urzes onde surgiam em cachos os botões violetas, das folhas miudas dos sobreiros irrompendo numa

filigrana ephemera da austeridade dos troncos seculares, de toda a vida formidável que os cercava, tão intensa, tão superior a elles, crescia-lhes a impressão de que eram apenas uma parte do grande todo, uma pequenissima fracção do conjuncto de harmonia e de belleza suprêma que seguia um caminho seguro, uma inevitável evolução para um bem desconhecido mas certo.

— É isso... — murmurou o Luiz pensativo — Não temos que nos preocupar de mais nada. *Garantir á perpetuação da especie as melhores condições de multiplicação e de força.* Para esse fim precisamos desenvolver sobretudo o nosso desejo de aperfeiçoamento... Mas as orchideas dispõem todas mais ou menos dos mesmos elementos; e nós não temos essa vantagem ainda. Deve ser agora a primeira aspiração. E depois... —

— As orchideas obedecem á intelligencia da especie, e individualmente

são inconscientes — disse a Francisca. — Nós temos uma intelligencia individual e portanto outra responsabilidade mais grave. —

Depois de algum tempo de silencio, a Joanna repetiu baixinho a phrase do Luiz:

— Precisamos desenvolver sobretudo o nosso desejo de aperfeiçoamento... —

E acrescentou retomada de angustia:

— Mas como?... Como?... —

CAPITULO V

Quando chegaram a casa encontraram uma visita: o Ignacio Cachorro, agronomo do districto, com o irmão, lavrador abastado, mas de poucas letras, usando jaleca.

O agronomo apresentou o companheiro.

— Aqui tem o meu irmão José Cachorro — disse elle ao Luiz — a quem deseja falar da sua queijaria.—

O Luiz gostou logo d'aquelle homemsarrão de aspecto rude e simples; e enquanto as duas irmãs se entretnham a falar com o agronomo, em breve se embrenhou numa cavaqueira com o José Cachorro sobre a sua ins-

tallação de leitaria que na região era a mais aperfeiçoada e pela qual o Luiz se interessava num vago desejo de desenvolver na sua exploração aquella industria, que lhe parecia de um tão largo futuro no Alemtejo.

Os Cachorros eram tres. Filhos de um lavrador que tinha alguma coisa de seu, mas de gente humilde e sem instrucção de especie alguma, o mais velho seguira a carreira de medicina e era em Lisboa um clinico distincto. O segundo quizera ser agronomo e tornara-se em breve conhecido pelos seus trabalhos e pelo seu amor á sciencia bemdita que ensina os homens a aproveitar as riquezas da terra.

O terceiro negou-se aos estudos; não se fizera *senhor*; conservara rente á terra de onde vinha, as suas aspirações e os seus sonhos, continuando as tradições dos paes e dos avós. Empregava a intelligencia e a actividade na exploração pratica do solo; progressivo e comprehendendo o alcance dos

melhoramentos que a sciencia e a industria teem trazido á agricultura, acolhia como em geral todos os trabalhadores do alto Alentejo, as novas doutrinas que não estudava, mas que adoptava o mais possivel, confiante no estudo dos outros.

Era um homem jovial e franco, fazendo uma certa gala em se conservar rude e simples como os seus antepassados, modestos trabalhadores da terra de onde á força da persistencia que se continuara através de gerações, tinham conseguido arrancar uma certa abastança.

O José Cachorro soffria de um desgosto. Era pae de duas raparigas apenas; nunca lhe fôra dado um filho, um continuador da sua obra e das suas tradições. Quem lhe cuidaria da terra depois da sua morte? Mulheres são mulheres...

E contava isto ao Luiz, enquanto o irmão conversava á porta da sala

com as senhoras, sentados todos tres em cadeiras de vime, a tomar o fresco.

— Eu dou ás minhas filhas a melhor educação que posso... — dizia o José Cachorro demorando-se no assumpto que tanto o interessava, como fazem as pessoas da sua classe a quem é desconhecida a educação da sociedade que ensina o cuidado de servir aos outros a conversação que mais os distraia. — Mandal-as para um collegio, não quiz. Dos collegios e dos conventos não sahe nada que preste, Deus me perdôe! Mandei vir uma mestra de Lisboa. Os meus irmãos queriam que fosse uma estrangeira; mas eu não estive pelos ajustes. Nada de estrangeirismos! Uma portugueza, sim senhor, que fale a nossa lingua e com quem a gente se entendá. E a educação em casa debaixo das vistas da mãe que é uma mulher simples como eu, mas que tem o juizo no seu lugar, isso é que me serve. Tenho pena de não ter estudado; e agora é tarde. Mas quero

que ellas saibam mais do que eu. Teem alguma coisita de seu e podem talvez vir a fazer bons casamentos... —

E depois, mudando de assumpto, ia contando a sua vida:

— Que mais quero eu? Não me falta nada em casa e tenho em que me entreter todo o dia. Logo de madrugada monto a cavallo e vou ver os serviços. Quando é preciso na falta de um moço, pego na rabiça da charrua; e pódo uma oliveira como quem vae de caminho, para os podadores verem como quero o trabalho feito. Eu é que pago a feria e escrevo o meu livro de contas. N'outro tempo tambem cavava... N'outro tempo!... —

E ria de um bom riso sonoro.

— Ainda hontem sachei uma leira de milho!... Ninguem me encontra á boa vida seja a que hora fôr do dia. A terra dá mas é a quem não a despreza. É preciso ter-lhe amor. Sou uma besta de um homem que mette medo, hein? um corpanzil!... Pois todas as minhas

forças vão para a terra desde que o sol nasce até que se esconde!—

E na sua gargalhada ruidosa expandia-se uma felicidade profunda, via-se o goso da sua alma repousada e satisfeita.

—O trabalho, sr. Luiz!—acrescentou elle tornando-se de repente serio — Consola de tudo, dá força para tudo! Eu cá se me tirassem o trabalho... não sei... parece-me que morria como um cão, ainda que fosse no palacio do rei... O trabalho!...—

O Luiz ouvia tudo aquillo com attenção.

A conversa não o aborrecia; aproveitava d'ella conhecimentos novos. O José Cachorro era um typo commum do lavrador portuguez; pertencia a uma classe rural que elle ignorava ainda; a classe intermedia entre o jornaleiro e o proprietario mais illustrado. Uma classe forte, bem enraizada na terra de onde tirava os melhores succos nutritivos; um campo

muito rico onde se poderiam talvez fazer sementeiras prodigiosas...

— Mas estou aqui a dar á lingua, a dar á lingua... — disse o José Cachorro interrompendo-se com um sorriso bom — em vez de falar do que é preciso. O que deseja saber mais da 'minha queijaria? Quer ir lá comigo? —

O Luiz entrou no assumpto e os dois embrenharam-se de novo numa longa conversa technica.

Entretanto o agronomo animado pelo seu auditorio onde encontrava intelligencia e sympathia, deixava-se levar a pouco e pouco, a contar as suas luctas, as suas decepções, os seus desalentos.

— Entrei na minha carreira com um enthusiasmo e com uma fé tão grandes que por elles a conquista do mundo me parecia facil. Mas creio que é sempre assim: no principio da vida todos nós pensamos que a terra nos pertence. —

E o agronomo sorria de um sorriso triste.

— Não casei; — continuou elle — a minha ideia era dar a vida toda pelo meu sonho de remodelar a terra portugueza, de a acordar, de a enriquecer do seu proprio sangue que ninguem vê, e que circula tão vigoroso sob os solos incultos ou mal aproveitados. Queria a minha liberdade, a minha independencia, sem encargos, sem interesses de familia. O meu ideal era obter uma missão do Estado... —

O Ignacio Cachorro interrompeu-se e sorriu outra vez do mesmo sorriso onde agora apontava uma leve ironia.

— Uma missão que eu sonhava, com privilegios e liberdade de acção... Ser uma especie de illuminado de quem o governo reconhecesse a utilidade e a quem ajudasse e protegesse na realização dos seus ideiases sagrados de renovador, de redemptor... Abrir caminhos novos, fazer a propa-

ganda dos processos scientificos, da verdadeira doutrina, da grande ideia associativa... Ensinar, educar, mostrar como se arranca da terra a paz, a força, a abundancia. Dar a vida toda e morrer contente... —

O Ignacio interrompeu-se de novo. Já não sorria. O seu leve tom de ironia desaparecera. A boa cara larga e burguezia transfigurava-se na vibração do antigo enthusiasmo.

Um momento depois voltou a expressão bonacheirona. O bigode quasi todo branco repuxou-se para cima num riso onde mal se adivinhava uma sombra de melancolia.

— Era um sonho lindo... — murmurou a Francisca.

— E todas essas aspirações tão altas, — perguntou a Joanna — que é feito d'ellas? Quebraram-lhes as azas não é verdade? —

— Quando, muitos annos mais tarde, voltei ao Alemtejo — respondeu elle — depois de gastos no exercicio

de funcções officiaes (tão aridas, tão esterilizadoras!...) a minha mocidade entusiasta e o ardor das minhas esperanças, tinham-me nascido muitos cabellos brancos. Desinteressaram-me a pouco e pouco da minha antiga paixão que me parecia já longinqua, envolvida em nuvens de desalento, de impossibilidades. Tomara gosto pelos meus trabalhos pessoaes, pelos meus livros, pelas minhas cogitações solitarias. Sentia-me velho. Entrei no Alemtejo sem arrebatamentos altruistas, sem illusões; apenas com um grande desejo de solidão, de repouso... —

— Todos nós sonhamos coisas lindas no principio da vida — suspirou a Joanna — É curioso como as circumstancias desfazem o nosso entusiasmo e quebram as nossas energias... —

— A culpa não é das circumstancias — disse a Francisca. — A culpa é só nossa porque não sabemos ser moderados e porque julgamos poder fa-

zer numa vida, o que apenas o trabalho de gerações e gerações é capaz de realizar. Somos como as creanças que desejam a lua e, não a podendo alcançar, se desesperam e amuam. —

O agronomo escutava as duas irmãs.

Era-lhe de uma grande doçura, uma doçura inédita e deliciosa, a intelligencia esclarecida e tranquillada d'aquellas mulheres tão differentes de todas as outras que até alli conhecera. E pensava instinctivamente como a vida seria encantadora para o homem que pudesse trabalhar tendo umas taes creaturas por companheiras. Parecia-lhe que muitos desanimos se quebrariam contra a limpidez d'aquellas almas e que muita coragem se poderia enraizar naquella serenidade bondosa e forte.

Mas o José Cachorro aproximava-se d'elles neste momento com o Luiz e interrompeu a conversa.

—Então está dito, —repetia elle batendo com a sua formidavel mão no

hombro do Luiz — vae ámanhã vêr a minha queijaria. —

— Este senhor acaba de nos cõvidar a todos três para irmos visitar as suas installações agricolas — disse o Luiz ás irmãs — Assegura-me que a sua mulher e as suas filhas terão muito prazer em nos conhecer. —

— Com certeza o seu prazer não será maior do que o nosso — respondeu logo a Francisca voltando-se para o lavrador com aquelle seu ar tão simples e tão sincero que encantava toda a gente.

Mas apenas os dois Cachorros desapareceram na volta do caminho, a Joanna exclamou:

— Que massada! Eu é que não ponho lá os pés! —

— Porquê? — perguntou a Francisca — Deve valer a pena conhecer-se o modo de viver de um lavrador d'esta classe... —

— Nada vale a pena — declarou a Joanna — Ouviste a historia do agro-

nomo? É a historia de toda a gente. No momento em que poderíamos ser aproveitados para qualquer coisa de bom, não o somos. E mais tarde . . . acabou-se; está tudo quebrado e morto. —

O Luiz interrompeu-a vivamente:

— Se imaginas que no coração do Ignacio Cachorro está tudo quebrado e morto, enganas-te. É um homem a valer. Bom, generoso, indulgente... Fui visital-o ha tempos afim de lhe pedir uns conselhos para uma plantação de vinha que desejava fazer, e fiquei tão encantado com a sua conversa que voltei lá varias vezes. Lembras-te da minha theoria sobre o soffrimento humano? Pois o Ignacio Cachorro passou pelo alambique e sahiu distillado em alcool de excellente qualidade. —

— Sim . . . sim . . . — respondeu a Joanna com um ar cançado e indifferente, encostando a cabeça ás costas da cadeira e cerrando os olhos.

O Luiz teve um movimento de im-

paciencia. Levantou-se, pegou no chapéu e sahiu, resmungando:

— Mulheres... —

O ceu da Joanna toldara-se de novo. As mesmas nuvens de saudades, de falta de coragem, a mesma trovoadá latente de revoltas...

Aturar o José Cachorro... e a mulher e as meninas de José Cachorro! Aquelles *casca-grossa*, aquelles imbecis que mal sabiam lêr... ella?! Que a deixassem em paz... bem lhe bastava a sua cruz! E era para aquillo que uma pessoa nascia?!...

Foi para o quarto onde se fechou, apparecendo apenas á hora do jantar silenciosa e taciturna. Retirou-se logo em seguida e não veiu ceiar com os irmãos pretextando uma enxaqueca.

Á noite o Luiz e a Francisca, sós na sala, falaram da irmã. O Luiz estava de mau humor; não comprehendia aquella attitude que reprovava.

— Chega a parecer-me uma falta de character... — repetia elle.

— Como é que nós podemos julgar a Joanna? — respondeu a Francisca — O que faria eu e o que farias tu no seu logar? Nós nunca tivemos occasião de tomar gosto pela vida que foi a sua durante tantos annos. —

— Mas essa vida era uma vida criminosa, uma vida em contradicção com as suas convicções, com o que ella sabia sêr o unico verdadeiro caminho. —

A Francisca interrompeu-o:

— A Joanna sophismava o seu procedimento; e acabou por não o achar mau. Lembra-te Luiz... Era muito nova quando casou e tinha immensa confiança no marido. A tentação devia ser fortissima; e o meio ajudava-a tanto! —

O Luiz franziu a testa e não respondeu.

— Parece-me ás vezes que vejo certas coisas com uma grande clareza, — continuou a Francisca. — Parece-me, Luiz, que o nosso principal defeito

é julgarmos os outros através de nós mesmos. Quando alguém faz qualquer coisa que reprovamos, o nosso primeiro impulso é exclamar: — Eu no seu lugar não procedia assim! — Mas quem póde dizer como procederia se fossem outras as condições da sua vida, o meio em que nascesse e se criasse, e outro o seu character sujeito a tantas contingencias de hereditariedade, atavismo, fraquezas provenientes por vezes de doenças organicas que ninguem suspeita... Eu sei lá!... —

— O meio, o meio sobretudo! — gritou o Luiz interrompendo-a com violencia. — A sociedade depravada, demoralizadora e monstruosa de cynismo em que ella viveu e que matou no seu coração, tudo quanto lá havia de generoso e de livre! Lembro-me do que ella era quando parti para a Suissa; lembro-me do que me dizia, lembro-me da saude moral e da força que ella dava ao meu character de creança. Foi ella quem accordou em mim a pri-

meira percepção das injustiças sociaes, a primeira sede de verdade... E agora... O que fizeram da sua alma!... É preciso acabar com isto; destruir a raiz profunda do mal. Arrazar, queimar, fazer desaparecer numa grande fogueira purificadora toda esta doença da pobre humanidade que aspira á perfeição e se vê tolhida...—

O Luiz calou-se de repente suffocado pela violencia da sua commoção. Estava agitadissimo. Passeava de um para outro lado da sala, como um tigre na jaula.

A Francisca disse devagarinho:

— Nem tu nem os teus amigos de Zurich, teem o direito nem o poder de julgar, de castigar, de sanear. São uns exaltados, embriagados da sua revolta e da sua paixão de justiça. Pessoa alguma pôde fazer o bem neste mundo senão dentro do seu proprio coração. Parece-me que é preciso entender isto antes de mais nada. —

O Luiz parou deante della, pôs-lhe as mãos nos hombros.

— Deixa vêr os teus olhos — disse elle. — Tenho ás vezes a impressão de que possues em ti, no fundo de ti mesma, o segredo que todos tentamos em vão descobrir. Talvez eu esteja enganado; e esta ideia seja apenas um effeito da minha febre. Mas fala! Diz o teu pensamento . . . *Pessoa alguma pôde fazer o bem neste mundo senão dentro do seu proprio coração*, dizes tu . . . Não te entendo bem; e preciso e quero entender-te. —

A Francisca fitou-o um momento, muito seria; e depois principiou a sorrir e abanou a cabeça.

— Não. . . Eu propria não sei explicar bem. São coisas turvas, instaveis, que se diluem e se evaporam . . . são instinctos, não são raciocinios. Não . . . Não sei. Asseguro-te que não sei. —

Levantou-se; foi buscar o cesto de costura.

— É mal feito, é doentio, excitarmo-nos assim; — disse ella — e precisamos sobretudo de serenidade. Lê-me qualquer coisa que faça bem, que dê paz, que nos levante acima de nós mesmos. —

E a Francisca aproximou-se mais do candieiro e começou a pontear cuidadosamente.

O Luiz pegou num livro que se encontrava sobre a mesa, folheou-o procurando uma passagem, e d'ahi a pouco lia em voz alta:

«... Già m'avean trasportato i lenti passi
dentro alla selva antica tanto, ch'io
non potea rivedere ond'io m'entrassi:
ed ecco piú andar mi tolse un rio,
che in vèr sinistra con sue picciole onde
piegava l'erba che in sua riva uscìo.
Tutte l'acque chi son di qua piú monde
parrièno avere in sé mistura alcuna,
verso di quella che nulla nasconde;
awegna que si mova bruna bruna
sotto l'ombra perpetua, che mai
raggiar non lascia sole ivi, né luna.
Coi pié ristetti e con gli occhi passai

di là dal fiumicello, per mirare
la gran variaçion dei freschi mai;
e là m'apparve, si com' egli appare
subitamente cosa che disvia
per meraviglia tutt' altro pensare,
una donna soletta, che si già
cantando ed iscegliendo fior da fiore,
ond'era pinta tutta la sua via...»¹

Muito tempo, no silencio da casa,
envolvida na grande immobilidade da
charneca, a voz do Luiz aveludada e
grave, quente de mocidade, fez-se ou-
vir; e o que elle lia era tão superior,

¹ «... Os meus passos, ainda que mais vaga-
rosos, tinham-me internado na floresta antiga;
mas não podia entender como lá entrara. Vi o
caminho cortado por um rio; corria para a esquer-
da, refrescando docemente a herva das suas mar-
gens. Todas as aguas da terra, as mais puras,
seriam turvas ao lado d'aquella onde tudo se re-
fectia no mesmo instante, apesar de passar escu-
recida, escurecida por uma sombra perpetua que
não deixava penetrar o sol nem a lua. Parei, e o
meu olhar avançou além do rio a contemplar a
grande variedade das arvorés verdejantes. Ahi,
como ás vezes apparece ao espirito um espectaculo
que absorve toda a attenção, assim me appareceu
uma mulher solitaria cantando e colhendo as flô-
res que ornavam o seu caminho...»

uma tão deslumbrante floração do espirito humano, elevando-se tão alto acima das alternativas da vida e da morte, que as almas dos dois irmãos se dilatavam ao som poderoso d'aquellas ondas de harmonia e subindo com ellas, tinham das miserias e dos tormentos humanos, uma visão vaga e esbatida. E uma paz immensa descia sobre elles, uma infinita doçura de viver.

Quando se foram deitar, o Luiz no corredor, ao passar pelo quarto da Joanna, viu pela bandeira da porta, que ella ainda tinha a luz accesa.

Parou, hesitou um momento, e bateu.

— Posso entrar? —

— Não. —

— Joanna! . . . —

— O que é? —

— Pensa nas orchideas. —

A Joanna não respondeu logo.

— Prometto — disse ella afinal.

E accrescentou:

— És bom, Luiz . . . Perdôa. —

CAPITULO VI

Quando, no dia seguinte, o Luiz e a Francisca se preparavam para partir, tiveram a surpresa de vêr apparecer a Joanna com o seu grande chapéu de palha grosseira, disposta a acompanhal-os na visita ao José Cachorro.

E foi um passeio lindo, através da charneca toda florida, sob os ramos frondosos dos sobreiros cheios de cantos de passaros, no calor do sol radioso que entornava torrentes de luz.

Falavam de coisas insignificantes e pueris, pelo simples prazer de ouvirem as proprias vozes quentes e vibrantes de mocidade. Lembravam-se de versos, que tinham lido havia im-

menso tempo, e de cantigas já quasi esquecidas.

A Joanna sentia fugirem-lhe para longe, as borboletas negras do seu tormento; e o Luiz, na grande doçura, na grande clemencia da natureza, percebia que as revoltas e os rancores se esbatiam.

A' medida que avançavam, subia-lhes mais alto no coração aquella deliciosa e trasbordante alegria inconsciente que vinha da terra, e do sol, e da vida simples, e da esperança instinctiva que todas estas coisas geravam de um futuro inevitavelmente melhor.

— Estou contente por ter vindo. — disse a Joanna. — Estou contente por tudo. Não penso em mim. Sinto uma satisfação... vegetal. —

E pôs-se a rir.

— Vegetal? — repetiu a Francisca sem entender.

— Sim. A satisfação que devem sentir as plantas e que lhes vem ape-

nas do ar morno e puro e da luz do sol. —

O Luiz e a Francisca trocaram um olhar e sorriram.

Como a terra era linda e forte, e o ceu luminoso, e como tudo resplandecia, e como era bom viver!

Tinham de atravessar a povoação.

Era domingo; e da porta da igreja sahia gente que acabava de ouvir missa; e demorava-se no adro conversando e rindo, em grupos.

A taberna estava cheia de homens que chalaceavam em voz alta entre o fumo do tabaco e o cheiro do vinho e da aguardente.

Pelas portas apinhavam-se as mulheres bisbilhotando com as vizinhas, enquanto a rua larga cortada de sobrodas, coberta aqui e além de matto roçado, se animava da gritaria e agitação da garotada tão numerosa que parecia nascer do chão.

Entre as paredes caiadas das casas baixas onde portas e janellas se abriam

na propria alvenaria, em rectangulos desiguaes, as creanças tomavam conta do caminho, algumas endomingadas ainda, de caras lavadas e cabello untado de azeite, outras já sujas, quasi nuas, rotas, perseguindo-se com berros selvagens e exclamações obscenas, rolando-se na poeira do chão, envolvendo-se em brigas de onde irrompiam choros e gargalhadas.

— Luiz — disse a Francisca — a nota dominante aqui é a alegria. Não achas curioso? —

O Luiz franziu a testa.

— A alegria... vegetal. Se fôres perguntar-lhes porque estão contentes, nenhum te saberá dizer a razão do seu contentamento... E todos te dirão que desejam coisas que não teem. Mas nem sequer lhes aponta no cerebro a sombra da mais ligeira remodelação social. Um quererá uma horta, outro uma leira de milho, aquelle cinco mil reis para concertar um telheiro... Não vão mais longe os seus sonhos. —

— Tantas creanças! — pensava a Joanna; e nem dava attenção á conversa dos irmãos.

Iam a sahir da povoação, quando ouviram o trote precipitado de um cavallo que parou subitamente por detrás d'elles.

— Deus os salve! — gritou uma voz alegre.

E voltando-se viram o Ignacio Cachorro que se apeiava a toda a pressa para lhes falar.

— Olá, sr. Cachorro! — disse o Luiz com prazer — E onde vae a estas horas com um calor tão grande? —

— Vou jantar com o barão. É um costume velho. Todos os domingos. E Vossas Ex.^{as}? Sempre vão vêr o meu irmão? Pois então faremos um pedaço de caminho juntos. Que bom encontro! —

Enfiou a redea no braço e foram andando todos juntos.

— Senhor Cachorro, — perguntou a Joanna — para onde vae tanta crean-

ça? Queixam-se de falta de população no Alemtejo... —

— Para onde vae?... Em grande parte, para alli, muito cedo — respondeu o Ignacio Cachorro apontando para o muro branco do cemiterio que alvejava lá ao longe na charneca. — E o resto cria-se... —

— Como? —

— Como V. Ex.^a viu. Como animaes. —

— Não ha escolas? —

— Escolas! Mal organizadas, mal frequentadas, mal dirigidas, inuteis... Os paes, apenas as creanças se teem de pé, mandam-n'as guardar gado e depois servir. É preciso ganhar o pão desde que nascem, senão morrem á fome. Cinco reisitos que seja... —

A Joanna voltou-se mais uma vez para a povoação que ficava lá em baixo e onde se agitava aquella vida por assim dizer embryonaria, constantemente renovada, num circulo vicioso de soffrimento e de inutilidade...

Nasciam, creavam-se, trabalhavam, padeciam e morriam, as gerações sucedendo-se ás gerações, sem que em coisa alguma houvesse a manifestação de um aperfeiçoamento, de um progresso, de uma conquista, de um esforço ao menos...

— Senhor Cachorro — disse a Joanna afinal — parece-lhe então que a mortalidade das creanças pobres assim criadas aos trambulhões, é muito maior do que a das nossas? —

— Não me parece; tenho a certeza. E as estatisticas provam a verdade do que affirmo. Uma differença enorme! —

— Mas em geral a gente do campo é mais robusta que nós e as creanças mais sadias. —

— A selecção cruel, mas salutar... O que seria d'estes desgraçados se não fosse a selecção? —

— A selecção?! Mas eu conheço as suas casas, antros infectos onde a hygiene mais rudimentar é impossivel. Como póde falar de selecção? —

— A selecção natural. Os que escapam ficam fortes. Veja V. Ex.^a uma pobre mulher do campo; é raro o casal que não tem seis, oito, dez filhos. Quantos se gabam de os vêr a todos na sua velhice? A terra engole os mais fracos, os que não resistem ás privações, á fome, ao frio, ás infecções emanadas dos pantanos, das estrumeiras, das podridões que os rodeiam. Os que resistem, não foi o meio que os fortaleceu, que os tornou robustos; foi a sua propria robustez, foi a força do seu organismo que os defendeu, que os fez atravessar os obstaculos. Se V. Ex.^a tomasse nota de todas as creanças que brincam alli nas ruas do povoado ao sol, e lá voltasse a procural-as d'aqui a dez annos, poucas responderiam á sua chamada; mas as que respondessem eram fortes, póde ter a certeza. —

A Joanna calou-se.

Um pulso de ferro apertou-lhe o coração, magoou-a de uma dôr, de uma angustia pungente, de um dó mater-

nal que lhe vinha do fundo das suas entranhas de mulher por aquellas creanças selvagens e immundas, mas iguaes afinal, aos seus filhos, se os tivesse...

Era uma dôr salutar e benefica, uma dôr que lhe chegava numa onda de doçura e de amor; qualquer coisa de muito humano onde o seu coração se fundia, onde a coiraça de metal do outro soffrimento pessoal e egoista se quebrava como vidro, deixando-lhe a alma livre, livre...

— Não é o seu irmão que está além? — perguntou o Luiz ao agronomo, apontando para um oiteiro lá adeante, onde se erguia um enorme pinheiro manso recortando a umbella gigantesca da copa no fundo azul do ceu.

O Ignacio affirmou a vista, abrigou os olhos com a mão.

— É o meu irmão, é. E já sei o que está fazendo. Vamos ter com elle. Não nos afastamos muito do nosso caminho. —

Á medida que se aproximavam iam vendo melhor os vultos agitando-se em torno do pinheiro secular; ouviam pancadas que a distancia tornava surdas... Dois trabalhadores em mangas de camisa, e o José Cachorro.

— Que pena! — exclamou de repente a Francisca parando no meio do caminho. — Estão cortando o pinheiro!... —

— Pedi muito a meu irmão que o não cortasse — disse o agronomo. — Que linda arvore! E vejam... na desolação e na monotonia d'esta charneca triste, que ar de magestade elle tem, e de dominio! Que altivez e que belleza quasi espiritual! Que superioridade! Que desprezo das coisas terrestres naquella copa que se offerece ao infinito! E que orgulho na linha vertical do tronco subindo direito ao ceu numa aspiração que dura ha dezenas de annos!... —

Ouviam-se já distinctamente os golpes do machado ferindo a madeira ri-

ja. E o José Cachorro, que finalmente os vira, vinha ao seu encontro acenando com o grande chapéu desabado.

— És teimoso como um burro — disse-lhe o Ignacio, quando o outro chegou perto d'elles.

O José Cachorro pôs-se a rir.

— E diz que é agronomo! — exclamou voltando-se para o Luiz e mostrando o irmão. — Já lhe expliquei mil vezes que aquelle pinheiro não serve alli de nada. Estende sombra e raizes por mais de um alqueire de sementeira. Bebe-me sangue, aquelle diabo! Por muito que adube a terra, por melhor que aponte a ceara, perto d'aquelle bruto nada se cria que preste. Arro-teio, semeio... que diabo! o pão é sagrado. Que raio de belleza póde ter uma arvore que nem lenha rende? —

Estavam agora mesmo ao lado da arvore, á sombra da sua copa que o sol não atravessava.

O homem que a feria redobrou de ardor. O machado faiscante e afiado

cortava lascas de madeira que saltavam despegando-se com estalidos secos.

A Francisca entristecera. Não se defendia da impressão de soffrimento e de dôr physica; o golpe obliquo do machado seguido do outro horizontal, cortava, aos olhos da sua alma, pedaços de carne viva e palpitante ao gigante que levara mais de um seculo a crescer e que desafiara durante tanto tempo os vendavaes e as tormentas...

O José Cachorro pegou num braço do Luiz e levou-o para o outro lado, apontando-lhe a paizagem que até alli o oiteiro lhes escondera.

— Olhe... olhe... tudo isto é feito por mim. —

Na vertente oposta do valle, branquejava a casa do José Cachorro, e em volta d'ella, numa grande extensão, a terra matizava-se de culturas: cearas, olivaes, prados, vinha...

— Isto era uma charneca, tudo...

— continuava o José Cachorro. — Se eu tivesse chorado cada arvore que derribei, tinha com que encher uma cisterna! Para que serve isto? —

E apontou o pinheiro, com o polegar, por cima do hombro.

— D'aqui a dois annos, assim Deus me dê vida e saude, todo este oiteiro dará pão. —

— Que ferida, Joanna! — dizia a Francisca baixinho, toda obsecada pela agonia da arvore. — Olha como a madeira está humida. É sangue, é sangue... —

A ferida estava enorme. Causava admiração como o gigante se conservava ainda de pé. A cada golpe, agora corriam-lhe já pelas ramadas altas fremitos de revolta e de dôr.

O Luiz não dizia nada. A testa franzida, a concentração do olhar, mostravam uma fixidez de pensamento que alvejava qualquer coisa longinqua que os outros não viam.

Mas o Ignacio *via* a arvore e sof-

fria de um soffrimento igual ao da Francisca.

— Patrão — disse um dos homens — isto está prompto. —

— Venham aqui para este lado — recommendou o José Cachorro. — A arvore vae cahir para ahi. —

Afastaram-se todos e só ficou ao pé do tronco um dos trabalhadores.

Como elle parecia pequeno comparado ao colosso que ia morrer!

Um golpe na parte oposta á grande ferida aberta... outro golpe fundo...

O pinheiro estremeceu todo. A copa moveu-se lentamente, numa oscillação vagarosa, de assombro e de angustia; depois inclinou-se, taciturno, estalaram-lhe as ultimas fibras que ainda o seguravam, quebradas agora pelo proprio peso da arvore; e desabou, formidavel, das alturas, numa queda tragica de corpo humano que de repente perde a vida e baqueia sem um queixume, orgulhoso até á morte, calado e sombrio, guardando pára si o

segredo da sua agonia, negando a todos o direito de o lamentarem, não acceitando o dó d'aquelles que através da sua existencia, desprezara sempre, elle, o altivo solitario que olhava unicamente o sol e que levava apenas da vida a saudade do infinito, e talvez a tristeza de não ter podido subir mais alto ainda...

Ninguém falava. Olhavam o grande cadaver, tomados de uma vaga estupefacção como se não fosse aquillo que esperassem.

— Agora estás contente... — resmungou o Ignacio para o irmão enquanto os serradores enfiavam as jalecas preparando-se a partir — tens mais dois palmos de terra, para semeares mais dois bagos de trigo... —

— E d'ahi?... — respondeu o José Cachorro — Se eu fosse a poupar as arvores que se encontram no meu caminho, não tinha as terras de sementeira que hoje tenho. O pão é que é sagrado, homem! Não são estes diabos que en-

chem os olhos da gente e nos deixam a boca vasia! —

— Repara Joanna — murmurou a Francisca — como a vida lhe fugiu!... É um corpo morto... —

— E que importa que morresse? — exclamou de repente o Luiz — Assambarcador de riquezas em seu proveito exclusivo... A terra explorada pelas suas raizes deu-lhe tudo, tudo... Nenhuma planta util se criou á sua sombra; não teve um pensamento nobre, uma preocupação de altruismo nem de indulgencia. Não conheceu a justiça. Queria dominar e chegar ao ceu... Templo de ambições e de orgulho que levou mais de um seculo a edificar e para o qual tantas forças contribuíram que se podiam ter transformado em abundancia... Symbolo da jerarchia, do predomínio, da ascensão iniqua das classes privilegiadas, symbolo do eterno crime que é preciso emfim abolir! Venha a morte, o aniquilamento das castas malditas!... No soffrimento, no

estertor, que importa?!... Que lhe importou a elle o soffrimento, o estertor dos outros que se estirolaram e morreram dando a vida para o triumpho da sua soberba e do seu cynismo? Que morra! Viveu demais! Destruir, arrazar, arrancar da terra clemente as ultimas raizes, queimar todo o seu corpo ocioso e esteril, para que nem a memoria fique d'aquella existencia detestada! Limpar a terra da grande presença torpe e deixar crescer e fructificar o pão, abençoado sementeiro de paz e de alegria! —

O Luiz levantara a voz. Não via ninguém. Atirava a indignação e a revolta da alma ardente, em gritos de paixão, todo envolvido, arrebatado por aquella visão de illuminado no seu culto phrenetico de justiça e de liberdade.

— Luiz... — disse a Francisca.

— Bem sei — respondeu elle, voltando para a irmã um olhar desvairado — Vaes falar-me de piedade; vaes

perguntar-me se não soffro. Soffro, sim. E soffro mais do que tu, porque tu viste a agonia da arvore com os teus olhos compadecidos de mulher e eu vi nessa mesma agonia um symbolo cruel e sagrado da grande obra que espera os homens lucidos, destinados a cumprir a missão terrivel. Tu viste na seiva o sangue da arvore moribunda; e eu vi o sangue verdadeiro do grande usurpador, o sangue que vae correr... Tu estremeceste de dó ao ouvir estalar as fibras vegetaes e insensiveis e nesse quebrar de tecidos vivos eu senti o futuro dilacerar de membros humanos, a ruina, o incendio, a morte, a dôr immensa e necessaria que precederá o inevitavel e justo anniquilamento...—

O agronomo e o José Cachorro olhavam o Luiz com assombro.

— Não, Luiz, não era isso que eu ia dizer — interrompeu a Francisca — Não era isso... Nada luminoso e puro sae da devastação e da ruina; o soffrimento não póde gerar a paz e a abun-

dancia... Aqui está o pinheiro morto. É verdade que era um usurpador, que tirava em proveito da sua ambição o logar ao pão sagrado. Mas para que o deixaram crescer? Quem tem agora o direito de o matar? Que acabe por si, que morra de velhice, em paz. Não tem culpa. Deram-lhe terra, ar, luz; subiu aproveitando esses bens, e produziu o que podia produzir; a sua belleza e a sua magestade. O trigo quer logar, precisa de terra para fructificar, para espalhar a abundancia e a paz. Pois limpem a terra, não deixem crescer os pinheiros novos, cuidem da semente do trigo para que seja vigorosa e resistente... vão tirando a pouco e pouco o alimento aos pinheiros seculares que enfraquecidos, morrerão por si, devagarinho, sem violencia, como luzes fracas que se apagam para dar logar a outras luzes mais fortes... —

A Joanna ouvia com attenção a Francisca; fazia-se um grande trabalho no seu cerebro, um trabalho

ainda turvo, ainda obscuro. Pensava no pinheiro morto, pensava nas creanças que vira em multidões, brincando ao sol...

Ninguém dizia palavra.

O Luiz cahiu em si e sorriu:

— Sr. José Cachorro — disse elle — Não faça caso. Vamos vêr as suas installações. —

— Eu tinha vindo para aqui por saber que os veria chegar — respondeu o José Cachorro — As abegoarias ficam-nos em caminho agora e passaremos tambem alli por umas pastagens onde trago uns carneiros que lhes desejo mostrar... —

— E eu vou-me embora — accrescentou o Ignacio despedindo-se — Já não é cedo para o jantar do barão. —

E montando a cavallo, afastou-se, enquanto o José Cachorro levava os três irmãos para lhes mostrar a casa de lavoura e o gado de que tanto se orgulhava.

— Depois vamos jantar — dizia

elle. — Visitaremos a queijaria com socego, pela fresca. . . —

Seguiu-se o programma do José Cachorro e meia hora depois chegavam defronte da casa de habitação.

Era um rez-do-chão muito simples, caiado de branco, com portas e janelas verdes, abrindo sobre um jardimito modesto e saloio, gritando de alegria na rigidez das dahlias e dos girasoes e perfumando o ar do cheiro forte dos majaricões, dos cravos e das rosas, d'aquella qualidade de rosas vermelhas que servem para aromatizar as arcas de roupa. . .

Mal se podia olhar para a fachada; a alvura da cal repellia os raios do sol numa reverberação intensa de luz.

O José Cachorro subiu os degraus de tijolo, sob o alpendre florido de martyrios, e levantou a aldraba da porta.

Logo na casa de entrada lhes appareceu uma boa mulher gorda, de lenço na cabeça.

— Sejam muito bem vindos — disse

ella com um sorriso simplorio de bondade. — E queiram desculpar. Isto é uma casa de lavradores. —

O Luiz estendeu-lhe logo a mão e as duas irmãs imitaram-n'o.

— Pois então aqui o sr. Cachorro tem a paciencia de nos aturar — exclamou a Francisca — e a sua mulher incommoda-se para nos receber e ainda por cima nos pedem desculpa! —

— Desculpar o quê? — accrescentou o Luiz sinceramente encantado — quando nós só temos que agradecer? —

— Ora essa! — tornou a dona da casa enquanto o sorriso se lhe abria num riso bom. — Cá o meu José em andando a mostrar os seus haveres, está como quer; e eu por mim, se não faço mais é porque não sei nem posso. A vontade é boa. Entrem, entrem; sentem-se e descancem; faz muito calor. —

Entraram na casa de jantar e sentaram-se nas cadeiras de bunho, cujas costas de madeira pintadas apresenta-

vam flôres desconhecidas de um colorido gritante.

Ao fundo um grande armario corria a parede de lado a lado, escondendo os pratos e as chicharas detrás do seu cortinado de chita.

A toalha alvissima cobria a mesa já posta para o jantar, com os pratos de loiça nacional sarapintados e os copos de meio litro e o cangirão de vinho coberto com o guardanapo dobrado.

— Onde estão as pequenas? — perguntou o José Cachorro.

Mas a mulher não teve tempo de responder.

Ouviram-se passos e vozes e risinhos á entrada; e depois de varias hesitações, appareceram na porta duas raparigas e uma pequena, todas três de chapéu e vestidas á moda da cidade.

A bôa mulher gorda exclamou:

— Então isto são horas de voltar da missa? Sabendo de mais a mais que tinhamos visitas? —

A mais velha das três respondeu, muito despachada:

— Tivemos que ir á loja comprar umas rendas; foi isso que nos demorou. Estava lá muito povo. —

E accrescentou voltando-se para a Joanna e para a Francisca e sorrindo com um ar entendido:

— Vossas Ex.^{as} que são de Lisboa comprehendem certamente estas coisas. Todas as senhoras precisam sempre de comprar rendinhas e miudezas para o seu entretenimento e para a sua *toilette*. —

— O que nós desejamos — disse a Francisca — é não incomodar; é que a nossa presença de modo algum contrarie a sua vida. —

O José Cachorro cortou a conversa:

— Está bom. Agora vamos mas é jantar, que estes senhores devem-lhe ter vontade. —

Emquanto os três irmãos asseguravam que não tinham pressa, as me-

ninas desappareceram para tirar ós chapeus e a dona da casa foi á cosinha ter com a moça que tomava conta nas panellas.

— Aquella mais velha, de lunetas, a que falou — explicava o José Cachorro entretanto — é a D. Anatolia, a mestra das pequenas. Mandei-a vir de Lisboa; estudou na escola Normal. É quem ensina as minhas filhas; é bom que ellas saibam governar uma casa como a mãe; mas os tempos mudam; e é preciso tambem aprender outras coisas. . . —

A Joanna ia perguntar que *outras coisas* ensinava a D. Anatolia, mas não teve tempo; as raparigas voltavam neste momento, e logo depois, a dona da casa toda affogueada do calor do lume e segurando nos braços uma enorme terrina fumegante.

Espalhou-se pelo quarto um cheiro forte a alho e a hervas aromaticas.

— Toca a sentar. Vamos a isto — disse o José Cachorro.

E mal estavam installados que já viam deante de si pratadas trasbordantes de assorda apetitosa sobre cada uma das quaes tremiam dois ovos escafados.

— Ah ! Joaquina ! — exclamou o José Cachorro com os olhos brilhantes de goluseima. — Ainda está para nascer a mulher que faça esta assorda melhor do que tu ! —

Ella teve um sorriso de satisfação.

E como os três irmãos saboreassem o piteu gabando-o com enthusiasmo, a Joaquina declarou que não era nenhum segredo e pôs-se a dizer a receita á Francisca.

Mas a D. Anatolia interveiu :

— Deixe lá ! Então imagina que o cozinheiro d'estas senhoras não está farto de saber fazer assordas, quando decerto faz coisas muito mias finas todos os dias ? —

— Eu não quero offender... — respondeu a Joaquina, submettendo-se, emquanto cortava com as mãos encar-

didas do trabalho grossas fatias de pão que distribuia. — Mas como isto são modos de cozinhar que a gente tem nas diferentes casas... —

Depois da assorda veio um pedaço enorme de carne assada e um paio soberbo de lombo, cujas talhadas côr de rosa enchiam quasi o fundo dos pratos.

O José Cachorro pegou no can-girão e deitou vinho nos copos.

— Isto é cá da lavra. — declarou elle. E principiou a contar ao Luiz que o escutava com interesse, como conseguira ter uma vinha excellente numa terra alta e arenosa, onde todos diziam que nem o balanco medrava.

A dona da casa, que não parava sentada e servia todos sem descanso, animava os seus hospedes a comer quanto pudessem :

— Pois então?! Assim é que é! O comer é que dá vida. Eu cá, o meu regalo é vêr comer bem! —

E ria de um bom riso estridente,

vermelha e lustrosa de calor e de agitação, enquanto a filha mais velha a seguia de um olhar inquieto, sem se mexer nem a ajudar, tolhida de vergonha por aquelles modos saloios.

A D. Anatolia não deixava cair a conversação :

— Vossas Ex.^{as} hão-de extranhar. Eu tambem extranhei muito. Estes campos são solitarios e rudes. Quem vem de Lisboa tem saudades da Avenida, do movimento do Chiado, do Colyseu... —

No olhar da menina mais velha, passavam relampagos de cubiça ao ouvir falar a mestra. Nas expressões, nas poucas palavras que dizia sentia-se a aspiração ardente de gozar d'aquellas maravilhas da cidade, a revolta contra a vida simples que a vexava, o desgosto de ter nascido num meio de lavradores, o enjôo da terra e o aborrecimento de vêr os paes tão ligados a ella.

A pequena não abrira a boca. Estava pasmada deante das senhoras de

Lisboa. Arregalava os olhos para ellas como se fossem uns bichos raros. Só se distrahia com as graças do pae e da mãe que a faziam rir francamente, numa expansão de alegria simples. Quando a mestra a reprehendia, encolhia os hombros com máo modo e franzia o sobr'olho.

O José Cachorro limpou a boca á toalha e com um suspiro de satisfação levantou-se da mesa.

Agora, no jardim, livre do peso da vergonha porque o pae fôra com o Luiz para a queijaria e a mãe sumira-se para a cosinha, a filha mais velha do José Cachorro, a menina Hilda, principiou a falar.

Levava uma vida triste. A mãe não queria entender as coisas . . . Porque não haviam de ter criados? Para que servia o dinheiro?

A Francisca e a Joanna olhavam para ella com desgosto. Adivinhavam o desequilibrio moral d'aquelle organismo onde a educação contraprodu-

cente da D. Anatolia, eivada de erros, fazia estragos irremediáveis.

O trabalho, que era o deus tutelar d'aquella casa, dominando a vida do José Cãchorro e da sua mulher, transformando em benções de alegria pura e simples, a lida constante dos dois, não recebendo o culto da rapariga mais velha, retirava d'ella a sua protecção e deixava-a entregue á ociosidade que fermentava em aspirações e sonhos morbidos onde o futuro apontava infeliz e torturado.

— Não gosta de trabalhar? — perguntou a Francisca á Hilda.

— Gosta muito de bordar e de fazer trabalhos proprios de uma menina — acudiu logo a mestra. — Mas quem póde gostar, quando tem educação, de passar a ferro, de varrer, de limpar o pó, e outras coisas assim? Ás vezes vem ella para o serão com a sua renda de *crochet* ou com outro qualquer trabalho delicado, e a senhora Joaquina manda-a arrumar tudo e põe-lhe de-

fronte uma camisa do sr. Cachorro para remendar. Ora quem tem certos estudos e gostos, custa-lhe... —

De volta para casa, pela charneca fóra, os três irmãos vinham calados; já não se lembravam de versos nem de cântigas. O caminho parecia-lhes longo. A sua deliciosa alegria da manhã esvahira-se por completo.

— Como a D. Anatolia está estragando a felicidade d'aquella pobre gente! — disse a Joanna.

— O José Cachorro quer que as filhas vão mais longe do que elle, no seu louvavel desejo de progresso e de aperfeiçoamento — respondeu o Luiz. — Trabalha, faz as suas economias, manda vir mestra de Lisboa. E entra-lhe em casa uma creatura que em lugar de elevar o espirito das filhas dando-lhes a comprehensão justa das coisas, pelo contrario as enche de aspirações absurdas. A instrucção, a educação que, bem ministradas, augmentariam a felicidade d'aquellas ra-

parigas e garantiriam a paz e o equilibrio dos seus futuros lares, vêem assim fazer d'ellas uns sêres que toda a vida estarão em contradicção consigo mesmos. Qual é o homem que as póde fazer felizes? Um *senhor*? Não estarão nunca bastante educadas para que um *senhor* pense nellas. Um homem da sua condição? Os homens da sua condição precisam de mulheres activas, trabalhadoras, corajosas, sensatas; e a educação que estão recebendo não lhes dará nenhuma d'estas qualidades. O José Cachorro é simples e ignorante de mais para perceber tudo isto. Infelizmente não ha só um José Cachorro; ha muitos como elle que desejam educar os seus filhos na esperança de que essa educação (que não teem criterio de dirigir nem os meios de realizar) lhes proporcione um futuro mais feliz. —

— Na classe do José Cachorro ha essa aspiração que se quebra contra impossibilidades — murmurou a Joanna

pensativa. — E nas classes mais baixas, nem isso... —

E calaram-se novamente, fechados cada um nas suas reflexões.

CAPITULO VII

Passou-se tempo e a vida dos três irmãos continuava igual e tranquilla.

Um dia, o João cavador trouxe comsigo para o serviço, o filho mais velho, que tinha quatorze annos.

O rapaz estivera a servir em Lisboa; sabia lêr e escrever.

Mas zangara-se com os patrões, e voltava para a terra ganhar a vida como d'antes.

Chegara assim, sem mais nem menos, uma tarde, com a trouxa ás costas. Trazia apenas dois milreisitos poupados dos ordenados; e foi mal recebido.

O Luiz trabalhando ao lado d'elle de manhã na horta, pôs-se a conversar :

— Porque deixaste os teus patrões? —

— Pagavam mal. Matava-me de canceira e davam-me quinze tostões por mez. « Um padeiro lá visinho disse-me: O trabalho é a riqueza do pobre. O que vale, vale. Procura outra vida ». Então pedi mais ordenado; zanga-ram-se e chamaram-me nomes. Bem sei que me vestiam... Mas aquillo não me servia. Puz-me a andar.—

O João cruzou as mãos no cabo da enxada e voltou-se para o Luiz.

— Vê como elles se perdem, sr. Luiz? Quando sahiu de casa era um borrego de mansidão. Agora tem chibança; já nada lhe serve.—

— Nada me serve, o quê?!...— tornou o rapaz affogando-se todo.— O que eu não quero é que me ponham o pé no pescoço. Nada me serve! Então cuida que é mais macio cavar aqui de sol a sol. . . —

— Cala a boca, Pedro! Com migo não quero palavriados! — interrompeu o João com mau modo.

Estava irritado contra o rapaz. Tivera a esperança de que elle lhe ficasse caixeiro lá na cidade e antegozara a exploração do filho á medida que fosse ganhando mais. Aquella ambição contrariada indispunha-o contra o Pedro.

— Deixa falar o rapaz. — disse o Luiz com brandura. — Para que lhe has-de matar os pensamentos? Os pensamentos são como os passaros; se os fecham muito tempo numa gaiola depois já não sabem voar. —

O Pedro olhou para o Luiz com admiração, como olhamos para uma coisa que vemos pela primeira vez.

Marçano em Lisboa, bomsito e doceil, o Pedro que levára da terra a resignação instinctiva e tradicional da sua raça, habituado desde pequeno a submeter-se e a trabalhar, fôra explorado como são geralmente exploradas

as creanças do campo que assim cahem na grande fornalha e se queimam, combustivel necessario cujo calor é aproveitado para a producção de outras energias.

Quem pensára no Pedro, na sua individualidade, no seu direito á vida? Já em casa do pae fôra mais um braço para ganhar o pão de todos, e depois na cidade, era uma peça insignificante e precisa da machina, uma peça que facilmente se substitue e que não tem valor por si, mas apenas pelo trabalho que produz.

Ninguem lhe falára com bondade, ninguem lhe ensinara um raciocinio, ninguem se lembrara de que elle ia ser um homem e tinha um cerebro capaz de pensar.

Na padaria, ouvira muitas vezes conversas de freguezes e de moços, onde as ideias republicanas esfusavam erradas e rancorosas, productos da ignorancia e da inveja tão justificada que a proximidade do luxo inso-

lente faz nascer nas classes desprotegidas da fortuna. Ninguém o via, ninguém lhe falava; mas na sua intelligencia, que apontava já vigorosa, estabeleciam-se comparações e a verdade ia abrindo caminho.

O João respondeu entre dois golpes da enxada :

— A gente é bruta e nasceu para sêr bruta, sr. Luiz. Os ricos é que sabem e decidem essas coisas. —

O rapaz encolheu os hombros e teve um sorriso de desprezo.

O Luiz olhava para o João; mais uma vez sentia a impossibilidade de fazer entrar uma ideia de liberdade naquelle cerebro estreito. Mas olhou depois para o Pedro, para a sua linda cabeça de mocidade, de saude e de energia, onde o sentimento da justiça germinava, onde as revoltas começavam a crescer como azas que se ensaiam.

E pensava de si para si, caminho de casa:

— O João e os outros como elle, estão perdidos e mortos; o espirito alli apagou-se; existe apenas a animalidade passiva, submissa, inconsciente da sua força. Mas os novos... os novos... —

Desde a visita á casa do José Cachorro, a attitude da Joanna modificara-se.

Trabalhava a serio. Estava sempre occupada. Quando o Luiz se levantava, de madrugada, já muitas vezes a encontrava tratando da limpeza e arranjos da casa.

Tinha grandes melancolias ainda; e as suas alegrias eram curtas. Estava longe do bom humor persistente e calmo da Francisca; mas fazia um grande esforço para reagir, para vencer o seu desanimo, para reconquistar o seu lugar na vida.

O Luiz e a Francisca sentiam a mudança, o trabalho consciencioso da sua razão.

Olhavam para ella como para uma

flôr que vae desabrochando num progresso cõtinuo mas imperceptivel e á qual se não perguntam as causas profundas da sua evolução.

E os dias seguiam-se aos dias, todos iguaes, cheios de paz. A monotonia da vida era apenas interrompida pela chegada do correio que trazia cartas do Miguel contando o andamento dos seus negocios.

A casa de Lisbõa vendera-se bem com tudo que tinha dentro; a pouco e pouco fazia-se a liquidação dos papeis de credito; estava já paga uma grande parte das dividas.

O Miguel vivia agora num hotel modesto.

As suas cartas, ao principio atormentadas, por vezes amargas e más, cheias de tristezas e de revoltas, iam serenando. Sentia-se nellas uma especie de alivio.

A ultima dizia:

«O que me contas da vossa vida
«ahi enche-me de inveja. Por aqui

«desappareço com o desaparecimento
«do meu oiro. A maior parte dos meus
«antigos amigos já me não conhece.
«Mas sinto crescer umas azas què
«promettem elevar-me acima d'elles e
«talvez acima de mim mesmo.

«Surprehendo-me a sonhar uma
«vida nova ao vosso lado, na atmos-
«phera pura, de cuidados mais nobres
«do que os da minha existencia nestes
«ultimos annos».

O agronomo fazia aos três irmãos visitas frequentes, e muitas vezes trazia consigo a filha mais nova do José Cachorro, a sua sobrinha predilecta, a Rosa, que se tomara de uma adoração apaixonada pela Francisca.

Era uma creança intelligente, com um fundo natural de bom senso, com uma noção instinctiva e segura do bem que resistiam obstinadamente á educação perniciosa da D. Anatolia.

A sua affeição pela Francisca era o producto da admiração e da confiança. O trabalho ordenado, a alegria se-

rena, o bom humor, a paciência, a energia que não se manifestava em vozes de commando nem numa actividade febril e hystérica, mas sim na propria harmonia e doçura de tudo que a rodeava como se a sua presença bastasse para produzir a paz e a felicidade, eram elementos de attracção para o espirito bondoso e naturalmente equilibrado da Rosa.

Conversavam muito. A Francisca dava á pequena uma attenção a que não estava habituada, respondia sempre com a verdade ao seu insaciavel desejo de saber, tomava-a a serio, aproveitava a sua curiosidade.

Falava-lhe da bondade da vida que se manifesta em todas as coisas da natureza. Lançava mão de todos os meios para abrir a comprehensão avida da Rosa, a todas as bellezas fortes que encerram lições de virtude.

— Não vês como os borregos vêm de dentro das mães, meu amor? — dizia-lhe ella. — É tão bonito! Vão-se

gerando, gerando, depois nascem; e quando nascem, muito fraquinhos e tontos ainda, as mães teem nessa occasião leite com que os alimentam e lhes dão força para elles saltarem e correrem entre as plantas da charneca e dos prados que a pouco e pouco se habituam a comer. E depois já não precisam das mães e governam a sua vida, e outros borreguinhos sahem de dentro d'aquellas ovelhas novas e as velhas vão morrendo... —

— É muito triste a morte, não é verdade, senhora D. Francisca? —

— Não, minha filha, não é nada triste. Os corpos mortos transformam-se em succos bons da terra que vão alimentar as plantas que por seu turno dão flôres tão lindas e perfumadas e fructos e pão e pastagens; e tudo isto é força e saude... A morte não é triste, sobretudo para quem faz neste mundo o que deve fazer. —

— A sr.^a D. Anatolia faz neste mundo o que deve fazer? — perguntou

a Rosa depois de um momento de reflexão.

— Não sei. Conheço-a tão pouco! E depois, ás vezes, as pessoas enganam-se. Vês tu, Rosa, é preciso sêr-se bom e não querer mal ás pessoas que se enganam. Nós não temos nada com os outros, Rosa. O que é importante é tornarmos o nosso coração cada vez melhor, cada vez melhor. . . —

— Como eu gosto de si! — dizia a pequena beijando-lhe as mãos numa effusão de enthusiasmo.

E o Ignacio contava que todos em casa extranhavam a Rosa, achando-a muito mais activa, trabalhadora, bondosa, paciente.

A pouco e pouco a pequena deixou de dar lições com a D. Anatolia; vinha quasi todos os dias aprender com a Francisca. E em casa occupava-se com a mãe nos serviços caseiros, imitando a Francisca em tudo que podia.

O José Cachorro soffria, como a filha, a influencia da Francisca. Até alli

as mulheres para elle eram uns entes inferiores, incapazes de comprehendem o trabalho e os cuidados do homem. Gostava da sua Joaquina, que achava uma excellente dona de casa, trabalhadora, assejada e activa. E entendera sempre que se a estas qualidades, uma mulher juntasse a fidelidade e a paciencia, não precisava de mais para ser perfeita. Educava as filhas na vaga ideia de que adquirissem umas prendas (a musica, os bordados, o francez) que as habilitassem a casamentos mais brilhantes na sua ambição de que fossem mais longe do que elle. Mas nunca lhe passára pela cabeça que pudesse haver uma mulher capaz de raciocinio como um homem, capaz de dirigir com intelligencia e criterio fosse o que fosse fóra dos quatro muros que encerram a cosinha, e o bragal.

A Francisca enchia-o de assombro e de admiração; apparecia-lhe como um prodigio. Pasmava do que ella fazia, do que ella dizia, e de sentir, co-

mo, tão simples, tão boa, tão modesta, a sua razão e o seu bom senso se elevavam acima dos d'elle.

O Luiz pensava no Pedro, na Rosa, na influencia profunda que a bondade espontanea da Francisca exercia inconscientemente em volta de si; e crescia-lhe a convicção de que o maior esforço devia convergir para os novos, de que o trabalho a fazer sobretudo, era um trabalho de paciencia; orientando e educando a mocidade, aproveitando-lhe as aptidões, os germens delicados e tenros, como, para as enxertias se aproveitam os ramos mais vigorosos. E o seu ardor violento de revolucionario estacava, perplexo, deante d'este horizonte inesperado.

— Dar a vida toda num trabalho continuo e obscuro, numa contribuição quasi imperceptivel, para a grande evolução. . . — pensava elle.

E entristecia; sentia-se ás vezes sem coragem, elle que era capaz de

se sacrificar num impulso arrebatado de paixão.

Um dia surpreendeu-se a dizer ao Pedro que chamara para casa occupando-o em serviços leves e ensinando-o num aproveitamento consciencioso da sua intelligencia viva e perspicaz.

— Pessoa alguma póde fazer o bem neste mundo senão dentro do seu proprio coração. . . —

E de repente lembrou-se de que estas eram as palavras da Francisca, as palavras que lhe tinham sahido tão espontaneas e que ella não soubera explicar.

O Pedro olhava para elle esperando a continuação; mas o Luiz calou-se e d'essa vez a lição foi mais curta.

No dia seguinte recebeu uma carta do seu grande amigo de Zurich, aquelle de quem dissera: — . . . um homem que não pensava em si, que deixara de existir para si. . . —

Em toda a sua vida, fôra aquelle homem quem tivera sobre o seu espi-

rito, uma acção mais decisiva. De uma intelligencia superior e culta, eloquente, apaixonado, devorado de um amor exclusivo pela classe dos opprimidos, trabalhador de revoltas e de uma sede ardente de justiça, conhecendo o mundo e os homens, considerava como unico remedio para o grande mal, a destruição dos privilegiados, a grande fogueira purificadora cujas cinzas serviriam para a fertilização dos terrenos virgens.

Perseguido pela policia por causa da sua propaganda anarchista, refugiara-se em Zurich, onde em breve se encontrou á testa de um importante grupo de exaltados, promptos a pagarem com a vida o arrojo das suas opiniões.

O Luiz fazia parte d'esse grupo e durante uns poucos de annos seguira aquella escola e bebera a agua pura e ardente d'aquelles ideiaas.

A carta era quasi uma despedida :

« Escrevo-te certamente pela ultima
« vez. Organizámos um grande plano
« e a sorte designou-me para o execu-

«tar. Não se sae com vida de empresas
«d'estas. Mas o que é uma vida? O
«que é um grão de areia na praia im-
«mensa?

«Morro contente. E que a minha
«morte sirva de exemplo... Pensa
«em tudo que sempre te ensinei. O
«dever não é aquillo a que vulgar-
«mente os homens dão esse nome.

«Pensa nos que soffrem persegui-
«ções e injustiças. São os unicos, en-
«tendes? Os *Unicos*.

«Lembra-te sempre...»

O Luiz deixou cahir a carta em cima da mesa e escondeu a cara nas mãos.

— Se eu pudesse vêr claro... Se eu pudesse vêr claro... — murmurou elle.

Uma outra phrase da Francisca, muito simples, atravessou-lhe o pensamento:

— Garantir á perpetuação da especie, as melhores condições de multiplicação e de força... —

— É isso... É isso mesmo. — re-

petiu o Luiz — Porém ella entende-o de outro modo. Como? Como?... —

Pelas janellas abertas ouviu o ruido de vozes e passos que se aproximavam.

A Francisca, de volta de um passeio, encontrara o agronomo e vinham os dois juntos.

Sentaram-se lá fora por debaixo das janellas:

— Ouvi a sua ultima conversa com a Rosa. — disse o Ignacio Cachorro — Como os homens seriam felizes se todas as mulheres tivessem almas iguaes á sua! —

— Qual foi a minha ultima conversa com a Rosa? — perguntou a Francisca — Já não me lembro, confesso. —

— Eu vou repetir algumas das suas palavras que não esqueci: — É preciso não querer mal ás pessoas que se enganam... Não temos nada com os outros... Cada um segue lá o seu caminho... O que é importante é tornar o nosso coração cada vez melhor, cada vez melhor... —

— Eu disse isso? Pode ser. Não me lembrava. —

Calaram-se os dois um momento; e depois o agronomo continuou:

— Acha que não temos nada com os outros? Parece-lhe então que não devemos fazer esforço algum para corrigir esses outros que se enganam? —

— E que direito podemos ter de o fazer? —

— Direito... direito... Emfim, o dever de mostrar o bom caminho a quem vae perdido. —

— São poucos os que sabem o bom caminho. E depois... á força de olhar para os outros, acabamos por não nos vermos a nós mesmos. Perdemos-nos de vista. —

— Gostava que me explicasse a sua ideia. Já por umas poucas de vezes vejo apontar a sua compreensão da vida; e então parece-me ter na mão uma borboleta maravilhosa. Mas quando vou observá-la escapa-se-me e foge... Fica-me apenas nos dedos o oiro em pó das

suas azas delicadas . . . uma coisa subtil e quasi impalpavel que não posso analysar. —

A Francisca pôs-se a rir devagariño com o seu riso musical.

—Asseguro-lhe que não sei explicar. São ideias que passam . . . Não me tome a serio! Olhe quem vem alli. É o seu irmão. —

Era com o effeito o José Cachorro que vinha passar um bocado da tarde com os três irmãos.

O Luiz sahira da sala, e agora, com os dois Cachorros e com a Francisca, a conversa generalizava-se; falavam do tempo, das sementeiras . . .

O José Cachorro queixou-se da filha mais velha que lhe estava dando cuidado. Sem paciencia para coisa alguma, recusando-se a ajudar a mãe, lamentando-se de não ter creadas, sempre infeliz, sem alegria . . .

— Às vezes penso — dizia o pobre homem, — que tudo isto é por ella saber demais; e arrepelo-me de lhe ter dado

•

educação. Mas lembro-me aqui da sr.^a D. Francisca; bem mais educação tem do que a minha Hilda, e... —

— A senhora D. Francisca! — exclamou o agronomo interrompendo-o — Procura com uma lanterna a vêr se encontras outra como ella! —

— Mau! — disse a Francisca rindo. Mas o agronomo não se calou:

— Se a visses no outro dia a varrer esta entrada com um lenço na cabeça por causa do pó! E a passar a ferro e a pontear... E se estivesses connosco uma noite d'estas quando o Luiz e eu tratavamos das formulas de adubação para os trigos de primavera! Como nos ajudou e com que precisão fazia as determinações dos elementos segundo as analyses das terras! As palavras d'ella são de oiro, a sua cabeça é melhor do que a nossa; e o coração... ha lá nada mais transparente! Olha como transformou a Rosa, olha como tudo para onde ella se chega, resplandece logo de uma luz bemdita! As mulheres... as mu-

lheres... Se nós pudéssemos fazel-as todas como esta, a humanidade estava salva! —

A Francisca ria, divertida com aquella explosão de enthusiasmo; e o Luiz ria tambem, levado na mesma onda de bom humor.

Quando os Cachorros partiram, a Francisca disse, muito seria, ao Luiz:

— Que bom homem é este Ignacio Cachorro! Como elle vê todas as coisas através da sua bondade! Quem o ouviu e não me conhecesse, havia de me julgar um prodigio. Coitado! Mas nem por isso deixo de lhe ser reconhecida. —

— Então parece-te que és uma mulher como outra qualquer? — perguntou o Luiz.

— Tambem tu!... — exclamou ella com um espanto sincero — O que faço eu além do que devo fazer? —

E havia tanta claridade e transparencia no seu olhar, que o Luiz teve uma especie de medo supersticioso de lhe dizer o que pensava.

Calou-se.

A Joanna no seu quarto escrevia ao Miguel:

«Sinto-me cada vez melhor moralmente.

«Não me vaes conhecer, quando chegares.

«Lembras-te das minhas manhãs em Lisboa, com uma revista, embrulhada naquelle *robe-de-chambre* de que tanto gostavas? Hoje levantei-me ás cinco horas e depois de varrer a casa, fui fazer o almoço enquanto a Leonor estava na ribeira a lavar. Compreendes o sacrificio e o esforço que são necessarios para isto.

«Tenho as mãos negras do sol e do trabalho. As *tuas* mãos, tão macias e tão brancas... lembras-te?

«Já não leio romances. Não ha tempo.

«Sinto que me estou aperfeiçoando. Espero poder dar-te ainda uma vida feliz...»

Neste ponto a Joanna interrom-

peu-se para escutar o que diziam lá em baixo defronte da casa.

O agronomo é que falava:

— ...olha como tudo para onde ella se chega, resplandece logo de uma luz bemdita! —

A Joanna levantou-se e aproximou-se da janella.

E não se mexeu mais emquanto ouviu as vozes que subiam como linguetas de fogo a illuminar a sua alma.

Quando o Luiz e a Francisca se calaram, voltou para junto da mesa onde estava a carta principiada para o Miguel.

Releu-a com attenção.

— Não é isto ainda — murmurou ella abanando a cabeça. — Emquanto eu sentir merecimento no que faço, não valho nada. —

E, muito devagar, pensativa, rasgou a carta em bocadinhos.

CAPITULO VIII

Em casa do José Cachorro, o Luiz, a Francisca e a Joanna, encontraram uma tarde o barão e os dois filhos.

— Tenho uma grande honra e um grande prazer em conhecer Vossas Ex.^{as} — disse o barão, cofiando a barbicha pintada e ajustando a luneta sobre o nariz lustruso. — Em Lisboa já tinha visto a senhora D. Joanna na Avenida. Mostraram-m'a uma tarde no anno passado, quando houve a batalha das flôres... —

A Joanna sorriu. O olhar velou-se-lhe um momento como quando sóbem á cabeça os primeiros fumos de um vinho embriagante. Lembrou-se da sua

victoria *capitonée*, da grande manta de martha lançada sobre os joelhos, do ramo de orchideas que levava na mão...

Um perfume, um trecho de melodia, uma côr especial de ceu, um nada... Tão pouco basta para evocar uma situação, uma scena passada e esquecida!

A phrase do barão reviveu-lhe no espirito aquelle detalhe da sua vida opulenta e deliciosa. O coração apertou-se-lhe de uma saudade que ella julgava quasi morta. E logo entristeceu.

Mas o barão não lhe deu tempo de responder; rebolando-se para outro lado, pequenino e obeso, sobre as pernas curtas e fazendo telintar entre os dedos os berloques da sua corrente de oiro, dirigiu-se aos dois Cachorros e ao Luiz.

— O que me dizem aos escandalos das eleições? — exclamou elle — E falavam de nós!... Chapeladas sobre

chapeladas!... É preciso acabar com isto. O paiz está cançado. O presidente do conselho disse-me ainda ha pouco... —

E principiou a contar uma longa historia de onde se deprehendia que o presidente do conselho o consultava para as suas decisões e que os destinos politicos da nação estavam tacitamente dependentes dos alvitres que elle dava aos governantes.

Os dois filhos do barão conversavam com as senhoras. De esporas e jaleca á hespanhola de surrobeco fino com os classicos remendos pretos, chapéus Mazantini, calças muito apertadas, gingavam, de mãos nos bolsos, falando calão, obsecados pela preocupação de imitarem os marialvas da Borda d'Agua, os seus modos toireiros, os seus gestos, as suas atitudes.

— E já toireou alguma vez? — perguntou a Francisca ao mais velho para lhe ser agradavel.

— Por pandega, já. Em vacadas. —

— Jesus, credo! — aventurou-se a dizer a Hilda — Como é que não se morre de medo! —

— Os homens querem-se valentes — observou a D. Anatolia — Eu adoro toiros. Sempre adorei. Todos os domingos ia com o papá ao Campo Pequeno. —

— Eu fui a uma toirada e cuidei que morria de susto e de aflição. — tornou a Hilda — E mais, nenhum dos toireiros era meu conhecido. O que faria . . . —

E suspirava olhando para o rapaz.

O outro mais novo pôs-se a rir.

— Então não havia de querer que o seu marido gostasse d'estas renações, hein? — e piscava o olho á D. Anatolia.

Mas o que falara primeiro não se enterneceu com aquella declaração nem deu por ella. Dedicára-se todo á Francisca.

— Para a semana chega ahí o Guerrita que vem de passagem para a toirada do Campo Pequeno — dizia-lhe

elle. — Vae lá para casa. Queriamos improvisar uma vacada; mas não ha praça nem nada. A rapaziada por aqui não tem amor a estas coisas; e o gado não vale dois caracoés. E então vamos arranjar umas cavalhadas. Cavallos tem a gente, olé! de se pôrem aqui... —

E o rapaz beliscava a ponta da orelha continuando com um sorriso enquanto olhava a Francisca insistentemente.

— Vossa Ex.^a ha-de nos dar a honra... —

A Hilda interrompeu-o, chamando-lhe a attenção e dirigindo-se tambem á Francisca.

— E este senhor é um cavalleiro que é um gosto ver-se. Lembra-se, sr. Fernando, d'aquella vez quando o seu cavallo se empinou alli mesmo? Até me ia dando uma coisa. Credo! Nem quero pensar! —

A Joanna aborrecia-se profundamente. Aquella gente ordinaria, aquellas conversas de toireiros, os adema-

nes da Hilda e da D. Anatolia, feriam a sua sensibilidade de mulher elegante. As amarguras subiam-lhe ás ondas, suffocavam-na. Como ella soffria! Como a vida passada creara raizes no seu coração!

— Olhem para isto! — exclamou o José Cachorro, aproximando-se com os outros homens do grupo das senhoras, e apontando para os canteiros bem regados, onde dominavam os craveiros carregados de flôres. — Digam lá mal da nossa terra alemtejana! —

— Pobre terra tão calumniada! — respondeu o agronomo — Se a tratassem . . . Ella dá tudo! —

— Menos agua. — disse a vozita esganiçada do barão.

— Agua! — tornou vivamente o José Cachorro. — Mas não havia uma gotta d'agua neste *monte* quando tomei conta d'elle! Furei a terra, procurei com paciencia . . . E agora . . . —

Iam andando devagarinho e tinham chegado á extremidade do jardim; en-

costando-se ao muro que dominava a encosta, o José Cachorro mostrava lá em baixo os campos de cultura, a horta, os prados que se estendiam, fechados ao longe pela mancha solemne dos montados.

— Nada d'isto se faz sem agua! — repetia elle.

— A terra alemtejana! . . . — murmurou o agronomo com o seu sorriso triste — Se a trabalhassem, se a aproveitassem . . . —

— Não ha braços — declarou o barão em tom dogmatico.

Mas o José Cachorro interrompeu-o logo.

— Não ha braços? Os braços nascem da terra, homem de Christo! Não havia braços quando principiei a trabalhar a minha herdade; mandei vir ranchos da Beira nas épocas precisas. A terra dá para tudo, bemdito seja Deus! Não me faltam braços agora. Quantos eu queira! E se tivesse dinheiro para comprar todo o Alemtejo

havia de ter braços ainda de sobra para o amañhar... e mais que fosse, Deus me perdôe! —

— Que bello grito! — disse o Luiz entusiasmado — Grito de coragem e de fé! É preciso repetil-o mil vezes, acordar echos que lhe respondam... —

O barão concertou as lunetas, piscou os olhinhos vivos e principiou:

— Na minha opinião, o governo... —

— Cala-te d'ahi com o governo! — berrou o José Cachorro muito excitado — Deixa o governo em paz! Pede-se tudo ao governo e ninguem se mexe. Se nos juntassemos todos, se todos tivessem a minha boa vontade e o meu amor ao trabalho, o governo havia de fazer o que a gente quizesse!... Nem a gente precisava d'elle para nada!... —

— Não vale zangar... não vale zangar... — disse o barão, levantando a mão papuda e cheia de anneis.

O José Cachorro olhou um mo-

mento para elle, encolheu os hombros e pôs-se a rir.

— Bom. Não se fala mais nisso. Vamos lá abaixo ao meu viveiro de oliveiras que está uma belleza; quero mostral-o aqui ao sr. Luiz, que ainda o não viu e nem tu nem os teus filhos o visitaram ainda este anno. —

— Onde está a sua mulher e a Rosa? — perguntou a Francisca ao José Cachorro.

— Estão em casa. —

— Eu vou ter com ellas enquanto os senhores se divertem lá com o viveiro. —

— E eu tambem. — acrescentou a Joanna, cujo aborrecimento se transformava num mal estar insupportavel.

E separaram-se.

Mau grado seu, a D. Anatolia e a Hilda, que deliravam pela companhia dos dois filhos do barão, seguiram as duas irmãs para casa.

— Então o que é isto, Rosa? — per-

guntou a Francisca abraçando a pequena que vinha correndo ao seu encontro — Sabes que estou aqui e não me vens falar? Que amizade é esta? —

Ella respondeu, muito seria:

— Andava a ajudar a mãe. —

— Agora é sempre assim — explicou a D. Anatolia. — Por mais que eu lhe diga, não attende aos seus deveres de sociedade. —

Mas a dona da casa expandiu-se toda num sorriso de satisfação.

— Isto é uma joia. — declarou ella beijando a pequena ruidosamente — Desde que dá lições com a senhora D. Francisca, sabe muitas coisas lá de estudos que eu não entendo; mas não despreza o trabalho. Já é capaz de fazer um jantar sósinha. —

A Rosa fitava a Francisca bebendo-lhe nos olhos um signal de approvação; e sorria, affogueada de prazer.

— Uma menina bem educada precisa pensar nas regras de civilida-

de — observou a mestra sentenciosamente.

E a Hilda accrescentou com um ar amuado :

— A mãe também não quer saber senão das panellas e dos arranjos da casa... Porque não ha-de ter creadas? Quando vêem visitas, até me envergonho...—

— E o que tenho eu com as visitas, não me dirás? — respondeu a mãe zangada — Olha estas senhoras que são bem finas, e não me desprezam por eu ter lenço na cabeça. O mal fica mas é com a gente que despreza uma mulher seria que trata das suas obrigações. Agora creadas! Basta a moça para me ralar... E se tivesse creadas, o que havia eu de fazer todo o dia?—

— Pois é o que eu digo. A mãe não se diverte com outra coisa...—

— E para que é preciso divertir-me com outra coisa? —

— Tem razão, tem razão...— disse

a Francisca — A mulher o que precisa é de sêr boa, e não ha ninguem melhor do que a senhora Joaquina. Sêr boa para todos, e indulgente, e dar desconto aos defeitos de cada um, porque todos nós os temos; e acceitar as coisas como ellas são, e tirar das circumstancias o melhor partido. A bondade da mulher é uma luz que ella traz na mão, alimentando-a com a sua vida; e a vida queima-se a pouco e pouco até ao fim, e gasta-se naquella chamma. A chamma é pequenina, mas illumina tudo em volta. E enquanto nós existimos deve ella existir cada vez mais forte e mais serena á medida que avançamos atravessando cuidados, trabalhos e miserias. Que importa o que os outros pensem ou digam? Se cuidarmos bem da luzinha que temos na mão, não haverá em volta de nós senão claridade. A senhora Joaquina tem razão. —

A Francisca falava com muita doçura e simplicidade; a Joaquina aba-

nava a cabeça quasi persuadida de que ella propria dissera aquellas palavras. E, envolvidas no encanto da sua voz e da sua expressão, a propria Anatolia e a Hilda escutavam-na sem azedume nem antipathia.

— Como ella alimenta bem a luz pequenina que tem na mão! . . . — pensava a Joanna. — E nem dá por isso. . . —

Os homens, andando e conversando, tinham chegado em frente do viveiro de oliveiras.

— Que bonito! — disse o Luiz, encantado — Parece uma floresta de bonecas! —

— De bonecas ricas; — accrescentou o agronomo, rindo — as arvores são de prata. —

Effectivamente o viveiro, com a sua folhagem miuda e tenra, de um azul prateado, luzia ao sol como qualquer coisa preciosa e fragil.

As arvores pequeninas, muito bem tratadas, limpas, alinhadas, as mais antigas já podadas apresentando uma

copa redonda e um fuste equilibrado, as mais novas delgadas e flexiveis todas tremulas á passagem da briza, tinham um ar delicado de filigrana viva.

— Tem-se ternura por isto — disse o agronomo ao Luiz — quando se pensa no que estas arvores mais tarde nos dão. Arvoresinhas de boneca!... São ellas que depois cobrem superficies tão grandes da nossa terra, desfazendo-se em fructo... no fructo que será o azeite doirado producto de luz, de abundancia, de riqueza. Olho para isto como se olha para uma creança de quem se espera muito e cuja innocencia e belleza innocente nos commovem porque as comparamos ao que será mais tarde a sua vida de lucta e de trabalho fecundo. É bom olhar-se para as plantas como para entes dotados de razão; este modo de as encarar produz lições proveitosas de coragem e de moralidade.—

O agronomo calou-se; e logo depois

apontando novamente para o viveiro, exclamou:

— Veja que dôr d'alma! Em Portugal não ha talvez três viveiros como este. Uma das nossas principaes riquezas!... Quando um lavrador quer repovoar os seus olivaeas, fazer uma nova plantação, ou compra mal tanchões portuguezes de variedades depauperadas, ou manda vir plantas do estrangeiro por um dinheirão. Ninguem pensa nisto. E assim se perde . . .—

Mas o barão, de costas viradas para o viveiro, animava-se na sua conversa com o José Cachorro:

— Só o Joaquim Pombo da Ribeira me trouxe n'estas ultimas eleições duzentos votos... duzentos! E sabes quanto me custaram? Quinhentos mil reis. Foi um capricho; mas commigo não se brinca. O Conselheiro tinha-se gabado de ter na palma da mão o Joaquim Pombo... Eu depois ria-me: — Meu amigo, que é dos votos do Joaquim

Pombo? — Regalei-me. Quinhentos mil reis! Não os choro. Commigo, em politica, ninguem se metta.—

Os dois filhos encaixavam as mãos nos bolsos apertados das calças e torciam-se num riso ordinario e espertalhão.

O agronomo olhou para o barão por cima do hombro e abanou a cabeça.

— Eleições, votos, asneiras... — murmurou elle — Tem charnecas e charnecas que nunca viram ferro, e gasta contos de reis a comprar votos para ir a Lisboa dizer nas camaras coisas de que ninguem se importa! Politica idiota! Faz mais estragos nos nossos campos do que o phyloxera ou o fungão... E fala-se no analphabetismo! De que serve saber lêr aos nossos trabalhadores emquanto os dirigentes forem assim? Mais vale estár ás escuras do que ter luz para vêr os muros de uma prisão.—

O Luiz franzira o sobr'olho.

— Os muros das prisões podem ir

pelos ares. . . — respondeu elle a meia voz — O prisioneiro que vê a prisão e que aspira á liberdade, é mais digno do nome de homem do que o animal inconsciente e submisso, ignorante dos seus privilegios e da sua força. —

O agronomo olhou para o Luiz um momento, pensativo, e tornou a abanar a cabeça:

— Tambem não é isso ainda. . . — disse elle como se falasse comsigo mesmo.

De volta para casa do José Cachorro, o barão convidou o Luiz e as duas irmãs a irem assistir á festa que dava em honra do Guerrita.

— A baroneza talvez não tenha tempo de ir visitar Vossas Ex.^{as} antes d'isso, porque anda muito occupada com os preparativos, mas já falou no prazer que teria se quizessem acceitar o nosso convite. —

— Com immenso gosto — disse logo a Francisca — Nunca vi uma cavallhada e vou achar divertidissimo, —

— E teremos o maior prazer em conhecer a senhora baroneza — acrescentou Joanna.

— A senhora Joaquina é que não é para estas coisas, e por isso não lhe digo nada, — declarou o barão cobrindo com uma falsa bonhomia o desejo de se vêr livre da mulher de lenço, cuja presença na festa o vexaria em frente dos outros convidados.

Mas a excellente creatura não viu a vaidade escondida e respondeu com um sorriso bonacheirão:

— Pois está visto! Já me diverti o meu quinhão. Isso é bom para a gente moça. Eu agora só quero o meu socego. —

— Mas cá estas meninas é outra coisa. — continuou o barão pensando na soberba propriedade que seria a de um dos filhos, se juntasse ás suas terras as do José Cachorro. — Nem comprehendendo uma festa em minha casa sem a presença da D. Hilda. E a D. Anatolia, tambem, já se vê... —

O Luiz parecia contrariado ; seguia esta scena com repugnancia e desgosto. Assim que teve um ensejo, pretextou as horas de jantar e despediu-se com as irmãs.

— Porque acceitaram vocês logo o convite do barão? — perguntou elle apenas se afastaram — Não tenho pachorra nenhuma para o aturar. Elle e os marialvas dos filhos, tudo aquillo me enjôa e me incommoda.—

— Ora adeus! — respondeu a Francisca, sorrindo — Não te faças misanthropo! Vêr a alegria dos outros, sem segundos pensamentos, sem azedumes, simplesmente, como se vê uma paizagem risonha, é sempre bom. Poder gozar da alegria dos outros! É uma golpada de ar fresco.—

A Joanna acceitara o convite por cortezia, por um movimento natural, filho da longa experiencia das mentiras doiradas que se chamam boas maneiras; no seu intimo reservara-se um

pretexto que á ultima hora a desembaraçaria airosamente.

Não comprehendia as theorias da Francisca; perguntou-lhe :

— Mesmo quando não entendemos essa alegria? Mesmo quando não podemos compartilhar a disposição de espirito dos outros? —

— Com certeza. Porque escusamos de a compartilhar para que d'ella nos venha prazer. Que aborrecida coisa seria a vida se todos pensassem e sentissem da mesma forma! Tu, o Luiz, eu, e outros como nós, teem uma certa missão a cumprir. Não se segue d'ahi que todos tenham a mesma. Quem nos diz que a missão dos que podem rir sinceramente e interessar-se a serio por coisas pueris e que a nós nos parecem estereis ou talvez maliciosas, não é tão util como a nossa que nos impõe cuidados e esforços? Ha tantas coisas ainda que não explicamos nem comprehendemos! —

— Hoje não posso estar de accordo

comtigo — tornou o Luiz. — Não conseguirás convencer-me de que o barão e os filhos e a sua concepção da vida e do dever (se é que a tem...) sejam uteis, necessarias á evolução da humanidade. —

— Pensa o que quizeres, — disse a Francisca sorrindo com bom humor — Não tenho pretensões a apóstolo. Digo o que me passa pela cabeça. A alegria dos outros é uma coisa linda... e reconfortante. É um tónico. Encafuarmos-nos obstinadamente no circulo das nossas convicções, fecharmo-nos a tudo que não obedeça aos nossos principios, é uma vaidade e um absurdo. Devemos receber com bondade tudo que vem de fóra e procurar o prazer na reacção do nosso espirito sobre esses elementos exteriores. Vêr tudo, conhecer tudo, comprehender tudo... Imaginas que admiro os ascetas que se isolam no deserto desprezando a humanidade e tendo por companheiros unicos a consciencia e a vaidade do

seu sacrificio e os pensamentos estreitos com que se furtam assim ás luctas da vida? Grande merecimento! Feios egoistas!... Seremos tal qual como elles se nos encerrarmos entre as quatro paredes das nossas theorias e das nossas comprehensões. Olha que belleza de sol! E como illumina tudo!... Olha para aquelle tojo florido! O tojo... que durante seculos foi considerado uma planta inutil e que hoje a sciencia nos mostra como um poderoso assimilador de azote condensando na terra essa riqueza do ar! —

A Francisca animara-se. Brilhavam-lhe os olhos; a mocidade, a saude, o enthusiasmo, resplandeciam em torno d'ella numa vibração de vida corajosa e forte.

— Ah! — suspirou ella, rindo — basta de philosophias! Não estou para mais. Não sejam massadores e vão tomar o tonico das cavalhadas e do Guerita e de todas essas coisas que dão tanto prazer aos outros! -

CAPITULO IX

—Acabo de ter uma visita muito extraordinaria — disse a Francisca, alguns dias depois, encontrando-se com os irmãos á hora do almoço.

—Eu vi de longe chegar a tua visita;— respondeu a Joanna, rindo — e tratei de me safar. Não posso com ella nem com a illustre Anatolia. São superiores ás minhas forças. E admiro a tua paciencia. —

—O que queres tu que eu lhes faça? Ellas não teem culpa de serem assim. Se eu estivesse no logar d'ellas talvez fosse ainda muito peor. —

— Isso é mais do que evangelico, Francisca — declarou o Luiz rindo

tambem — Foi então a visita da menina Hilda que recebeste esta manhã? —

— A visita em si não teria nada de extraordinario. Pobre rapariga! O pedido que veio fazer-me é que me espantou. —

— Conta lá. — disse a Joanna interessada.

— Lembras-te que a estranhámos hontem, quando a encontrámos na estrada com a inseperavel Anatolia? Tinha os olhos vermelhos e inchados de chorar. Perguntei á mestra se a rapariga passara por algum desgosto; respondeu-me revirando os olhos e com um suspiro, que ha neste mundo grandes soffrimentos ignorados; e não lhe pude arrancar mais nada. Sabia que em casa do José Cachorro todos estavam de saúde e de bom humor; e o desgosto da Hilda não me preocupou, devo confessal-o. Mas hoje, quando ella chegou, outra vez com aquella cara de afflicção, veio-me um dó muito grande

pela pobre creatura. Ha-de ser sempre uma infeliz, victima de aspirações que não poderá realizar, condemnada, por uma educação desharmonica, a uma eterna incoherencia. Emquanto a fazia entrar e lhe falava de varias coisas indifferentes afim de a pôr á vontade, o meu dó crescia; já não podia sentir outra coisa senão aquelle dó immenso que me inundava toda. —

— Mas porque diabo chorava ella?
— perguntou o Luiz.

— Nisso pensava eu. Pobre creança grande! Alguma boneca partida de que eu não descobria os cacos... Com uns rodeios levei-a a falar-me do seu desgosto. Perguntei-lhe o que a fazia soffrer tanto, se eu teria contribuido inconscientemente para a sua pena, se me seria possível remedial-a ou atenual-a. Respondeu-me, cheia de confusão, que nunca ousaria dizer-me, que ha males sem remedio, e que só queria morrer. Finalmente, desatou a soluçar, agarrada a mim: — Ha coisas — disse

ella — que não poderia entender mesmo que eu me fartasse de lh'as explicar. Às vezes um grande desgosto nasce de uma causa pequenina, tão insignificante... — E essa causa pequenina porque não m'a diz? Talvez eu achasse um modo qualquer de a dissipar. — Não, não! nunca poderia entender... — Eu entendo tantas coisas! Experimente... — Mas não queria dizer. Cheia de boa vontade comecei a procurar na memoria, a fazer um esforço de raciocinio. Pensei n'alguma questão côm a mãe, alguma nova revolta contra aquella mãe de lenço. Não era isso. —

— Ora! — exclamou o Luiz — algum caso de amor, arrufo ou coisa que o valha com um dos filhos do barão... Aposto a vida! —

— Tambem me lembrei. Mas não quiz perguntar directamente. Falei nas cavalhadas. Interrompeu-me logo com um olhar e com um gesto de cabeça que me deram a conhecer de onde vinha o mal. Escondeu a cara nas mãos,

e, entre lagrimas e reticencias sem fim, confessou que me vinha pedir para eu não ir á festa.—

— O que significa isto? — exclamou a Joanna abysmada.

O Luiz abanou a cabeça com enjôo.

— Fructo peco... — resmungou elle.

A Francisca foi continuando:

— Como um relampago, por um trabalho vertiginoso e quasi incomprehensivel do meu cerebro, passaram-me pela ideia alguns aspectos feios da sua alma em relação aos paes, em relação a mim propria, revoltas, injustiças, invejas sobretudo, que mais d'uma vez me fizeram soffrer. Porquê? Quem póde medir o que existe ainda em nós de animalidade aggressiva, e de instinctos ferozes de vingança? Como deve ser cuidadoso o nosso esforço em nos defendermos d'esses primeiros impulsos inconscientes que tantas vezes teem origens criminosas no fundo obscuro das nossas almas! E dizem vocês que eu sou bôa! Bôa!... O meu primeiro

movimento foi um movimento de indignação, de repugnancia, um desejo de fazer mal, de dizer logo que não... —

A Francisca interrompeu-se, nervosa, com uma expressão de desgosto, de aborrecimento de si mesma.

— O que dizes a esta criminosa? — perguntou a Joanna, sorrindo, ao Luiz.

— Acho-a perigosissima. Estou ansioso pelo fim da historia. —

A Francisca recomeçou a falar: — A Hilda cortou aquella hesitação má, dizendo-me: — Pelo amor de Deus não pense... O meu desgosto não é que vá á festa. *Isso* é a tal causa pequenina. O meu desgosto é outra coisa... e não lh'a posso dizer. — Mas eu já estava senhora de mim. Tinha vencido aquelle feio instincto animal que tanto me desgostara; e na minha resposta fui sincera, já retomada pelo meu dó, comprehendendo aquelle soffrimento que se me affigurava tão infantil, mas nem por isso menos sentido, menos doloroso; porque vocês bem vêem, as

creanças soffrem por uma futilidade, tal qual como nós por uma coisa séria. O coração da gente é proporcionado ao que tem lá dentro. Respondi-lhe:— Não me diga o seu segredo, não preciso de o saber. O que era preciso era que eu soubesse a causa pequenina... para a remediar, não é verdade? Pois está remediada. Não pense mais n'isso. Prometto-lhe que não vou ás cavalhadas...— Olhou para mim com assombro. Não podia comprehender que eu assim renunciasse a um tal prazer. — Como é boa! — exclamou ella — Nunca imaginei... Não ha ninguem melhor no mundo. — Puz-me a rir:— Não exagere. Não me julgue melhor do que sou nem me fique reconhecida. Se fosse um sacrificio... talvez o não fizesse. Mas isto conta tão pouco, tão pouco, para mim, que não ha merecimento, asseguro-lhe. — D'este momento em deante, mudou. Secaram-se as lagrimas. Descreveu-me o feitio do vestido novo que ia levar á

festa... Que querem vocês? Cada um dá o que póde...—

—Como o pilriteiro da cantiga — disse o Luiz, rindo.

— Nem mais nem menos — continuou a Francisea. — Se soubesses como eu estava contente! Tinha um prazer tão grande de vêr florescer o pobre pilriteiro; e de o vêr florescer pelos meus cuidados! Parece-me que fui bôa. Bôa simplesmente, sem heroicidade nem sacrificio; fui capaz de julgar alguém sem ser através de mim. —

— A bondade é difficil; — disse o Luiz — e quanto mais simples, mais dependente de uma acção que parece insignificante e que pode passar despercebida, mais difficil é. —

Houve um intervallo de silencio muito calmo e repousante que passou sobre as tres cabeças pensativas. Afinal a Joanna disse:

— O desgosto da Hilda seria apenas uma impressão de medo que a presença da tua belleza e da tua graça a ofus-

casse na festa? A manifestação da inveja que principia a devoral-a? Um ciúme por causa do filho do barão? É preciso reflectir, é preciso ires ao fundo, para teres bem nitida a impressão do que fizeste e da importancia da tua acção. A coisa em si é pueril, mas póde ser um grande ensinamento. Se foi realmente um sentimento mesquinho, então... —

—Então o quê?—interrompeu a Francisca vivamente.—Que importa? Tenho eu algum direito de julgar ou de corrigir os outros? Em quê sou eu melhor do que os outros, em quê valho mais do que elles para ter o direito de os julgar ou de os corrigir? Tenho apenas o direito de *me* julgar, o dever de *me* corrigir: o que é muito differente.—

—Tu és extraordinaria, Francisca.—observou a Joanna.—No fundo, a tua desistencia da festa, para satisfazeres um capricho absurdo e talvez feio e antipatico da Hilda, baseia-se na mesma theoria que te fez dar dinheiro n'aquel-

la noite ao vagabundo bebedo para ir beber mais ainda. Não te posso entender. Por esse caminho não só não julgas nem corriges o vicio, mas até o ajudas e o alimentas. —

—E tu imaginas que se eu negasse o dinheiro ao vagabundo, o corrigia do seu vicio de beber? Imaginas que se eu não fizesse a vontade á Hilda, ella se curaria do mal que ha-de originar a sua desgraça? Se entornas o tinteiro no sobrado, tratas de apanhar a tinta espalhada, mas, por mais que esfregues, a nodoa lá fica, entranhada nos tecidos da madeira. O que é preciso é não entornar o tinteiro. —

—O que queres tu dizer com isso?
—perguntou o Luiz.

Mas a Francisca levantou-se da meza a rir.

—Não sejam massadores,— disse ella.— Fazem-me doida com tantas perguntas e tantos problemas. As coisas são o que são. De que serve disseccar tudo? Olhem que dia tão lindo! Estive

hoje de manhã a sachar e a regar o nosso jardim. Está tão fresquinho! —

E encostada ao parapeito da janella, apontou para os canteiros bem tratados.

— Vão lá perguntar a estas, o que fazem das folhas cahidas. A terra encarrega-se de as aproveitar. E ellas só pensam em dar vida e saude aos rebentos novos para que tenham força de resistir ás doenças e aos parasitas... —

Pegou no chapeo de palha que atirara para cima de uma cadeira ao entrar na sala de jantar.

— Passem muito bem! — acrescentou ella. — E eu tenho mais que fazer do que dar á lingua. Vou acabar um canteiro que ainda me falta. —

O Luiz e a Joanna ficaram sós e olharam, sorrindo, um para o outro.

— É uma original, — disse a Joanna.

— É um amor de uma mulhersinha, é o que ella é, — respondeu o Luiz.

E muito serio, de repente, continuou com um suspiro:

— Ah! Joanna! Se todas as mulheres fossem como ella, não seria preciso haver homens como eu, que se atormentam, e pensam nos meios violentos e terriveis! —

— Nem creaturas como eu, sujeitas a tantas luctas e a tantas misérias! —

Calaram-se os dois.

D'ahi a algum tempo o Luiz disse:

— Parece-me que vou entendendo o fundo da ideia que ella traz no coração sem dar por isso. O amor do proximo como geralmente se entende, é uma perda de tempo. Deixar os outros; olharmos para nós mesmos; crearmos no nosso *eu* a comprehensão, o meio puro, desinteressado, nobre, de onde ha-de nascer todo o bem futuro. Cultivar a terra do vizinho... porquê? Para quê?... se temos a nossa inculta? —

— E não é só isso; — respondeu a

Joanna — tambem me parece que a vou entendendo. Não é só isso. Lembra-te do que ella disse ainda agora falando das plantas? — *Ellas só pensam em dar vida e saude aos rebentos novos para que tenham força de resistir ás doenças e aos parasitas.* — Não se deve querer corrigir o que está feito. É um esforço inutil, perdido. Deixar cahir por si as folhas velhas; cuidar dos rebentos novos. Não faz um esforço para modificar a Hilda; mas não vês com que interesse, com que amor cuida na educação da Rosa? Não despreza os mal encaminhados; tem dó d'elles. *Aquelle dó immenso que a inunda toda,* como ella disse. E faz tudo para lhes dar prazer, ainda que esse prazer seja doentio e máu, incomprehensivel para ella. Um desejo de lhes dar um pouco de felicidade, seja como fôr, áquelles infelizes *que se enganam.* Mas a sua paixão, o seu ardor, a sua grande esperança repousam sobre os *rementos novos...* —

A Joanna levantou-se; mas o Luiz não a deixou partir.

— Espera — disse elle — preciso falar contigo em coisas serias da nossa vida. —

A Joanna tornou a sentar-se e, de frente d'elle, com os cotovellos sobre a meza e o queixo encostado ás mãos, preparou-se para o ouvir.

— Quando soubemos da nossa ruina, tivemos um movimento brusco de recuo como deante de uma fera que nos apparecesse inesperadamente. Despedimos creados, principiamos a trabalhar com as nossas proprias mãos, restringimos a uma vida mais que modesta. Foi um pavor instinctivo, um desejo de nos prepararmos para o peor, afim de que esse *peor*, que ainda era incerto, nos não apanhasse de surpresa. Eramos como creanças insubordinadas que temendo a privação da sobremeza, declararam não ter mais vontade, evitando assim pela privação voluntaria, o vexame do castigo. Não foi isto? —

— Foi, tal qual — respondeu a Joanna.

— Como sabes, tenho estado em correspondencia de negocios com o Miguel. Só hoje fiquei bem ao corrente da nossa verdadeira situação e por isso, só hoje te falo n'este assumpto. A fortuna do Miguel está completamente perdida. Pagas as dividas, não lhe fica um real. Quanto á nossa, lançada por elle n'aquella voragem de jogos de fundos, foi tambem engulida. Terras, fóros, predios em Lisbôa, papeis, tudo teve de ser vendido para acudir aos compromissos. Salva-se apenas esta herdade. Essa fica livre e é o nosso unico bem. D'aqui temos de viver... e de nada mais. —

A Joanna bebia-lhe as palavras. Os olhos cinzentos escureciam na dilatação das pupilas e, immovel, n'uma grande concentração de pensamento, n'uma intensa diligencia de serenidade e de paz interior, empalidecera como se todo o sangue lhe tivesse affluído

ao coração para o esforço necessario de renuncia e de coragem.

O Luiz continuava :

— A nossa herdade é pequena. Uns hectares de montado, poucos e mal tratados, a horta de onde tiramos algum lucro, o prado na margem da ribeira, uns doze moios de terra de pão, descuidada e pobre e uma media annual de oito pipas de azeite. Como pessoal temos o João, que trata da horta, o Carlos boieiro para a nossa unica junta, o Pedro, e a gente de serviço mais ou menos numerosa segundo as necessidades das culturas, mas sempre reduzida ao minimo porque não ha capital. Por esse motivo, dos doze moios de terra de pão apenas semeamos pouco mais de dois, e nenhum ramo de exploração rende o que deveria render. Em todo o caso não é a miseria nem a fome. E assim mesmo, podemos talvez tomar outra creada para o serviço da casa afim de vocês não terem tanto trabalho sobre os braços; a Leonor está

velha e a não ser a cosinha pouco mais faz. Eu, cá por mim não me importo; ajudo o João na horta e ainda hontem andei toda a tarde á rabiça da charrua. Gosto de trabalhar assim; faz-me bem. Sinto-me equilibrado com as minhas ideias e sou feliz. Mas vocês... —

A Joanna não respondeu logo. E quando principiou a falar, tinha uma voz esquisita, como estrangulada; a boca muito seca; por duas vezes se interrompeu para beber agua.

— Muito obrigada por me falares d'esse modo — disse ella. — Eu tenho pensado em muitas coisas e estou perfeitamente preparada para o que fôr preciso. Parece-me que não devemos hesitar sobre o caminho a seguir. A vida continuará como até agora: muito simples, muito modesta e occupada pelo trabalho das nossas mãos, pelo trabalho necessario e justo, para ti como para nós. Se no fim do anno agricola tivermos feito algumas economias (o que talvez seja possivel porque

realmente gastamos pouquissimo), essas economias devem ser applicadas no alargamento da exploração das terras que a falta de capital agora nos obriga a deixar incultas. Assim, dentro de algum tempo, o nosso rendimento augmentará de uma forma relativamente consideravel. E continuaremos a seguir sempre a mesma vida e o rendimento continuará augmentando, augmentando até ao maximo limite, isto é, até fazermos produzir á nossa herdade o mais que a terra póde produzir com o auxilio de capitaes e de todos os elementos que a sciencia e a industria põem ao nosso alcance para esse fim. —

No olhar do Luiz que a escutava attentamente, passou uma expressão indefinivel. Um clarão de qualquer coisa forte que o obrigou por um momento a fechar os olhos.

— E esse rendimento que não aproveitaremos para o nosso conforto, — murmurou elle — esse rendimento que

não trará modificação alguma á nossa vida actual, a que o destinas? —

A pouco e pouco a palidez da Joanna desaparecera e um sorriso illuminava-lhe a boca, um sorriso doloroso ainda, mas cheio de doçura.

— Esse rendimento... — principiou ella; e parou. E o sorriso augmentava, expandia-se como um alvorecer, brilhava-lhe nos olhos, resplandecia-lhe na testa, coloria-lhe as faces, cercava-a toda de uma aureola espiritual tão intensa que era quasi uma irradiação de luz.

— Esse rendimento... O que dirias tu, Luiz, se instituíssemos aqui uma grande escola moderna para creanças do campo, educando a actividade dos futuros trabalhadores, desenvolvendo nas almas maleaveis ainda como cera, a fé no trabalho, a aspiração da justiça, o ardor pelo bem, pelo esforço corajoso e perseverante, libertando-os das correntes seculares que os prendem agora e os atrophiam... Fazer homens...

crear homens sãos, livres e fortes, para a lucta, para a conquista da perfeição e da felicidade! Ajudar quanto nos permittissem os nossos meios de acção, o trabalho lento e penoso da humanidade na sua ascensão, no seu desejo de plenitude... —

O Luiz vivia todo no olhar com que fitava a irmã. Disse devagarinho:

...— *Ellas só pensam em dar vida e saude aos rebentos novos para que tenham força de resistir ás doenças e aos parasitas...* —

A Joanna continuava:

— O que dirias tu, se organizassemos uns grandes *ateliers* para o desenvolvimento das pequenas industrias ruraes... onde fizessemos nascer entre os rapazes e as raparigas muito novos o amor ao aproveitamento do tempo, á applicação moderada das suas aptidões de trabalho mais delicado, onde os attractivos de uma remuneração justa e de um divertido passatempo, viessem fazer concorrência ás taber-

nas, ás intrigas geradas nos adros aos domingos, nas portas das casas, onde as mulheres ociosas, segredam entre si maldades... E ainda outra coisa: escolas praticas de economia domestica e de hygiene para as raparigas, onde aprendessem a repartição do tempo, o valor dos alimentos, a maneira de os preparar agradavelmente, o asseio, o tratamento racional das creanças e dos doentes, todos esses elementos de paz e de felicidade futuras nos lares hoje desgraçados, ainda mais por ignorancia e falta de senso commum, do que por miseria... porque a miseria moral e intellectual não é menos terrivel, menos nociva... —

A Joanna calou-se. E já não via o Luiz e já não via coisa alguma em torno de si. Pensava nos lares dos cavadores e nos que eram constituídos por mulheres como a Hilda... e outros... em todas as classes...

A janella aberta recortava um retangulo do ceu limpido e profundo;

e apenas se via na parte inferior d'esse rectangulo, o ramo terminal de uma areucaria emergindo do ultimo verticillo, numa ancia de subir mais alto, sempre mais alto, num insaciavel desejo de mais luz, de ar mais puro ainda.

E por aquelle rectangulo de claridade, a Joanna com os olhos fitos no azul do infinito, deixava subir tambem a sua alma.

Era a renuncia definitiva do seu espirito que se libertava pela força de vontade, pelo desprezo do soffrimento mesquinho e do dominio da animalidade instinctiva e egoista, pela victoria sobre a vaidade...

Lá de baixo, do jardim, vinha o ruido dos golpes cadenceados de uma enxada cortando a terra.

Era o trabalho bemdito da Francisca.

Trabalho bemdito!... E os dois irmãos pensavam como aquelles golpes de enxada, firmes, certos, revolvendo

a terra, expondo-a á influencia benéfica dos agentes atmosphéricos, destruindo as raizes das hervas ruins, preparando e fortalecendo o solo para a producção das boas plantas... como aquelles golpes de enxada inconscientes das causas profundas que determinavam os seus resultados, symbolisavam o trabalho da Bondade expontanea da Francisca na terra das suas almas, terra fecunda, rica de sucos desaproveitados, que ella sem dar por isso revolvía e fertilizava para futuras e maravilhosas producções.

A Joanna teve um sorriso radioso e repetiu baixinho a phrase da irmã:

— Se cuidarmos bem da luz pequenina que temos na mão, não haverá em torno de nós senão claridade...—

CAPITULO X

Passara-se mais de um mez sobre estes acontecimentos, quando o Dionisio do correio trouxe duas cartas que vieram causar na herdade a maior commoção.

O Miguel sósinho em Lisbôa seguira sem succumbir o longo e penoso curso da sua ruina.

Atravessando desanimos, luctas, decepções, resistindo á seductora tentação do suicidio que o libertaria de todas as agonias e lhe daria o repouso, assistira ao desfacelamento progressivo de todos os seus bens, ao aniquilamento da sua brilhante posição social, á deserção gradual de amigos e rela-

ções que a pobreza afugentava como o espantalho numa sementeira afugentã os pardaes.

Sósinho no quarto desolado da hospedaria, o Miguel fechado horas e horas recapitulara a sua vida; e o que nella havia de melhor, os antigos sonhos generosos de justiça e de liberdade, a revolta contra as desigualdades de fortuna, o amôr pela humanidade opprimida e infeliz, cresciam de novo lentamente no seu coração, com o vigor de rebentos viçosos num talhadio. A riqueza, a vida facil de luxo e de prazer, a vaidade immensa e egoista com que os bens da terra embriagam e adormecem os melhores sentimentos, tinham sido o machado afiado e certo que decepara a linda arvore dos seus enthusiasmos altruistas; e agora os desenganos e a realidade da vida, longe de continuar e concluir a obra de destruição, faziam brotar os renovos das raizes que o grande corte não matára e que numa ancia de viver absorviam

com mais soffreguidão os bons sucos nutritivos da terra.

— Como pude eu esquecer?... — repetia elle no fundo da sua consciencia — É preciso lutar, trabalhar, aproveitar a minha saude e a minha força, refazer uma fortuna e resgatar as minhas culpas empregando-a emfim como deve ser... —

O Miguel passava no alambique do soffrimento e a sua alma depurava-se, cahia gotta a gotta, destillada, leve, crystallina, perfumada, na grande taça da bondade da vida.

A sua carta era um grito de victoria e de liberdade:

« Mulhersinha querida.

« Vou dizer-te uma coisa que te
« fará chorar; mas as tuas lagrimas
« não serão amargas como se eu mor-
« resse ou como se praticasse uma
« acção indigna.

« Acabo de assignar um contracto
« por seis annos com uma emprêsa na
« Guiné que precisa da minha intelli-

«gencia e dos meus estudos para re-
«solver varios problemas importantes,
«da administração das suas proprie-
«dades.

«Tenho casa e todas as despesas
«pagas e ganho, além d'isso, doze con-
«tos por anno.

«Não te levo commigo porque o
«clima é pessimo; e depois de perder
«a tua fortuna, acho que seria demais
«perder tambem a tua saude, a tua
«belleza e talvez a tua vida. Eu sei...
«Vaes dizer-me que preferias ter-me
«pobre ao teu lado, do que longe a
«ganhar tão difficilmente a fortuna
«por maior que venha a ser. Mas de-
«ves comprehender tambem quanto
«me seria insupportavel a mim o viver
«do resto dos vossos bens espatifados
«pelas minhas mãos.

«Vou aproveitar a minha saude e
«a minha força, resgatar até um certo
«ponto a minha culpa. Vou trabalhar.
«Serei assim mais digno de ti e espero
«conquistar a paz da minha conscien-

«cia e talvez a nossa felicidade fu-
«tura.

«Recomeço a sonhar... Mas é cedo
«ainda para te falar nos meus sonhos.

«Perdôa-me os annos da tua mo-
«cidade que desperdicei.

«Não me vou despedir de vocês ;
«tenho medo de um momento de fra-
«queza, de amollecimento das minhas
«resoluções.

«Quando receberes esta carta, irei
«já por esse mar fóra, no bom caminho
«da vida, no unico verdadeiro, no que
«desprezei e que tenho a sorte de en-
«contrar ainda a tempo, talvez... »

A Joanna escondeu a cara nas
mãos e desatou a chorar perdidamente.

— O que aconteceu? — perguntou
o Luiz largando o jornal que acabara
de abrir e aproximando-se da irmã.

A Joanna deitou-lhe os braços ao
pescoço ; e soluçava sem consolação.

— Como a vida é dura, Luiz, e
cruel... E como todos os nossos esfor-
ços para a felicidade são inuteis! Um

pouco de bebedeira que nos adormece uns momentos... um pouco de entusiasmo que nos eleva um dia acima de nós mesmos... E nada, nada, nada!... No fundo e sempre, a dôr, a lucta, o soffrimento, o castigo desproporcionado e cego, a brutalidade fatal da sorte que esmaga tudo... Eu quero morrer, Luiz... Não quero mais nada senão morrer! —

E mostrava-lhe a carta do Miguel.

— Olha para isto, dizia ella — Seis annos, meu Deus! Seis annos naquelle clima... É a morte, é o fim de tudo... E não poder vel-o mais uma vez!... Que remorsos do tempo perdido, do tempo que passamos ao lado um do outro, sem nos vermos como dois estranhos! Eu que sabia as coisas, nunca ter feito um esforço, deixar-me levar assim sem um esforço para o bem! E agora!... —

O Luiz apertava a Joanna contra o peito e lia por cima do hombro d'ella a carta do Miguel, segurando-a na mão que tinha livre.

E a pouco e pouco os olhos brilhavam-lhe de um fulgor de alegria e de entusiasmo.

— Joanna — disse elle quando acabou a leitura — socega. Faz a diligencia de vêr claro. Nunca foste mais feliz em dias da tua vida. Essas lagrimas são uma fraqueza natural; comprehendo a tua revolta e o teu soffrimento, porque foste tomada de surpresa... Irmãzinha!... Joanna!... Então!... Coragem! Sê boa, sê forte. Escuta... Nunca foste mais feliz... Pensa: ter um marido que entende tão bem o seu dever! Isto é digno de um homem! Estimo-o como nunca o estimei. E tu mesma que já quasi nem o vias ao teu lado, de tal maneira a sua individualidade e o seu character se apagavam no turbilhão da vossa vida mundana e vasia... agora choras um homem que te apparece bem definido nos traços vigorosos de uma larga comprehensão do dever. O homem antigo, Joanna, aquelle que te appareceu ao principio, gene-

roso e livre e que neste momento resuscita. É melhor, é mais doce, é mais consolador, chorares de saudades e de pena o coração viril que dictou esta carta do que viveres ao lado de um ente inutil e fraco, um ser indefinido, quebrado, perdido, que não poderias estimar... tu, que não és uma mulher vulgar e que tens os olhos abertos a verdades e a noções que as outras mulheres não vêem ainda. Joanna!... Então... É preciso acordar. A lucta é uma coisa desejavel e salutar. A victoria sobre nós mesmos é a maior e a mais difficil de todas. Olha a vida que te espera: a deliciosa vida de trabalho fecundo! Com que amôr, com que paixão vaes preparar o terreno! Lembra-te dos teus sonhos... E o dinheiro ganho lá no exilio pelo trabalho penoso e pelo sacrificio do Miguel, unindo-se ao das nossas economias, e transformando-se em paz, em harmonia, em felicidade... Será o nosso sangue, o d'elle e o nosso, entendes? O

nosso sangue fertilizando a boa terra capaz dos maiores prodigios. E quando elle voltar, cançado, envelhecido, cheio de cabellos brancos, e com uma alma tão nova e tão grande, e nos encontrar tambem tão differentes, que triumpho será então o dos nossos corações vencedores enfim! Com que ternura e com que reconhecimento elle beijará as tuas mãos asperas do trabalho e as rugas que principiarão a apparecer na tua cara pensativa e seria! E tendo todos nós lançado a nossa contribuição para o bem da humanidade, por pouco que seja no mar immenso... como nos sentiremos leves, e novos, e fortes, e dignos da nossa propria estima, apesar de nos faltarem talvez então os attributos da belleza e da mocidade, tão ephemeros, tão curtos, tão pouco valiosos... —

A Joanna levantara a cabeça do hombro do irmão e já não chorava, fixando-o com os olhos ainda humidos de lagrimas.

— E se elle não voltar?... — murmurou ella.

— Se elle não voltar... Se elle não voltar, continuarás sósinha a obra principiada. No teu coração a grande renuncia terá preparado o logar para o esquecimento das tuas próprias dôres que se apagarão a pouco e pouco na onda sempre crescente do teu amôr de perfeição. Morrerás tambem um dia, no sentido estreito que essa palavra tem entre os homens; não morrerás nunca se tiveres realizado o teu sonho; o teu espirito viverá ainda depois do teu desaparecimento, ligado á contribuição que deixaste na grande obra de liberdade. Sobe mais alto, sempre mais alto, acima das tuas dôres, acima das tuas paixões, acima de ti mesma, num desejo insaciavel de ar mais puro, de mais intensidade de luz, e em torno de ti os horizontes alargar-se-hão, recuarão para distancias infinitas; e a tua felicidade subirá tanto no azul profundo do ceu, que as contingencias da

vida transitoria não a poderão alcançar... —

A Joanna desprendeuse dos braços do irmão, e com uma expressão indefinivel ia sentar-se junto da mesa, quando reparou numa carta cahida no chão aos seus pés. -

— O que é isto? — perguntou ella apanhando-a.

— Uma carta de Zurich para mim! — exclamou o Luiz — É curioso. Não a tinha visto. Estava decerto entalada entre os jornaes e cahiu sem eu dar por isso quando os abri. —

E rasgou o envelope.

A Joanna encostara-se de novo á mesa com a cabeça apertada entre as mãos. Já não chorava. Tinha como um entorpecimento no cerebro, como um silencio repentino depois de um grande tumulto. E nesse silencio repetiam-se as palavras do Luiz, numa grande monotonia de machinismo de relógio, quasi sem significação em frente da sua razão paralysada.

Quanto tempo se passaria?

Sentiu um arripio de frio. O ar exterior entrava arrefecido pela noite que descia.

A Joanna abriu os olhos, ergueu a cabeça, voltou-se e viu o Luiz immovel, de pé, no meio da casa. A carta cahira-lhe das mãos.

No crepusculo que alongava pelos cantos as sombras dos moveis em vultos indefinidos, não podia vêr detalhadamente a cara do irmão, mas pareceu-lhe que tinha de repente uns olhos enormes, fixos, assustadores.

— Luiz! —

Não respondeu nem fez um movimento.

— Luiz! —

Aquella immobilidade e aquelle silencio apertaram o coração da Joanna com o pavor instinctivo que nos vem das coisas que a nossa razão não explica.

Accendeu o candieiro.

O Luiz deu um grande suspiro como quem accorda de um somno profundo; e a Joanna pôde então ver-lhe a cara transtornada.

— Meu Deus, Luiz, o que tens tu?... —

Mas não a deixou aproximar-se:

— Nada... nada... Não me fales... não digas nada... —

E sahiu da sala e ella ouviu-lhe os passos que se afastavam cada vez mais para o lado da charneca...

Deveria segui-lo?...

Ella propria tinha um tal canção de cerebro! Sentia-se incapaz de uma resolução acertada.

Voltou para dentro e viu no chão a carta que o Luiz deixára cahir.

Pegou-lhe e leu:

« Uma traição descobriu o plano.
« Preso, irremediavelmente perdido,
« submettido a torturas que tinham
« por fim obrigar-o a confessar e a de-
« nunciar, o bom mestre deu um tiro
« no coração.

«Estamos outra vez dispersos e
«sem chefe.

«Um dos teus irmãos na grande
«Fé, na grande Esperança que não
«morreu . . .»

A Joanna virou a carta por todos
os lados. Não dizia mais nada.

Fez um esforço para comprehender—
Quem era o *bom mestre*?

Quem escrevera a carta?

Porque vinha assim anonyma?

— Joanna! — disse do limiar da
porta, a voz cantante da Francisca. —
Estou aqui ha tanto tempo a olhar
para ti e não me vês? Tens uma cara
differente . . . Succedeu alguma coi-
sa? —

A Joanna estremeceu ao ouvir o
seu nome; e reconhecendo a irmã, teve
um grande suspiro de allivio.

— Anda cá — disse ella. — Eu não
tinha percebido . . . mas era *d'isto* que
eu precisava . . . —

— Isto, o quê? — perguntou a Fran-
cisca perplexa, olhando com inquiete-

tação para a expressão desvairada da Joanna.

— De ti, do teu olhar tranquillo, da tua voz, das tuas mãos nas minhas, do repouso, da paz, da serenidade bemdita que vem de ti, da tua affeição... Sentia-me só e perdida... Tão só e tão perdida!... Diz... o que havemos de fazer? Explica estas coisas que não entendo, explica tudo... Não vêes como tudo se desmorona e cahe em torno de mim?... Onde está o Luiz? Reparaste nos olhos d'elle? Que olhos!... Quem é o bom mestre que deu um tiro no coração? E o Miguel?... Meu Deus, meu Deus, o Miguel!... O sonho... o meu sonho... parece-te que poderá encher-nos a vida? A vida espatifada... Quem são os irmãos do Luiz na grande Fé? Doe-me a cabeça irmãsinha... Não sei o que hei-de pensar... Tudo se confunde... Ajuda-me... —

Ao abatimento succedera uma agitação febril; a Joanna falava, falava

sem parar. Por umas poucas de vezes a Francisca tentára em vão interrompel-a.

E agora, de repente, calou-se e desatou num choro convulsivo.

A Francisca estava cada vez mais inquieta. Mas percebeu que não devia atormentar a irmã com perguntas.

Levou-a para o canapé, obrigou-a a estender-se, concertou as almofadas, foi buscar um lenço molhado em agua e vinagre que lhe pôs sobre a testa, baixou a luz do candieiro. Os seus passos ligeiros mal se ouviam; o seu vulto delgado e flexivel tinha movimentos dôces que repousavam a vista; e quando se sentou ao lado da irmã collocando-se de maneira que a sua cabeça protegesse os olhos da doente contra a luz diminuida do candieiro, os caracoes um pouco esgadelhados dos cabellos castanhos, illuminados em torno da cara que ficava na sombra, pareciam uma aureola doirada...

— Francisca . . . — murmurou a Joanna — é bom gostar de ti . . . —

— Dorme . . . Vê se dormes . . . — respondeu ella beijando-lhe as palpebras de mansinho para a obrigar a fechar os olhos.

A Joanna calou-se; ficou immovel; e a pouco e pouco a respiração tornava-se-lhe regular e as mãos que tinha geladas, aqueciam ao calor das da Francisca.

Pela porta entrava o silencio dos campos; aquelle silencio especial, tão dôce e tão profundo que a noite espalha pela terra solitaria e triste das charnecas e dos pinhaes. Um silencio que parece nascer das sombras que se alastram e oscillam nas solidões e que é todo feito de mil ruidos imperceptiveis como se as plantas tivessem vozes naquellas horas mysteriosas para contarem entre si, em segredo, a absorção lenta do humus, a circulação das seivas, a multiplicação das cellulas, o desenvolvimento dos tecidos; combi-

nando o perfume dos nectares, as astucias de amôr, a distribuição dos pollens para o eterno trabalho da vida, para a infinita reproducção das flôres e dos fructos para a deslumbrante e continuada festa das côres e da abundancia, á luz do sol que ha-de nascer. . .

E naquelle silencio tão completo e repousante, subiam lá de baixo das terras frescas onde os chorões se debruçavam a mergulhar os ramos na agua da ribeira, as notas mais altas dos rouxinoes. Que amôr ardente, que paixão profunda naquellas notas que se destacavam do resto do canto e subiam sósinhas tão longe!

E um noitibó começou a piar muito perto da casa, com a sua voz clara e dôce; e logo outro lhe respondeu. E o dialogo entre os dois eternisava-se, monotono, cadenciado, composto de interjeições sempre iguaes, como dois pontos de exclamação riscando o silencio.

— Francisca. . . — disse a Joanna abrindo os olhos e erguendo-se — É

preciso que tu saibas. É um egoismo ficar assim caláda, sem te dizer... —

— Dorme, dorme... descança... — interrompeu a Francisca empurrando-a brandamente para a obrigar a encostar-se de novo. — O que é preciso agora sobretudo é que descanses. —

— Não. Eu já estou melhor. A cabeça está menos confusa. Escuta. —

E contou-lhe a determinação do Miguel; e o resto, aquella inexplicavel expressão de agonia do Luiz, a carta que ficára no chão e que ella não pudera entender.

— Onde está a carta? — perguntou a Francisca.

Ambas se aproximaram da mesa e curvadas, confundindo os cabellos, as duas cabeças muito unidas, tentaram decifrar o enigma d'aquellas linhas mysteriosas.

— Parece-me que entendo, — disse a Francisca — lembras-te do grande amigo de Zurich? d'aquelle — *que não pensava em si, que deixara de existir*

para si... — como o Luiz nos disse uma vez? O *bom mestre* devia ser elle. O Luiz falou-me aqui ha tempos numa inquietação que o atormentava e que nunca me quiz explicar. E os *irmãos na grande Fé*... —

A Francisca interrompeu-se de repente e ficou pensativa, calada.

Neste momento o Luiz que voltava da charneca, devagar e absorto na sua meditação, passou defronte da janella baixa da sala.

Parou e aproximando-se, encostou-se pela banda de fóra, ao parapeito.

E ellas, perto da mesa, na claridade avermelhada do candieiro, envolvidas na harmonia grave das suas palavras, não viram a cabeça do irmão, destacando-se no escuro da noite, em cabello, pallida e triste, nem os olhos engrandecidos pela dilatação das pupilas e pelo circulo negro das olheiras...

— Mas como é que o Luiz póde pensar assim? — murmurou a Francisca depois de um silencio, como se falasse

comsigo mesma. — Dar tudo pelos que soffrem injustiças, pelos *Unicos* porque só elles devem contar... É esta a sua ideia... e eu talvez a comprehendesse se uma tal abnegação não significasse os meios violentos, o sangue derramado, o sacrificio de innocentes... O que ha a fazer, não é isso... não é isso... É tão claro e tão simples! Como é que todos não vêem o que eu vejo? —

— E o que vêes tu? — perguntou a Joanna.

Mas ella não lhe respondeu; e continuou a falar como se não tivesse ouvido.

— Matar os reis, os presidentes de republicas, todos os que representam o poder suprêmo, os que opprimem e são nocivos... Como os homens me parecem extraordinarios e como se embrulham nas malhas das redes que tecem!... Os que matam sacrificam a propria vida numa renuncia heroica, numa abnegação completa de todas as alegrias, contentes de contribuirem

para o sonho de liberdade de que os outros gozarão e de que elles só terão as amarguras e, como recompensa, a morte obscura e degradante. E os que são visados pelo grande odio, innocentes da culpa que lhes attribuem porque a sua avaliação do bem e do mal, (resultante do meio, da hereditariedade, de tantas causas profundas, alheias á sua vontade) é outra, sabem que vivem sobre um vulcão; e são heroicos tambem, por vezes, em conservar um poder pelo qual trocam a paz e a felicidade de todas as horas. Cada um julga fazer o seu dever e obedecer a principios sagrados... e uns e outros se enganam. —

— Todos se enganam, — interrompeu a Joanna — enquanto não perceberem que a verdade não está na violencia nem na oppressão, e que o dever não vae além da nossa acção sobre nós mesmos. Não é isto? Não é isto, Francisca?... Mas o Luiz tambem pensa ás vezes assim; ainda agora elle me

dizia, na sinceridade do seu primeiro impulso, as palavras repousantes e justas que não concordam com os seus ideiaes de destruição e de saneamento brusco e rapido... —

— O Luiz na sua sede ardente de justiça e de liberdade — respondeu a Francisca — apaixonou-se pelos principios anarchistas no meio dos quaes a sua mocidade se desenvolveu. Esses principios são um vinho forte que embriaga facilmente a gente nova e generosa. Tambem eu, ao ouvil-o, me deixei levar algum tempo no mesmo sonho... —

— Tu, Francisca?! —

— Eu, sim. Mas agora... Não sei o que é... o perfume vigoroso da terra, a companhia constante das plantas, a razão vegetal, tão poderosa, tão paciente, que individualmente não é nada mas que no seu conjuncto faz tantos prodigios... Tenho tirado da terra, Joanna, lições tão graves e tão profundas! Todo o amôr do trabalho vem

da terra, todas as boas meditações que trazem a serenidade e a força. E o Luiz defende-se, mas a pouco e pouco sente o que eu sinto e vê como eu . . . E no seu coração, mesmo que não o confesse a si proprio ainda, as raizes da verdadeira comprehensão vão penetrando, absorvendo as suas energias e a sua coragem. —

— Como tudo é claro em torno de ti, Francisca! —

— O anarchismo visa um ideal puro e elevado, mas concentra demais o pensamento do homem num ponto unico, não o deixa vêr mais nada. E . . . queres ouvir uma lição que a terra me deu? As plantas desejam espalhar as suas sementes o mais longe possivel, porque *sabem* que muito perto de si não se podem desenvolver bem no solo já minado pelas proprias raizes; afim de realizarem esta aspiração, empregam a sua intelligencia na invenção dos meios que lhes parecem mais efficazes: as azas de algumas sementes

que o vento leva, os ganchos de outras que se agarram á lâ das ovelhas para serem transportadas, a polpa apetitosa de que algumas se envolvem para tentar a guloseima dos passaros. . . Lembra-te de eu te mostrar uma vez a perfeição da espiral onde uma luzerna encerrava as suas sementes? Num momento dado a espiral deixa cair a semente, que percorrendo o gyro traçado e pela força do movimento assim adquirido, seria lançada longe se aquella maravilha de mecanica não estivesse collocada tão perto do chão. Como vês, a natureza tambem se engana. O seu trabalho de aperfeiçoamento progressivo tem hesitações e mesmo erros que a atrasam e a paralysam um momento. E a humanidade é como ella; ás vezes inventamos espiraes pelo meio das quaes julgamos poder lançar os nossos sonhos ao longe em terrenos melhores; e tanto pensamos na contextura da espiral que nos esquecemos de quanto está perto da terra e é por esse

facto incapaz de cumprir a sua missão divina. Mas a semente assim condemnada a morrer... ás vezes vem um passaro que a leva, ou um vendaval que a arrasta para os bons terrenos fortes; e o que a espiral tão prodigiosa não conseguiu fazer, um acaso natural e simples realiza-o...—

A Joanna, attenta, reflectia nas palavras da irmã, na sua razão tão crystallina.

— O que é preciso é produzir sementes — continuou a Francisca — muitas, muitas, e fortes e ricas de germen fecundos. Quanto ao mais... saber esperar, resignarmo-nos ao trabalho perseverante, obscuro, tenaz, de produzir emfim a boa semente. Dar tudo e muitas vezes morrer com a ideia de que se deu pouco... nada... porque esse *tudo* que exige a vida inteira, toda a coragem, toda a intelligencia, toda a bondade, todas as energias... mal se vê, afinal. Não querer prodigios, não esperar milagres; ter

fé na evolução lenta e fatal para o bem . . . —

Encostado á janella, o Luiz, immovel, escutava.

Parecia-lhe que no seu espirito sombras indefinidas se detalhavam num subito vigor de contornos.

— Será isto? . . . Será isto? . . . — perguntava a si mesmo.

CAPITULO XI

O Ignacio Cachorro levantou-se muito cedo naquella manhã, para dar um grande passeio a pé.

Desanimado nos seus ideaes de reformador, tendo encontrado sempre barreiras deante de todos os meios de que lançara mão para a boa propaganda, desistira a pouco e pouco da sua actividade effectiva e fechara-se em si mesmo, cultivando o seu coração e a sua intelligencia.

Mas a terra era-lhe grata pelo seu amôr.

Pagava-lhe aquella paixão e todo o bem que lhe queria e toda a confiança que nella depositava; e penetrava-lhe

na alma em ondas de paz e de bondade, ensinando-lhe os segredos da vida e a compreensão das coisas no livro da sua fecundade e do seu esforço contínuo que não conhece desalentos.

E o Ignacio Cachorro abandonava os livros agricolas para se mergulhar no estudo da sciencia pura; não tendo podido ensinar aos outros o modo de tirar muito pão do seio riquissimo da terra, tirava para si da alma superior e harmonica d'aquella grande amiga, thesouros de uma philosophia de contentamento sereno e de esperança infinita no bem que, apezar de tudo, e atravez de tudo, vae caminhando sempre e conquistando o mundo.

Deixara de pensar nas searas pobres, nos campos sujos de grama, nas oliveiras mal podadas, nas vinhas onde a chlorose e o mildio faziam livremente os seus estragos. Olhava apenas para a espiga onde o grão se agglomerava cheio de boa vontade; reparava nas inflorescencias brancas que produzi-

riam, conforme pudessem, a azeitona; via com ternura os cachos que se formavam nas videiras, luctando contra a doença, cumprindo o seu dever de fecundidade apesar de se saberem condemnados, em grande parte, a um fim esteril e precoce.

Na observação dos phenomenos naturaes, o seu espirito aprendia a harmonia geral das grandes forças do universo e a concepção mais alta da belleza e da bondade.

— Como a terra nos ensina — murmurava o Ignacio. — Se os homens olhassem todos para a terra com os olhos da sua alma! . . . —

E as largas botas cardadas faziam estalar a areia do caminho que passava mesmo defronte do portão do cemiterio.

A sombra dos cyprestes galgava o muro caiado, estendia-se pelo campo fóra.

O Ignacio olhou para aquellas sombras e sorriu:

— Isto é que são uns gigantes! —

disse elle de si para si levantando os olhos com admiração até ao coruto das arvores negras que subiam tão alto.

O portão estava aberto; o Ignacio parou um momento e olhou para dentro do cemiterio.

Lá ao fundo, sentado num banco de pedra ao lado da capella, estava um homem com os cotovellos encostados aos joelhos e a cara escondida nas mãos.

— É o Luiz... — murmurou o agronomo surprehendido. — Que diabo significa isto? —

E entrou.

O Luiz estava tão mergulhado na sua meditação que não lhe ouviu os passos e teve um sobresalto nervoso quando o amigo lhe pôz a mão no hombro.

— Homem!... — disse o Ignacio rindo. — Sempre me deitou uns olhos como se eu fosse uma alma do outro mundo! —

. O Luiz sorriu tambem:

— É que eu estava noutro mun-

do... — respondeu elle — e você chamou-me tão de repente a este, que não me foi possível mudar de cara tão depressa. —

— E então conte lá coisas d'esse mundo onde estava... — tornou o Ignacio com bom humor. — Deixa-me descançar um pouco ao seu lado? Não o incommodo? —

— Incommodar!... — exclamou o Luiz — Eu precisava justamente de alguém... precisava de um coração como o seu onde pudesse despejar tudo que enche o meu e o dilata e me opprime... Parece-me que acabo de fazer uma grande conquista; e quero contar-lh'a, para a fixar, para tomar bem posse d'ella... entende? —

— Como quer que eu entenda, Luiz; não posso adivinhar. —

O Luiz olhou para elle com os olhos fixos de quem não vê os objectos materiaes mas sim o proprio pensamento.

Paciente, o Ignacio, com a sua boa cara plebeia cheia da bondade especial

que nasce de uma consciencia tranquilla e sã, esperava que elle falasse.

Havia três ou quatro campas no cemiterio. O mais, era de todos. Abria-se a terra fosse onde fosse, mettia-se-lhe dentro o corpo cansado do trabalhador, embrulhado num lençol ou estendido entre as taboas mal juntas de um caixão de pinho, e punha-se-lhe em cima, quando muito, uma cruz de madeira que o tempo em breve derribava e apodrecia. Mas todo o chão do cemiterio se desfazia numa exuberancia vigorosa de vegetação descuidada e brava.

A grama invadia o solo; os goivos, as papoilas, os cardos, as estevas, floriam entre a confusão e a desordem dos silvedos, cujos braços atravancavam os caminhos, aureolando-se do vôo inquieto das borboletas que revolteavam em luctas apaixonadas e ephemeras, com um aspecto de folhas de rosa fluctuando no ar.

Sobre a immobildade das plantas,

na límpida transparencia da atmosphera e no chão, rastejando ou correndo numa actividade febril, animaes que a vida impellia, azafamavam-se em perseguições e rixas, labutações e interesses, por motivos de subsistencia ou de amôr. A vida subia da terra como um bafo ardente, como o fumo de um sacrificio religioso, num culto á luz do sol, ao ar livre e puro.

O Luiz principiara a falar; contava ao Ignacio a carta que recebera na vespera, a sua agonia, a sua noite de insomnia...

— Desde que tive a noticia d'aquelle suicidio, tenho vivido tão intensamente junto do pobre cadaver, que cheguei por vezes a sentir a sua presença. Aquelle homem era o meu melhor amigo, como um irmão, como um pae; tudo que ha em mim de nobre e de bom, devo-lh'o a elle. Nunca a morte me levou um ente mais querido... uma d'estas creaturas que a gente se habitua a considerar fóra das

contingências humanas, acima de tudo, predestinadas... Via-o morto com a sua cabeça tão fina, tão espiritual, tão intelligente, privada de olhar e de pensamento. E via-o com terror. Com terror, sim... A ideia da alteração progressiva e inevitavel das fórmãs e da expressão tão minhas conhecidas, a ideia da podridão da sua carne, perseguia-me. Na minha agonia, na revolta de todo o meu sêr robusto e saudavel, não podia pensar senão na creatura material que a memoria me representava perfeita e linda e que a decomposição a pouco e pouco ia transformando numa coisa informe, horrivel de se vêr. E a morte mettia-me pavor. Sentia quebrarem-se-me as forças, esvair-se-me a coragem. Queria orientar de outro modo os meus pensamentos, fugir de mim mesmo... —

O Luiz calou-se um momento.

A tranquillidade da charneca inundava o cemiterio; e da terra a quem se entregavam os mortos, a vida

surgia, triunphante e eterna, desabrochando, expandindo-se em côres, em perfumes, em harmonias, numa gloria de ascensão, numa sêde de luz e de alegria forte e immortal.

— Acabei por me envergonhar do medo que me tolhia — dizia o Luiz. — Tomei a resolução de vir para aqui. Estou neste banco ha mais de duas horas e estaria o dia todo, até suffocar em mim o medo cobarde e indigno. Aqui, só com a morte, olhando para ella frente a frente, pensando nos cadáveres que enchem este campo... habituar-me, desembaraçar-me, á força de as evocar, das imagens materiaes que me horrorisavam... Mas succedeu-me uma coisa inesperada... —

— Eu sei... — interrompeu o Ignacio sorrindo com um sorriso simples e bom. — Procurou a morte e encontrou a vida. Como havia de encontrar a morte, se a morte não existe? —

O Luiz continuou:

— Puz-me a olhar para aquelle

rectangulo de solo revolvido onde de certo enterraram ha pouco algum cavador; e quiz representar-me o morto na sua decomposição degradante. Mas não me foi possível. Via estas plantas bravias e vigorosas em torno de mim, a manifestação intensa e profunda da vida; sentia-me arrastado por uma irresistivel corrente para longe da minha obsecação da morte. Pensei na podridão dos corpos onde as raizes vão buscar seivas que, subindo pelos troncos e pelos ramos, se expandem nas côres vigorosas das folhagens e na doçura das florações que encerram o germen de vidas continuamente renovadas. Pensei nos insectos que se sustentam das plantas e nas aves que por seu turno os devoram, transformando-os na força das suas azas, na riqueza das suas côres, na harmonia dos seus cantos. Pensei que a morte e a vida se confundem no mesmo trabalho sagrado para a maior belleza e perfeição e que tudo é grande e lindo

sobre a terra; e que só é feio e triste o que o homem fez do seu espirito neste periodo tão doloroso de duvidas, de desalentos, de erros e de injustiças. Invadiu-me uma onda de ternura e de reconhecimento pela terra tão boa e tão clemente, pela vida poderosa que recobre tudo... A minha agonia e o meu horror, desappareceram para deixar apenas uma saudade muito funda mas livre de amarguras.—

O Ignacio sorria sempre, devagariinho, com o seu sorriso de bom homem, enquanto o Luiz ia falando.

— Agora posso já separar no meu pensamento o corpo mortal e transitorio, do espirito. O espirito do meu grande amigo surge agora aos olhos da minha alma, como uma borboleta surge da crysalida, transfigurada e resplandecente. Penso no que foi a sua vida, penso na sua intelligencia, na sua eloquencia, na sua abnegação heroica... Mas soffro, Ignacio, porque não vejo claro. Sinto-me abalado na

minha fé, pergunto a mim mesmo com angustia, se elle estaria enganado, se a sua renuncia e a sua coragem seriam inuteis, se o seu caminho seria errado... Tantas vezes temos falado nelle, e nas suas doutrinas que você não aprova, porque a sua grande mestra, a terra, condemna os meios violentos e os remedios rapidos e radicaes... —

— O seu amigo, Luiz, enganou-se; — respondeu o Ignacio — mas não pense que a sua abnegação e a sua coragem se perderam. Nada se perde, Luiz; sobretudo, nada do que é elevado e nobre! Sabe como se realiza a fecundação da abelha mestra, não é verdade? Ainda ha pouco tempo tivemos occasião de falar nisso. De tantos zangões que perseguem a rainhá na sua vertiginosa ascensão, embriagados de luz e de espaço, um só consegue attingil-a, um só realiza o sonho ardente do seu desejo. Mas esse priverligiado que tem a suprema felicidade de sacrificar a vida naquella estupeficante fecunda-

ção, esse prodigioso amante, ser-lhe-hia dado um tão glorioso destino se o seu ardor, e a sua coragem não fossem estimulados pela multidão de rivaes que lucha e persevera alvejando o mesmo fim, disputando-lhe a conquista do ar luminoso e o grande premio de amôr? A selecção natural de onde resulta a conservação e o aperfeiçoamento da especie, e que num trabalho tenaz e paciente, vem através de seculos e seculos caminhando para a maior belleza e para a maior fôrça, como se realizaria se não houvesse a lucha, se não houvesse a defesa de interesses e de sonhos contradictorios? O que é preciso, Luiz, é querer a perfeição seja como fôr, seja por que meios fôr. Acreditar na perfeição e querer attingil-a, dar a vida, por ella. E quer os homens a procurem através da violencia e do crime, quer a cultivem obscuramente no fundo dos proprios corações, de um modo ou de outro, todos fazem parte da legião de aman-

tes que persegue a rainha, subindo no azul do infinito. E se um só, entre tantos, vê o seu desejo coroado de êxito, nem por isso os outros devem julgar esteril o seu esforço; porque sem esse esforço que incitou a coragem do privilegiado, talvez as gloriosas nupcias se não realizassem para a maior prosperidade da raça, para a felicidade do grande povo laborioso... —

O Ignacio calou-se e durante algum tempo, ficaram os dois immoveis e silenciosos.

Então no ar fresco da manhã, na limpidez do ar tão fresco e tão puro da manhã, ouviram-se duas vozes claras que se aproximavam, cantando:

« Flôr de murta, raminho de freixo,
« Não chores que eu não te deixo... »

Uma gargalhada de creança interrompeu a cantiga.

— Não é assim, senhora D. Fran-

cisca!... não é assim. Sempre se engana... Vá lá outra vez:

Flôr de murta...»

— Não. Deixa-me descançar. Senta-te ahi. Ah! que linda manhã! Que belleza de manhã! A claridade entra pelos olhos, e pela boca, e pela pelle... É como um sangue novo que nos innunda... É bom viver, sr. José Cachorro!... Tão bom!—

Por detraz do muro do cemiterio junto ao qual estavam sentados o Luiz e o Ignacio, passava um atalho que depois se perdia na charneca.

— Olha, Rosa, — disse a voz do José Cachorro — estás ahi a cantar ha que tempos a cantiga da murta e nem sequer te lembras de ir apanhar um ramo para a senhora D. Francisca. Vês acolá naquelle oiteiro tantas moitas carregadas de flôr? Vae, anda, traz um braçado d'ellas. —

— Dê cá a sua navalha, pae. Vou trazer tantas, tantas!... —

E os passos precipitados da Rosa afastaram-se rapidamente.

—Então, sr. José Cachorro; disse a Francisca—a Hilda? Como vae a Hilda? Anda menos triste?—

—Qual! Sempre a mesma coisa. Desde que puz a mestra com dono, quasi não fala comnosco. Tudo a incommoda, tudo lhe parece mal. Aquella D. Anatolia... Deus me perdôe! sempre foi uma grande asneira tomal-a para minha casa! Não sei que diabo de ideias metteu na cabeça da Hilda. Agora, por fim, qualquer coisa que eu dissesse ou a Joaquina, punham-se a olhar uma para a outra com um encolher de hombros, com uns risinhos sorrateiros que me faziam ferver o sangue. Aquella D. Anatolia era de má raça, senhora D. Francisca!—

—Não tem culpa.— respondeu a Francisca—Se o sr. José Cachorro plantar um pilriteiro no seu jardim, por muito bem que o trate...—

A Francisca ria.

— E d'ahi? — perguntou o José Cachorro.

— Não póde esperar que elle dê azeitonas — concluiu a Francisca.

— Já se vê que não — disse o lavrador com simplicidade.

— A Anatolia é um pilriteiro e não póde dar azeitonas; quer dizer, não póde dar coisa que preste. Ha-de dar sempre pilritos, sr. José Cachorro; sempre. Não é por maldade. É porque *não póde* dar outra coisa. Coitada! Provavelmente nunca teve ninguem que lhe ensinasse a bondade... Tenho pena d'ella porque deve soffrer d'aquelles fermentos máos que traz no coração... E não tem culpa. —

— A senhora D. Francisca é boa demais para ella. — tornou o José Cachorro — Até me faz uma coisa cá por dentro ouvil-a falar assim d'aquella... Quer saber porquê? Porque desde que a senhora D. Francisca principiou a ensinar a Rosa nunca mais ella perdeu uma occasião de dizer mal de si... As-

sim um raio me parta como se não fosse pensar no desgosto da Hilda, ha já bom tempo que só por causa d'isso a teria posto no olho da rua! A senhora D. Francisca dava-lhe confiança de mais. Aquillo é um gado que se leva a pão e páo. Se lhe tivesse falado sempre por cima do hombro...—

— Eu adivinhava e sentia tudo isso — respondeu a Francisca. — Mas não quero mal á pobre Anatolia. Não, sr. Cachorro, eu não a devia ter tratado de outro modo. Seja o que fôr que eu faça não é pelos outros, é por mim; não é para os outros, é para mim. Se fico satisfeita commigo mesma é o que me basta. Porque mudaria? —

— Aqui estão murtas, murtas, murtas... — gritou de longe a Rosa que vinha correndo — Olhe para isto! Que braçado, hein! Então ainda lhe parece pouco? —

— Que lindas! que frescas! — exclamou a Francisca — Cheiram tão bem! Anda commigo, Rosa; o teu pae dá li-

cença. Vamos enfeitar a casa toda para fazer uma surpresa ao Luiz quando vier almoçar. —

— Bom — disse a Rosa — E agora já está descansada, não é verdade? Então vá: cante lá outra vez commigo, a vêr se apprende. . . —

E os passos afastaram-se e as vozes apagaram-se a pouco e pouco na distancia.

« ... Morrer sim, deixar-te não... »

Ai, flôr da murta, amor do meu coração!»

.....
— Compreendo que se entenda bem com a minha irmã, Ignacio — disse o Luiz sorrindo, depois de um grande silencio.

— É porque ambos olhamos para a terra com os olhos da alma — respondeu o Ignacio — E á força de olhar para a terra, acabamos por vêr o ceu. Quem olhar tambem assim para a morte, deixa

de vêr a morte, a morte que não existe; e vê apenas a vida. —

— Sim . . . — murmurou o Luiz levantando-se pensativo— Parece-me que vocês é que teem razão. —

CAPITULO XII

— Joanna ! — gritou o Luiz entrando no jardim da escola. — Onde está a Francisca ? Tenho uma coisa tão divertida para lhes contar ! —

— Está a acabar a sua aula — respondeu a Joanna.

Mas a voz perdeu-se no borborinho das dezenas de vozes de creanças que acudiam, correndo de todos os lados.

— Olha o sr. Luiz ! Viva o sr. Luiz ! . . . —

Pequenitos de cinco e seis annos, limpos, frescos e alegres, com um ar de saude e de fartura, as cabeças tosquçadas protegidas pelos chapéus de palha . . .

Era a hora do recreio para aquella

classe que andava brincando á sombra dos sobreiros; a Joanna conservara os sobreiros no grande jardim da escola, talhado em pleno montado.

— De onde vens tu, Luiz? — perguntou a Joanna, chegando-se mais para a ponta do banco e dando logar ao Luiz ao seu lado.

— De casa do barão. E... até que emfim! —

O Luiz interrompeu-se e accrescentou sorrindo:

— Mas não digo mais nada sem vir a Francisca. —

— O que será? — murmurou a Joanna.

E sorria tambem. Que sorriso tão differente do antigo sorriso que illuminava a sua belleza, de mocidade e de frescura e d'aquelle brilho de agua corrente ao sol... aquelle brilho que deslumbra um momento e que é pueril e transitorio, um simples reflexo do sol que passa e deixa depois a agua ás escuras...

O Luiz olhou um momento em silencio para a Joanna e disse de repente:

— Como tu estás bonita! Nunca foste mais bonita em dias da tua vida!—

A Joanna apontou para o cabello e para a cara; e o sorriso abriu-se-lhe num riso franco:

— Uma belleza que nasce aos quarenta e oito annos e que vem com os cabellos brancos e as rugas!... —

— Não... Não!... — respondeu o Luiz vivamente. — Uma belleza que nasce do fundo da tua alma e que é toda feita de expressão. Os teus olhos amortecidos, as rugas aos cantos da tua bocca, a cinza dos annos cahida sobre o teu cabello, são attributos necessarios e preciosos d'esse genero de belleza que eu adoro em ti e que é tão rica de significações sagradas. —

A Joanna abanou a cabeça.

— São coisas que vêes com os olhos do teu coração — disse ella. — O teu coração é um espelho encantado onde

as imagens se reflectem transformando-se. O teu coração tão abundante em forças concentradas, Luiz! Tudo que lhe toca fica logo envolvido nas suas proprias virtudes. E por isso me vês assim numa especie de transfiguração feita da nevoa luminosa em que me envolves! —

As palavras subiam como um fumo de incenso na atmospherá de crystal.

Por cima das suas cabeças, a folhagem miudinha dos sobreiros recortava-se no ceu partindo em filigranas minuciosas das ramadas asperas, onde os lichens se agarravam formando tufos de um verde morto.

E as trépadeiras enroscavam-se aos troncos seculares; e sobre as relvas erguiam-se em florações extranhas e inesperadas, as innumeras cabeças dos cysanthemos, esgadelhadas, escorridas, frisadas, roxas, vermelhas, côr de oiro, côr de sangue, côr de carne, fazendo lembrar triumphos, a morte, o amôr, a melancolia, alguns tão impre-

gnados ainda da sua alma japoneza, que ao vêl-os, a imaginação evocava os deuses orientaes, os esgares e os pavores das suas mascaras tragicas.

Entre o arvoredo, avistavam-se ao longe as ondulações d'aquelles campos alemtejanos tão silenciosos. E quer a perspectiva mostrasse os olivaes novos encinzeirados da sua folhagem prateada, quer a terra negra preparada para as proximas sementeiras, quer os prados, quer a vinha moribunda do langor invernal que a ia já envolvendo, a mancha triste do montado surgia sempre, absorvendo em si a nota dominante da paizagem.

E os dois irmãos calavam-se. Parecia-lhes que da paz da terra subia uma harmonia de conjuncto como um thema grandioso, um coral cantado por boccas silenciosas. Invadia-os uma profunda religiosidade emanada da terra, do grande templo da terra onde todos os milagres se realizam.

Viam-n'a a pouco e pouco adormecer

d'aquelle somno que não é um anniquilamento mas sim uma concentração de forças, um simulacro de morte á superficie, emquanto as seivas se preparam, o sangue arterial se condensa para o trabalho triumphal do eterno renascimento.

E aos bandos, perseguindo-se, rindo, cantando, gritando de alegria e de saude, numa exhuberancia de vida precursora de futuras e uteis energias, as creanças passavam continuamente em torno d'elles, envolvendo-os na musica das suas gargalhadas, todas doiradas do sol que se entornava nas clareiras, todas frescas das sombras que aveludavam as relvas.

— Já viste belleza mais profunda do que esta? — disse o Luiz. — É a *tua* belleza, a belleza que adoro de joelhos. A primavera é uma embriaguez que nos toma conta dos sentidos, que nos faz gosar dos aspectos, das claridades e dos perfumes, uma delicia á flôr da pelle, uma alvorada de vida nova que

arrebata os nossos enthusiasmos numa vertigem de prazer physico. Para se sentir a belleza da primavera, basta ser-se novo e feliz. Mas o outomno, Joanna!... O outomno, vês tu, é a belleza profunda, a belleza espiritual, que encontra os seus verdadeiros echos nas almas que soffreram e triumpharam. Toda a gente acha o outomno triste e compara o outomno precursor do inverno, á velhice precursora da morte. É porque o não comprehendem. Não ha belleza maior do que a belleza que se esconde aos olhos do vulgar; a belleza que se esconde e que brilha num esplendor de victoria sob os veus illusorios da melancolia. Olha para isto, Joanna! Não é a melancolia que se estende sobre a terra; é o silencio sagrado que envolve o mysterio da vida germinando numa prodigiosa concentração nas entranhas da terra, escondida aos olhos do nosso corpo, visivel aos olhos da nossa alma que adivinha e espera a grande resurrei-

ção. É a tua belleza, Joanna, a belleza bemdita do teu outomno fecundo e cheio de promessas maravilhosas, Joanna! se todas as mulheres fossem como tu!... Hão-de sêr, hão-de sêr, um dia... eu sei! Mas tenho pena de não vêr a humanidade feliz. Sou um impaciente e sinto ás vezes uma angustia porque não me basta morrer com a fé inabalavel... queria morrer com os olhos cheios do meio-dia que não póde chegar ainda... —

—Contenta-te com o alvorecer — disse a voz tranquilla de Joanna — Que mais queres? É tão bonito! —

O Luiz olhava em torno de si.

— O outomno!... — repetiu ella — Todos vêem no outomno o repouso da terra cançada, exhausta de ter produzido tanto! E eu vejo-a no outomno, a terra milagrosa que não conhece fadigas nem desalentos, vejo-a condensando na sua immobilidade e no seu silencio, todas as forças do seu pensamento, todas as energias do seu organismo,

como um luctador que se prepara e espera o momento, sabendo que vae vencer porque é invencivel, feliz, e certo do seu poder sem limites...—

Um choro de creança interrompeu o Luiz; e voltando-se, os dois irmãos viram sahir do grande edificio da escola, um pequeno de seis annos, lavado em lagrimas.

Levantaram-se e foram ao seu encontro.

—O que tens tu?—perguntou a Joanna abaixando-se para elle e acariciando-o:

—Fui mau—respondeu o pequeno entre soluços—e a senhora D. Francisca disse... que estava nervoso... e que viesse brincar... E eu queria dar lição!—

E o choro recomeçava mais violento.

A Joanna sorriu:

—Devias ter sido pessimo!—disse ella.

O Luiz ficou um momento a olhar

para a irmã que se ajoelhara na relva, abraçando o pequeno e tentando animar-o com palavras de consolação.

Depois deixou-a e, encaminhando-se para o edificio, entrou. Encontrou-se numa sala enorme, illuminada por muitas janellas abertas por onde entrava a pureza do ar impregnado do cheiro forte da terra, e o grande silencio do outomno.

Sentados deante de mesas baixas, umas sessenta a setenta creanças entre seis e sete annos seguiam attentamente os movimentos da Francisca, de pé, deante da louza.

A Francisca desenhava uma charrua.

O Luiz parou á porta a vêr e a escutar.

— O que é isto? — perguntou a Francisca mostrando o seu desenho.

Levantou-se um côro de vozes agudas enchendo a sala, subindo em revoadas até á abobada alta do tecto:

— A rabiça! —

— Anda cá, tu, Raphael — tornou a Francisca. — Diz-me . . . vamos a vêr se és um homem . . . Para que serve a rabiça? —

O pequeno levantara-se muito senhor de si, todo presumido de ser chamado.

— A rabiça é para guiar a relha . . . D'antes carregava-se muito e os homens cançavam-se tanto! —

— Coitados dos homens! — disse a Francisca — É porque não sabiam que havia outras charruas, como esta, vês? Como esta em que não é preciso fazer quasi força nenhuma. —

— É só guiar, — tornou o pequeno — para a relha cortar a terra. —

— Muito bem. Respondeste como um homem. Agora, tu, Dionisio, anda cá. —

O Raphael voltou triumphante para o seu lugar e aproximou-se um outro loirito e franzino.

— O que é isto? —

— É a relha. —

— Para que serve a relha? —

— Para cortar a terra, para a abrir, para ella poder beber o ar e ficar forte. —

— E para que ha de ella ficar forte? —

— Para dar força ao pão que a gente lhe deita e que ella faz crescer para a gente não ter fome. —

A Francisca abaixou-se para o pequeno, pegou-lhe na cabeça com as duas mãos e deu-lhe um grande beijo.

— Ah! que ricos filhos que eu tenho! — exclamou ella — Tão bons e que sabem tanto! —

— Eu tambem quero dizer coisas! Eu tambem sei! — gritou um pequenolá do fundo da sala.

E então foi um vento de enthusiasmo que passou.

— Eu tambem, eu tambem!... — diziam as vozitas aflautadas, num tumulto.

— Bem, bem... Cada um por sua vez. Agora, juizo! —

Fez-se de novo silencio e a lição continuou.

— A terra é tão boa! . . . — dizia a Francisca.

O Luiz atravessou a sala devagarinho para não distrahir as attenções, e aproximou-se de uma das janelas.

E o esplendor da terra innundou-o de uma tal claridade que tudo o mais deixou de existir.

Estendia-se lá em baixo uma varzea onde três juntas lavravam.

A meio da terra negra, avançando sobre as leivas erguidas, um homem com a sacola do trigo presa ao hombro e batendo-lhe o flanco, semeiava.

O gesto largo e rythmico espalhava o pão; e a figura do homem pequenina e perdida na immensidade da paizagem luminosa cujos mais leves contornos se desenhavam com uma nitidez de crystal, era engrandecida pelos simples gesto do seu braço espalhando o pão. Engrandecida como se aquelle

braço abrangesse o mundo no seu movimento cadenciado e tranquillo.

O Luiz seguiu-o com a vista longamente; e a pouco e pouco parecia-lhe que o trigo lançado cahia não só na terra lavrada, mas sim em todo o chão que a sua vista cobria. E já não era trigo; era uma poeira de oiro que fecundava o solo bemdito. O pão espiritualizava-se; cahia na grande alma da humanidade para a futura germinação da abundancia, da paz e da comprehensão justa das ideias que salvarão o mundo.

Aquelle era o gesto verdadeiro e necessario, o grande gesto de força e de amôr, o gesto perseverante e calmo que havia de realizar os prodigios fataes.

E o Luiz pensava no braço muscuroso que todo o dia espalhava o pão e que á noite descancava sem inquietações nem impaciencias; pensava no trabalhador da terra que lança a semente e que sabe depois esperar mezes

e mezes até ao amadurecimento das espigas.

O silencio religioso que subia da terra, tornava-se mais significativo e solemne pelos ruidos symbolicos que d'elle se destacavam. Os gritos dos boieiros cantavam o trabalho do solo que se abria para a boa fecundação; as vozes da Francisca e das creanças promettiam luz e alegria rasgando as trevas da ignorancia; e da ala esquerda do grande edificio da escola ainda por concluir, vinha o barulho das obras; os machados, as serras cortando a madeira, os martellos quebrando as pedras, as vozes dos operarios chamando-se, transmittindo ordens, pedindo material... a escola crescia, alargava-se; eram preciso mais salas; vinham creanças de tão longe!

Envolvido naquella harmonia, na coherencia absoluta das coisas que se ligavam e se fundiam num conjuncto de forças tendentes para o mesmo fim, o Luiz sentiu naquelle momento, como

se uma luz nova o alumiasse, que tinha encontrado a verdadeira significação da vida e que enfim achára o perfeito equilibrio, o equilibrio gerador de todas as energias, de todas as acções necessarias.

E recapitulava; via o desabrochar dos seus enthusiasmos, a floração exuberante das suas revoltas, a sede ardente de justiça que na violencia da sua mocidade o lançara no turbilhão das crenças perigosas, e lhe prendera a fé aos meios arrebatados e impacientes que enganam os homens dando-lhes a illusão de que podem, no curto espaço de uma vida, através do sangue e do crime, realizar o trabalho profundo que apenas é permittido á longa e perseverante paciencia de gerações e gerações.

Viu os annos de duvidas e de luctas em que o seu espirito hesitou entre a tentação da vertigem que anniquilla numa embriaguez esmagadora de dever cumprido, e a serenidade difficil

que o verdadeiro dever exige, a paciência e a força tenaz na conquista de um ideal longínquo que não é dado á curta existencia de um homem vêr realizado.

E viu como a pouco e pouco, da bondade simples e espontanea e da energia persistente da Francisca, sem elle dar por isso nem ella, o milagre se fizera na sua alma que agora comprehendia emfim a unica verdade.

O gesto, o gesto do sementeiro lá em baixo na varzea! O gesto incansavel que se repetia mil vezes durante o dia inteiro espalhando a semente sagrada da abundancia e da paz!... Como elle sentia a verdade d'aquelle gesto symbolico, do largo gesto de amôr que abrangia o mundo! E pensava no trigo espalhado, no grão loiro e miudinho, na infinidade de bagos que se perdiam sem que o braço persistente deixasse por isso de continuar, e semear sem fim.

E pensava na espera, na longa espera... a germinação lenta, o desen-

volvimento imperceptível das primeiras folhas aguçadas que furam a terra, o crescimento do caule erguendo-se acima do solo na sua vagarosa e segura ascensão para a luz e para o calor do sol, a formação do grão nas cellulas tenras das espigas que levam tanto tempo a amadurecer ...

E o semeador espera, espera sem fim... E póde morrer entretanto... E, se morrer, qu'importa? Outros, depois d'elle, cortarão as espigas doiradas e comerão o pão bemdito da terra.

Que luz, que luz nova e resplandecente! Como isto era claro! E tudo o mais se confundia no seu cerebro; já não sabia se as sementes loiras e miudinhas eram aquellas que o semeador espalhava lá em baixo nas leivas revolvidas e escuras, ou se eram aquellas outras que na grande sala erguiam as vozes crystallinas a falar da terra e do trabalho.

A Francisca acabara a sua lição: aproximara-se do piano-orgão. E as

creanças, num borburinho tumultuoso que se poderia comparar ao bater de azas de um grande bando de pombos levantando vôo, pozeram-se todas de pé.

O primeiro acorde, cheio e poderoso, despertou o Luiz da sua meditação, fêl-o voltar-se de repente para dentro da sala; e ficou immovel, a escutar.

— Trabalho sagrado e bemdito... —

O côro de setenta vozes puras levantou-se num unisono perfeito, enchendo a sala até a aboboda alta, repercutindo-se contra as paredes brancas, sahindo numa gloria pelas janellas abertas a fundir-se na grande harmonia exterior.

E parecia ao Luiz que todas aquellas creanças cantando o hymno votivo de adoração ao trabalho bemdito, lhe cantavam dentro do coração.

Aquelle grito de amôr e de fé tão vibrante e ardente no silencio da natu-

reza que preparava no mysterio das suas entranhas fecundas o eterno renascimento, aquelle grito partindo dos peitos innocentes e fracos que no futuro se cobririam da forte musculatura dos trabalhadores, productores de vida nova e de abundancia, acordava na alma do Luiz echos tão profundos que os olhos se lhe arrazaram de boas lagrimas de enthusiasmo.

Parecia-lhe vêr passar um exercito victorioso levado em rajadas de vento que desfraldavam e sacudiam bandeiras triumphaes á luz de um sol de apotheose.

E no espraiar das ondas de harmonia quando as vozes desciam e se acalmavam, o ruido das serras e dos martellos, partindo das obras visinhas, misturava-se ao canto e aos acordes do orgão; era a escola que augmentava, as salas que se accrescentavam ás salas... Havia seiscentas creanças no edificio presente; dentro de algum tempo haveria mais de mil.

Como a terra pagaria o esforço futuro d'aquelles trabalhadores que se criavam na comprehensão, na fé, e no amôr do seu poder immenso e da sua bondade infinita!

— Dar a vida toda e achar isto . . .
— murmurou o Luiz no fundo do seu coração. — Fazer isto, entender isto . . .
Qu'importa morrer depois? Um momento d'estes na terra . . . Como a vida é linda! —



CAPITULO XIII

Quando os três irmãos sahiam do jardim da escola, ouviram a Rosa que vinha correndo atraz d'elles e chamando pela Francisca.

Pararam e voltaram-se; e viram-n'a chegar vermelha e afogueada da carreira, com os olhos brilhantes, tão cheia de mocidade, de saude, e de alegria sã e irresistivel que os três sorriram sem saber porquê.

— Francisca, — disse a Rosa, — ainda não chegaram as fructas de cêra para a nossa aula de pomologia que devia principiar hoje. Sem o material não sei se devo... Será mellhor esperar ainda? —

— Isso é com a directora — respondeu a Francisca apontando para a Joanna.

A Rosa córou.

— Desculpe-me, Joanna — exclamou ella. — Estou tão habituada desde pequena a consultar a Francisca para tudo, que mesmo nas coisas da escola venho ter com ella. O que lhe parece então, Joanna? —

— Parece-me que é melhor esperar ainda. Nunca percas de vista que o ensino intuitivo é impossivel, impossivel, entendes bem? sem a demonstração visivel, palpavel. É preciso que os pequenos vejam e sintam. As palavras que nós dizemos são apenas mãos que apontam; nada mais. Espera ainda. Talvez as fructas cheguem ámanhã. —

— Era tambem essa a minha opinião, — tornou a Rosa, muito seria. — Mas não ousei decidir, só pela minha cabeça. —

A Francisca passou-lhe o braço á cintura.

— É bom que te vás habituando a decidir coisas pela tua cabeça, a teres confiança nas tuas próprias determinações. És uma mulher, Rosa. E... d'aqui a pouco... —

A Rosa córou ainda muito mais e deu uma gargalhada sonora que interrompeu a Francisca.

— Vá, vá... — continuou esta rindo também. — Pensa no que te digo. Já não és uma creança. —

A Rosa despediu-se e voltou para a escola, enquanto os três irmãos continuaram o seu caminho.

— Que perfeição de rapariga! — exclamou o Luiz com admiração. — Perfeição physica e moral. Ahi está uma creatura equilibrada que fará a felicidade e a alegria santa de um lar. Deves estar contente com a tua obra, Francisca! —

— A minha obra! Queres agora convencer-me de que, se as boas qualidades não estivessem nella, eu as teria creado? —

— É a mesma massa de que foi feita a Hilda — insistiu o Luiz. — Seria pouco mais ou menos uma Hilda se não tivesse passado pelas tuas mãos. —

— Talvez uma Hilda mais atenuada; — acrescentou a Joanna — mas com os mesmos vícios de educação, o mesmo fundo de miseria moral, estou convencida. —

— A proposito da Hilda, tenho uma coisa para lhes contar — disse a Francisca sorrindo com malícia.

— Eu também tenho uma coisa para lhes contar — interrompeu o Luiz, lembrando-se de repente do que o trouxera á escola naquella manhã.

— Deixa falar primeiro a Francisca — disse a Joanna. — E vamo-nos sentar um bocadinho aqui nesta sombra para a ouvir com mais attenção. —

Sentaram-se os três num talude á beira do caminho. Estavam no meio de um souto cerrado e fresco e uma regueira passava alli perto com um murmurinho dôce.

Era a agua d'uma mina aberta pelo Luiz num sitio onde ninguem acreditava que passasse um veio.

Uma agua prodigiosa que no espaço de seis annos transformara toda a varzea lá em baixo, resequida e estéril, num prado immenso que se desfazia em luzerna.

O Luiz pôs-se a olhar para a agua transparente que passava a cantar sobre as pedras brancas da regueira, toda bordada deervas e de musgos.

Parecia-lhe que era um pouco do seu sangue que ia por alli fóra a correr, numa ancia de cumprir a sua missão fertilizadora, a sua obra de aperfeiçoamento e de riqueza crescente.

As folhas dos castanheiros, desfalecidas, cahiam uma a uma, balouçando-se no ar um momento com um gesto languido de azas abertas, como grandes borboletas moribundas.

— A Hilda tomou hoje conta da aula de córte e de costura na *escola de raparigas* — declarou a Francisca.

A Joanna e o Luiz voltaram-se para ella sinceramente surprehendidos.

— A Hilda?! — exclamou o Luiz — A menina Hilda que desprezava tanto a tua escola, que fazia entre as raparigas, uma tão accessa propaganda contra a tua obra?! É lá possivel! —

A Francisca ria devagarinho encantada do seu successo.

— Nem mais nem menos — disse ella.

— Mas como? — perguntou o Luiz — Cathechisaste-a? Não imagino como pudesses adoçar aquelle azedume tão antigo e tão enraizado, como pudesses chamar a ti aquella alma tão ankylosada, aquecer um coração tão frio, fazer brotar a vegetação num areal estéril e perdido! —

— Fazer brotar a vegetação... — repetiu a Francisca, pensativa. — Imagino que o erro fundamental de todos os grandes instituidores de doutrinas e de moral tem sido sempre a preocu-

pação exagerada dos estados de almas. Prendem-se a isso como as moscas ás teias de aranha e debatem-se, debatem-se, perdem o fito principal, esquecem o fim mais amplo a que o seu ideal aspirava. Deixam de vêr a humanidade para verem o individuo... Que importa a alma de cada um? contanto que elle trabalhe, seja como fôr, e dê a sua contribuição quer consciante quer inconscientemente... —

— Como tu vaes agora ao fundo das coisas, Francisca! — exclamou o Luiz — A bondade em ti já não é aquelle sentimento expontaneo que tu propria não sabias explicar... —

— Não — interrompeu a Francisca — Tenho mais de quarenta annos. Quando se é muito novo tem-se essa bondade obscura, por assim dizer, vegetal; tem-se um pensamento generoso, pratica-se uma boa acção, como as roseiras dão as rosas. Mas depois, á medida que o espirito amadurece e se desenvolve, a nossa obrigação é pen-

sar, vêr claro, explicar a nós mesmos a razão de todas as coisas. —

O Luiz ia responder quando a Joanna interveiu :

— Não se embrenhem agora em philosophias. Conta a historia da menina Hilda que me está interessando tanto! —

— Apanhei na minha rede a menina Hilda; — disse a Francisca rindo — não cathechizando-a como diz o Luiz. É incathechisavel. Mas pensei que havia por força de ser susceptivel de utilidade e que se não servisse para nada, a culpa seria minha. Não a apanhei com sinceridade nem acordando nella sentimentos elevados. Era impossivel. Apanhei-a com um ardil. Que querem vocês? É preciso lançar mão de tudo. —

O Luiz pôs-se a rir.

— Estou a vêr que a tua historia vae ser muito parecida com a minha — observou elle. — Continúa. —

— Foi assim. Ensinei-a a talhar e

a coser, como vocês sabem, arte que aprofundou com delicia para satisfazer a sua vaidade e os seus sonhos de elegancia pessoal. Confesso que a sua troça continuada e a sua propaganda aggressiva contra a nossa obra, me incommodava: conseguira tirar mais de uma rapariga da nossa escola. Pensava de mim para mim: — É preciso mettel-a lá dentro. — Mas como? Então comecei a procurar qual seria o seu ponto mais fraco e cheguei á conclusão de que era a vaidade, e aquella sêde de uma vida differente, aquella sêde que os annos não tem attenuado, aquella ancia dos prazeres da cidade... E principiei a minha campanha. Tenho levado tempo. Ia preparando as baterias e os exercitos avançavam em silencio conquistando terreno sem vocês darem por isso. Queria fazer-lhes a surpresa. —

A Joanna e o Luiz escutavam-n'a, divertidos.

— Mas como a convenceste? — perguntou a Joanna.

— Ora, de um modo facil. Disse primeiro que me faltava uma mestra de costura e córte, que era uma arte muito difficil e necessaria. A pouco e pouco, aproveitava a sua presença para explicar as vantagens que as mestras das nossas escolas tinham e o futuro que se lhes abria: os jornaes que publicavam os seus nomes, o nosso exemplo que seria seguido em Lisboa onde já se principiava a falar na organização de estabelecimentos semelhantes, a difficuldade que esses estabelecimentos encontrariam na escolha do seu pessoal de ensino, o esforço que fariam para nos roubar o nosso já educado, preferindo decerto as que mais se distinguissem. . . —

A Joanna e o Luiz riam.

— Finalmente, quando vi que a minha emprêsa estava em bom caminho fui ter com a Hilda. Fez-se rogada, torceu-se um pouco. . . E agora lá está

a dirigir a sua aula, cheia de bôa vontade. E comtanto que a dirija bem, comtanto que prepare bem as raparigas a fazer e a concertar com facilidade e economia os seus fatos e os dos seus filhos, que m'importa, no fundo, que ella tenha em vista, não o sonho de perfeição da humanidade, mas sim apenas a esperança de se distinguir afim de sêr chamada para Lisboa na satisfação de uma ambição pueril? —

Os dois irmãos já não riam.

— Tenis razão — murmurou a Joanna. — Quando não pudermos lançar o nosso entusiasmo nas almas dos outros, não devemos por isso desprezal-os como inuteis. —

— Nada é inutil, ninguém é inutil; e o dever de quem vê mais claro como nós, é aproveitar todas as aptidões, canalizal-as para o nosso fim, — accrescentou o Luiz.

— E a tua historia, Luiz? — perguntou a Francisca.

— A minha historia ... Vocês sabem

que uma das maiores luctas que tenho tido é para convencer os proprietarios de toda esta região a reduzir o trabalho do jornaleiro a oito horas. Ha tantos annos que persevero e ainda uns dois ou três se negam, teimando por pirraça elevando a feria, mantendo o trabalho brutal de sol a sol. Um d'esses, e dos que mais me preocupava, era o barão, por sêr um proprietario importantissimo. Está vencido. Já declarou ao feitor que d'aqui por diante seguia o nosso exemplo e prepara um brilhante discurso para expôr na proxima reunião do nosso syndicato agricola, os motivos... altruistas a que obedece. E tudo isto por causa das eleições. Convenci-o de que as tinha perdido da ultima vez porque se estava tornando antipathico o seu proceder. E como agora estão outras eleições á porta, quer então popularizar-se. De que me serviria mostrar-lhe as verdadeiras razões que o deviam guiar? Não me entende. Foi sempre creado com as ideias acanhadas do seu

meio e do seu tempo: fazer do trabalhador da terra o agente das suas vaidades. São males incuráveis. Mas era preciso fazel-o contribuir, aproveitar-lhe a utilidade, como diz a Joanna. Lancei mão do que pude. —

O Luiz levantou-se e pôs-se a olhar para a agua da regueira.

Nem a Francisca, nem a Joanna falavam.

E todos três pensavam na agua que descia a encosta para ir fertilizar a varzea d'antes esteril e abandonada. Inconsciente era aquella agua obedecendo ás leis physicas que lhe determinavam a direcção e a levavam ao seu destino; inconsciente era a terra da varzea que recebia emfim a boa fecundação e que, do seu seio tanto tempo resequido e inutil, fazia agora brotar uma vegetação exuberante. Que importava que a agua e a terra não tivessem pensamento, se ambas tão poderosamente contribuiam para a grande obra de resurreição e de prosperidade? Lançar

mão de tudo, não desprezar coisa alguma, aproveitar todas as forças mesmo as inconscientes, mesmo as incapazes de comprehenderem o alcance dos seus effeitos... Era esta a ideia da Francisca e era tambem a do Luiz; era a ideia complementar do grande sonho de perfeição que alveja o fim, servindo-se de todas as capacidades, desprezando as individualidades para fitar apenas o conjuncto final de onde o Bem triumphante recahirá sobre todos numa chuva providencial e justamente repartida, espalhando a paz, a harmonia, a abundancia, e a felicidade sobre a humanidade finalmente unida e *uma*.

— Olha quem vem alli! — disse a Francisca.

Lá ao longe, na volta do caminho, entre a sombra dos castanheiros mal despidos da folhagem, acabavam de apparecer duas figuras bem conhecidas.

O Ignacio, que voltava do pas-

seio matinal, e ao seu lado o Pedro trazendo pela arreata um macho apparelhado. Pararam os dois a conversar, e tão entretidos, que nem deram pelos três irmãos.

O Luiz ia chamal-os quando a Francisca lhe tocou no braço e o fez calar:

— Deixa-os. Elles hão de por força passar por aqui e então lhes falaremos. Não vês como conversam animadamente? Não os interrompas agora. —

O Pedro educado pelo Luiz e pelo Ignacio, crescera e desenvolvera-se numa atmospherã pura, e era hoje um homem sadio de corpo e de espirito, um luctador intelligente, deante de quem o trabalho e a tenacidade tinham aberto um largo futuro. Criado primeiro em casa dos três irmãos, entrãra depois ao serviço do Ignacio que o guiãra com os seus conselhos e com o seu exemplo. Ambicioso de uma bõa e justa ambição de vêr o seu esforço convenientemente remunerado, cheio

de vigor e de saúde, sentindo em si grandes energias, apenas livre do serviço militar, confessára ao Ignacio e ao Luiz o seu ideal de principiar um pequeno negocio de vinhos e cereaes, e o seu desgosto de o não poder realizar por falta de dinheiro.

Ouvindo o Pedro falar e aprovando os seus planos intelligentes e honestos, o Luiz e o Ignacio tinham adeantado os capitaes necessários.

No periodo de cinco annos, o Pedro pagára as suas dividas e comprára uma fazendita que tratava e cultivava por suas mãos.

Naquella manhã vinha elle numa das suas continuadas jornadas de negocio, quando encontrara o Ignacio. Como seguissem o mesmo caminho, o Pedro apeara-se e enfiando no braço a redea, fôra andando devagar ao lado do seu antigo patrão e mestre, a quem guardava a maior amizade e reconhecimento.

A conversa fôra a principio banal.

Falaram do tempo, de umas leiras de espargos que o Pedro cultivava a titulo de experiencia, do andamento do negocio . . .

Mas o Ignacio olhava de soslaio para a bôa cara viril e franca do Pedro onde notava uma preocupação que elle tentava esconder.

Afinal, não podendo conter mais tempo a onda de amargura que lhe enchia o coração, o rapaz principiou a falar numa torrente impetuosa de palavras, contando a sua pena.

Havia tempos, levado pela sua generosidade, sacrificára um bom negocio que tinha entre as mãos (a compra de uns cascos de vinho excellente por um preço excepcionalmente baixo) a um amigo, negociante como elle, que se achava em más circumstancias.

E na vespera, esse mesmo amigo atravessara-se-lhe deante de uma venda certa de milho, tirando-lhe a vez sem escrupulos, e em condições de deslealdade que o suffocavam de indignação.

— Que pulha! — exclamou o Pedro.
— Assim é que me pagou o eu tel-o ajudado! Se não fosse eu acudir-lhe naquella occasião, tinha-se-lhe ido o negocio para casa do diabo! Grande cão!... —

O Ignacio ouvia, calado, e deixava que se exgotasse a avalanche de palavras amargas.

Por fim parou a meio do caminho e pôs a mão no hombro de Pedro.

— Desde muito novo que viveste commigo — disse elle — e tenho sempre falado comtigo como se fosses meu filho. Tens a intelligencia aberta a verdades que a gente da tua classe não conhece e vales mais do que os outros porque sabes mais e comprehendes melhor. Acreditas em mim e tens a certeza de que te falo sempre com o meu coração, não é verdade? —

— Oh! sr. Ignacio! — exclamou o Pedro. — Porque me diz essas coisas? Não vê como o estimo e o respeito? —

— Meu rapaz!... Ora dá attenção

ao que eu vou dizer-te. Se me entenderes, acredita, ganhas mais do que se fizesses um nogociarrão. Sabes o que é a bondade?—

O Pedro olhou para elle admirado. Não esperava aquella pergunta e não percebia onde o Ignacio queria chegar. Ia responder, quando o agronomo o interrompeu :

— Não... não respondas. A bondade é um sentimento creado pela nossa vontade e pela nossa energia. Não é esse curvar de cabeça, esse perdoar de todas as offensas, essa resignação a todos os males, essa mansidão de boi de trabalho, a que vulgarmente se dá o nome de bondade. Para se ser bom; é preciso ser-se intelligente e corajoso. O homem são de corpo e de espirito, *tem a obrigação* de ser bom porque a bondade bem entendida é a maior conquista do homem sobre a sua animalidade, na sua marcha progressiva para a perfeição.—

O Ignacio parou um momento e depois continuou :

— Dá bem attenção agora, Pedro ; para a bondade verdadeira não existe a recompensa. Nem um só acto de bondade verdadeira admite uma esperança de *paga*. Se somos bons para alguém e esse alguém se esquece do que lhe fizemos, a sua ingratiidão não deve ferir-nos. O sentimento de surpresa dolorosa que nos vem da ingratiidão é uma prova de que *vendemos* a nossa bondade e esperamos a *paga*, isto é, o reconhecimento. Mas a verdadeira bondade é livre como os passaros que andam cantando nas ramagens tão altas por cima das nossas cabeças. Não se compra, não se vende, Pedro. A unica satisfação que nos é permitida por meio de uma boa acção é aquella que nos vem da propria acção e não dos seus resultados. Se essa satisfação nos vier da gratidão dos outros, passa logo a ser uma satisfação inferior, indigna do espirito aperfei-

çoado e claro de um homem como tu, que pensa e comprehende as coisas. Entendeste? —

Entendo; — murmurou o Pedro, curvando a cabeça — mas é difficil. —

O agronomo sorriu.

— Entendes, e já é um passo. Dou-me por satisfeito. O teu pae seria absolutamente incapaz de entender esta doutrina; tu já a entendes; talvez os teus filhos venham a pôl-a em pratica. Essa esperança basta-me. Vamos andando, Pedro, que se faz tarde para o meu almoço. És um bello rapaz; e todos deviam sêr como tu. —

Seguiram o seu caminho. O Pedro ia pensativo; ruminava as palavras do Ignacio.

— Pensa... — continuou este — Um homem não se deve deixar levar pelos seus instinctos como um animal. Se tu não tivesses acudido ao teu amigo naquellas circumstancias difficeis, não te zangavas agora tanto pela sua deslealdade. —

— Lá isso é verdade! — interrompeu o Pedro. — Não é lá a meia duzia de libras que elle me tirou do bolso. O que me fez ir aos ares sobretudo, foi a sua ingratidão!... —

— Vês? — tornou o Ignacio vivamente — Sem tu dares por isso contavas com a *paga* da tua boa acção, com o *preço* da tua bondade, como se se tratasse de uns cascos de vinho ou de uns moios de cereal. É preciso estudar sempre bem essas coisas no fundo da nossa alma, antes de nos deixarmos invadir pela indignação que ás vezes... como agora, é uma fraqueza, Pedro, uma inferioridade. —

— Tem razão, sr. Ignacio; — disse o Pedro depois de alguns instantes de reflexão e de esforço — mas é tão difficil... tão difficil!... —

— Olha quem alli está! — exclamou de repente o Ignacio com alegria apontando para os três irmãos que acabava de descobrir sentados no talude, lá adeante, á beira do caminho.

CAPITULO XIV

— Olá Pedro! — gritou a voz alegre do Luiz — Não ha olhos que te vejam, homem! —

E depois dos cumprimentos, o Pedro explicou:

— Tenho sempre tanto que fazer, sempre a cavallo por essas estradas... E depois a fazenda... Não ha tempo sequer para a gente conversar um bocado com as pessoas de quem gosta. —

— Está bom, está... — respondeu o Luiz — mas por isso a tua fazenda floresce e o teu capital augmenta. D'aqui a pouco fazes casa tua. E depois... —

— E depois... — acrescentou a Joanna sorrindo — é preciso procurar uma boa mulhersinha arranjada e intelligente para cuidar da casa nova. —

— E crear a alegria santa de que a gente vive. — Concluiu o Pedro. — De que serve o dinheiro sem alegria? —

Os três irmãos e o Ignacio olhavam com satisfação para a mocidade triumphante do Pedro. Viam naquelle rapagão lindo e forte, cheio de coragem e de bom humor, o typo do futuro trabalhador, do trabalhador como elles sonhavam e como tentavam formal-o nas suas escolas, do productor de abundancia, de energias novas e fecundas como um campo virgem que a cultura transforma e enriquece.

— Senhora D. Joanna — disse o Pedro — eu desejava muito falar-lhe a respeito de uma coisa séria. Dá-me licença que a procure logo, depois do almoço? —

— Com o maior prazer, Pedro. — respondeu a Joanna — Estou á tua

disposição. Lá te espero em casa d'aqui a duas horas. —

— Muito obrigado; e lá estarei sem falta. E agora não me posso demorar mais. Muito bons dias. —

E saltando para cima do macho coberto de poeira, o Pedro abalou pela encosta abaixo, sacudido pelo chouto precipitado do luar, que fazia ranger a almatrixa e traquinar os enfeites de cobre da cabeçada.

— Bello rapaz! — exclamou o Ignacio. — Consolo-me de ter falhado a minha carreira quando olho para elle. Chego a convencer-me que não perdi de todo o meu tempo. —

— Tem muita pressa, sr. Cachorro? — perguntou a Francisca.

— Ainda não almocei. —

— Nós tambem não almoçamos ainda. Tenha paciencia. Está a manhã tão bonita! Venha d'ahi connosco visitar a nossa escola de raparigas. —

O Ignacio sorriu. —

— Pois está dito. Vamos lá. —

E foram andando entre as sombras do souto cerrado de onde cahiam as folhas doiradas e leves.

Não tinham dados muitos passos, quando viram o João cavador que vinha ao seu encontro trazendo um boi á sogá.

— Deus o salve! — disse elle descobrindo-se.

— O que é isso, João? — perguntou o Luiz — De onde vens tu? —

— Saberá V. Ex.^a que foi esta raça damnada que se desforrou na lavoura. E o abogão mandou-me com elle ao ferrador. Agora vem prompto. —

— Ha que tempos não te vejo — disse a Francisca — Estás mais satisfeito agora? Como vae a tua mulher? —

— Vamos todos indo com a graça de Deus, muito agradecido a V. Ex.^a —

— E a fazendita? —

— Ora!... Aquillo não presta... —

— Não presta! — interrompeu o Ignacio — Um diabo d'estes que não

tinha onde cahir morto, que trabalhava de sol a sol como um burro, e mal pago, e sempre com fome... E agora ganha bem, e os filhos todos ganham, e fez obras na casa, e comprou terras, e tem tempo e dinheiro para as amanhoar, e semeiou este anno 20 alqueires de pão... A horta d'elle parece um jardim; tudo tratadinho pelo Pedro... Cada couve! Não presta... Ah! Grande cão!... —

E o Ignacio ria.

O João pôs-se a coçar na cabeça disfarçando um sorriso matreiro.

— A pobreza é sempre a pobreza... — murmurou elle — O pobre trabalha e padece. Cada um é para o que é. Lá está em cima quem manda... —

— Sim, sim... — tornou o Ignacio — Estás um bom intrujão. D'antes eras sincero quando andavas com a miseria ás costas. Agora és um manhoso, é o que tu és. —

— Os senhores estudam e sabem. A gente é besta — respondeu o João

sempre de olhos baixos e com um falso ar de resignação a cobrir o sorriso fírnorio que lhe apontava nos cantos da boca.

— Bem, bem . . . — disse o Luiz — segue lá o teu caminho; não te queremos demorar mais. O boi está com a mosca. —

O João despediu-se e afastou-se cortando por um atalho direito ao *mon-te*, com o grande boi mansarrão atrás de si.

— Porque será que estes da velha guarda não confessam o seu bem estar? — perguntou a Francisca — e persistem sempre no estribilho da lamuria? —

— Coitados! — respondeu o Luiz encolhendo os hombros. — Habitua-dos desde pequenos á desconfiança, tendo feito sempre das queixas e do dó que inspiram a sua unica arma defensiva, incapazes de verem claro na atrophia do cerebro causada pela miseria de toda a vida e pelo trabalho brutal, o

bem estar para elles não é o resultado logico dos acontecimentos que se desenvolvem em torno do seu meio, mas sim um acaso, uma sorte que é preciso esconder o mais possivel para que não lh'a tirem. —

— É isso, é — disse o Ignacio. — E d'estes, pouco ou nada se póde fazer além de lhes aproveitar as capacidades de trabalho e de lhes dar a remuneração justa, a abundancia onde então se criará a nova geração já com outros elementos de independencia e de força. Tratar e cuidar do velho tronco torcido e defeituoso sem remedio, não para o endireitar, mas para lhe dar seivas que produzam uma bôa rebentação e ramos proprios para os enxertos. —

Os tres irmãos puzeram-se a rir.

— Este agronomo! — exclamou a Joanna. — Sempre com os seus exemplos vegetaes! —

— Elle tem razão — accrescentou o Luiz. — A terra e as plantas são as

melhores mestras para quem lhes comprehende as lições. —

Estavam defronte do pequeno edificio da escola para raparigas. Erguia-se no meio de um jardim, todo enfeitado de trepadeiras, envolvido no perfume suave das rosas que enchiam os canteiros, abrigando sob os beiraes correntezas de ninhos de andorinhas abandonados.

Por uma das janellas sahia uma voz fresca de mulher cantando; e de toda a casa vinha um dôce ruido de colmeia. Logo na primeira sala encontraram a Hilda debruçada sobre a grande mesa e de tesoura em punho rodeada pelas discipulas.

— Então, Hilda, — perguntou a Francisca, — vaes-te dando bem com as tuas discipulas? —

— É esta a minha primeira lição; — respondeu a Hilda com um ar importante — e podes ter a certeza que já sabem mais do que sabiam. —

A Hilda emmagrecera ainda, se-

cara como um fructo peço; tinha aos cantos da bôca umas rugas precoces que lhe tiravam toda a bondade da expressão, umas rugas de azedume e de ironia.

O José Cachorro despedira tarde demais a Anatolia; o mau fermento deixado por ella tomára conta de toda a alma da pobre Hilda; destruíra-lhe para sempre a felicidade, matara-lhe todas as generosidades e todos os enthusiasmos, toda a frescura deliciosa da mocidade, e agora não ficara coisa alguma; nem uma d'essas sombras, um d'esses echos, nenhum encanto de tempos passados, recordações que ás vezes perfumam uma vida inteira... Nada. A incoherencia, o desequilibrio, noções falsas, ambições absurdas... e o espectro da velhice, uma velhice arida e resequida como um terreno de cascalho, como um deserto...

— Pobre Hilda! — murmurou a Francisca ao sahir da sala.

Subia da cozinha um cheiro de refogado apetitoso.

E quando lá entraram, viram a mestra, educada pela Francisca, preparando um prato de feijão encarnado guizado com couves e ouviram o final da sua prelecção sobre o valor nutritivo d'aquelles legumes.

— E já vêem — dizia ella ás raparigas que escutavam com attenção — que se prepararem este guizado cuidadosamente, de maneira que o seu marido o coma com apetite e com prazer, além de o terem de bom humor . . . —

— E isso é tão importante! — interrompeu a Francisca. — Uma bôa ceia, quando o marido volta cançado do trabalho, fal-o esquecer as suas fadigas, fal-o sorrir, fal-o gostar ainda mais da mulher intelligente que pensou nelle e lhe proporcionou aquella satisfação . . . —

As raparigas sorriam; a mestra continuou:

— Além de o terem de bom humor,

dão-lhe nestes feijões o equivalente de um bife. Mas se em lugar de feijões vocês tivessem batatas muito bem preparadas como lhes ensinei hontem, a riqueza d'esse alimento seria a mesma? —

— Não senhor — respondeu uma das raparigas sem hesitar. — E teríamos nesse caso de lhe acrescentar um pouco de carne, ou de um peixe qualquer, bacalhau, por exemplo, que é muito rico; ou, então, não podendo ser, fariamos além das batatas, um prato de favas, ou de grão, ou de lentilhas... —

— Bravo Maria! — exclamou o Luiz — Como estás adeantada! —

A rapariga córou de prazer.

Entretanto o Ignacio saboreava o cheiro do guizado e lembrando-se que ainda não almoçara, sentia crescer-lhe agua na bôca.

Subiram outra vez para o primeiro andar onde uma terceira mestra dava a sua lição de hygiene.

E ahí sentaram-se todos quatro.

A mestra acabava de chamar uma das discipulas e arregaçando a manga da blusa, mandava-a ligar-lhe o braço.

— Faz-me isso bem feito — dizia ella.

E a rapariga, cuidadosamente ia desenrolando a ligadura e dava-lhe as voltas precisas com geito e uma habilidade de mãos experimentadas.

— Muito bem — disse a mestra no fim.

E foi a um armario buscar uma boneca de celuloide do tamanho de um recém-nascido. Trouxe juntamente um pequeno enxoval e chamou outra discipula.

— Tu, Emilia; aqui tens uma creancinha de quinze dias. Lava-a e veste-a. —

A rapariga, sorrindo, sentou-se deante de uma banheira e principiou o seu trabalho com serenidade e methodo.

— E agora tu, Rosario — tornou a mestra no fim d'esta operação. — Imagina que o teu filho de quatro mezes te adoece; não quer mamar, anda rabujento... —

E a lição continuou.

— Não posso vêr e ouvir isto a sangue frio — declarou o Ignacio quando, á sahida da escola esperavam, emquanto a Francisca se demorava ainda, falando com as mestras e as discipulas — Ah! Luiz! Se todos que podem, quizessem pensar como nós! Olhe você que lares abençoados se estão creando aqui! E é tão simples! É tão facil! Veja como os filhos d'estas raparigas serão já differentes do João cavador! Vocês' é que entenderam, é que adivinharam o grande segredo... Vocês não teem o esteril amôr do proximo; vocês teem o alto e fecundo amôr do que está para vir! Como preparam o chão para a boa e prodigiosa semente do futuro!... —

.....

— Sejas muito bemvindo, Pedro — disse a Joanna recebendó á entrada da sala, duas horas depois, o filho do João. — Entra, senta-te. Estamos sós e toda eu sou ouvidos. —

— Ah! Senhora D. Joanna! — exclamou o Pedro installando-se. — Nem sei como hei-de principiar... Nunca tive medo de nada na minha vida; e agora deante de si que sempre foi tão bôa para mim, estou todo a tremer e a suar!... —

A Joanna sorriu e olhou para elle com um ar maternal de bondade e de doçura.

— E se eu adivinhar o que me vaes dizer! Se eu te responder antes de ouvir a tua pergunta? —

O Pedro ficou surprehendido um momento; mas logo depois baixou os olhos e abanou a cabeça.

— Não póde adivinhar, senhora D. Joanna... É uma coisa tão doida, tão... nem sei! Talvez até me queira mal e me julgue atrevido por eu ousar

ter pensamentos tão altos... para o meu tamanho! —

— Nenhum pensamento é alto demais para um homem. E tu és um homem, Pedro. Quem trabalha como tu, quem entende e aceita a lucta e a vida com a tua coragem e com a tua noção firme do dever, póde aspirar a tudo, ás coisas mais impossiveis e mais distantes, sem medo de olhar para horizontes prohibidos. Não ha para os verdadeiros homens, horizontes prohibidos; o mundo pertence-lhes todo, todo... Os teus olhos não são dos que se fecham deante das grandes claridades. —

A Joanna já não sorria. E o Pedro via-lhe a transformação da physionomia e toda a sua vida se concentrava na attenção com que seguia as suas palavras.

— Não tenhas medo, Pedro. Não gosto de te vêr assim pallido e tremulo como se fosses uma creança. Eu vou dizer o que tu queres ouvir. O José Ca-

chorro dá-te a Rosa ; dá, sim. E a Rosa gosta de ti e está prompta a ser a tua mulher... se tu a quizeres. —

O Pedro levantara-se de repente e escondeu a cara nas mãos.

— Então... — disse a Joanna depois de um silencio.

— Desculpe... — balbuciou o Pedro — É tão inesperado!... Uma felicidade tamanha que vem assim de repente como um mar que innunda tudo... Eu não desistia ; mas imaginava que ia ter tantas difficuldades, tantas luctas!... E vêr inesperadamente as portas do céu abertas!... Parece-me que cheguei ao fim da minha vida... que não me resta mais nada para desejar... mais nada para ambicionar... —

— Pelo contrario, Pedro, pelo contrario... — interrompeu a Joanna — agora é que chegou o momento de ambicionares tudo ; as coisas mais nobres, as maiores : a paz, a harmonia, a felicidade do teu lar, o futuro dos teus fi-

lhós que hão-de ir mais longe do que tu e que deves preparar afim de que, pelo seu turno, eduquem os seus filhos numa atmosphera de maior perfeição. Agora, agora é que tens o mundo deante de ti para conquistares!... —

— Como a senhora D. Joanna adivinhou!... — exclamou o Pedro cheio de admiração.

— Ha tanto tempo! Ainda antes de tu proprio saberes o que se passava no teu coração! E tenho preparado o terreno a pouco e pouco... O José Cachorro antigamente pensava de outro modo; tinha para as filhas as ambições relativas ao seu modo de avaliar as coisas... ao seu antigo modo de avaliar as coisas, porque hoje tudo mudou. D'antes o seu sonho doirado seria casar uma das filhas com um dos herdeiros do barão porque não via a felicidade do lar, a paz, a harmonia; via apenas as duas herdades ligadas e a perspectiva de um titulo. Não é facil para um homem já feito mudar assim

a orientação dos seus ideaes; e essa transformação do José Cachorro prova a honestidade e a frescura da sua alma. Reconhece hoje quanto se enganava, quanto a verdadeira felicidade é despida de vaidades, quanto a verdadeira nobreza se liga pouco ás contingencias do nascimento, quanto a paz e a harmonia de um lar são independentes dos bens materiaes que excedam as necessidades elementares. E por tudo isso te aceita de braços abertos, a ti, que és trabalhador, bom e corajoso, e continuarás a sua tradição com o mesmo amôr e . . . —

— E . . . a Rosa? — perguntou o Pedro, interrompendo-a.

— A Rosa? A Rosa vê em ti o marido como ella o sonha, o homem forte, intelligente e cheio de bondade, em quem pôde depositar toda a sua confiança, de quem se poderá orgulhar através da vida toda; o companheiro de trabalhos e de luctas, o braço firme onde se apoiará com segurança, a mão

forte por quem se deixará guiar, de olhos fechados . . . —

— Que destino o meu! — suspirou o Pedro. — Eu não mereço tudo isto! . . . —

— Não mereces? — disse a Joanna com doçura. — E porque não, Pedro? Os effeitos são o resultado de causas determinadas que a nossa razão nem sempre nos deixa perceber. E o grande erro é attribuir esses resultados que surgem deante de nós, com um aspecto por vezes sobrenatural, a causas mysteriosas. A natureza tem uma logica de ferro á qual ninguem póde subtrahir-se; talha o seu caminho para a maior perfeição através da floresta virgem dos acontecimentos; e as arvores cahem, e umas secam e morrem, e outras rebentam de novo com mais vigor. Não ha castigo nem recompensa; as arvores secam e morrem; teem de secar e de morrer; queimam-se e ao seu calor criam-se vidas novas. Ha coisas que entendemos e explicamos, ha outras que a nossa razão não

abrange ainda. Ha leis certas e imutaveis; ha phenomenos naturaes e logicos. Não mereces a felicidade, Pedro; tens direito a ella. És forte, és novo, és bom; trabalhas, luctas, vences. E os teus filhos creados pela Rosa, guiados por ti, irão ainda mais longe. A terra espera os seus braços que espalharão sobre ella a semente cada vez mais seleccionada e mais pura...—

— Ah! senhora D. Joanna! — exclamou o Pedro com enthusiasmo. — Tem sido com as suas doutrinas e com as dos seus irmãos, que me tenho feito o que sou. Sinto-me um homem e cheio de orgulho por sêr um homem. Como eu queria que todas vissem o que eu vejo e tivessem na vida a confiança que eu tenho e no fundo da sua alma a boa ambição que me anima e que não se prende... juro-o! a riquezas inuteis, mas sim a felicidades mais altas e mais duradouras... além de mim... a perder de vista... —

CAPITULO XV

Naquella noite a Joanna antes de se deitar, olhou em volta de si com prazer para as paredes brancas e nuas do seu quarto, para as traves descobertas e tortas do tecto, para a manta hespanhola, rigida e listrada de côres saloias, estendida aos pés da cama, para a alvura dos lençoes de linho grosso.

Achou tanta doçura na luz de azeite do seu candieiro de latão, brilhante como oiro! Pareceram-lhe symbolicas aquellas tres chammas pequeninas e immoveis, tão castas, illuminando tudo de uma claridade suave.

Pensou que não trocaria a sua vida

presente pela vida confortavel e faustosa de outro tempo. Via muito claro até ao fundo da sua consciencia e do seu coração, e descobria lá a felicidade que não depende das contingencias exteriores; a unica, a verdadeira felicidade, productora de toda a força necessaria, de toda a bondade proveitosa.

— A vida afinal é isto . . . — dizia ella de si para si.

Percebia que encontrara a significação de todas as coisas. E accrescentava no fundo da sua alma tão lucida, vidente, naquella hora de paz abençoada :

— É bom . . . É tão bom ! —

Deixou ficar a janella aberta ; deitou-se e adormeceu logo de um somno tranquillo. E toda a noite lhe entrou pelo quarto dentro o perfume do jardim florido das rosas do outomno. Accordou como sempre, com o crepusculo do alvorecer. E desceu logo ; principiou a fazer a limpeza da sala e da casa do jantar. Depois, enquanto a

creada partia para a ribeira com um alguidar de roupa, foi accender o lume e preparar as coisas para o primeiro almoço.

Entretanto, pela porta do corredor, ouvia-se a voz da Francisca trauteando uma canção popular, enquanto passava a ferro.

O Luiz abalara para a horta com a enxada ao hombro.

Nada mudara na vida dos tres irmãos.

Tinham resistido sem esforço nem sacrificio, á tentação de um augmento de conforto.

Os juroz da fortuna sempre crescente que o Miguel ia ganhando, e os rendimentos continuamente augmentados da herdade, eram absorvidos pelas despesas de construcção e manutenção das escolas e officinas, pelos campos experimentaes, pela fundação de cooperativas de producção e de consumo, pela semente de abundancia e de paz que os tres irmãos espalhavam

em torno de si sem repouso, havia tantos annos.

Posto ao corrente do que se passava, o Miguel que ia resistindo ao clima perigoso da Guiné renovára por mais tempo o seu contracto, em melhores condições ainda, e metterá-se em varias explorações cujos resultados excediam a sua expectativa.

E a riqueza assim nascida do trabalho, amontoava-se; os tres irmãos empregavam-n'a na compra incessante de terras que alargavam, ampliavam a sua propriedade, estendendo-a por enormes superficies de charnecas incultas que a pouco e pouco eram arroteadas e postas em cultura, desfazendo-se em pão, em olival, em vinha, dando que fazer a muitos braços que vinham de longe, attrahidos pelos jornaes elevados, pelo trabalho moderado, pelas vantagens de segurança futura que a caixa economica dos trabalhadores lhes garantia.

E nalgumas d'essas charnecas que

os tres irmãos vendiam e aforavam a retalho, por baixo preço, adeantando quasi sem juro o capital para construcções e amanhos, surgiam casaes de trabalhadores, descobriam-se mananciaes de agua, floriavam hortas e jardins... —

O Ignacio sorria como se olhasse para o céu e apontava para os pequenissimos nucleos de vida, tão perdidos ainda nas immensas solidões.

— Povoam-se e cultivam-se o Alemtejo! — exclamava elle com olhos brilhantes de esperança. — Um Portugal virgem, novo, rico, a nascer e a desenvolver-se dentro do Portugal velho e exhausto... Olhem! Olhem para o grande milagre! —

Os tres irmãos sorriam d'aquelle entusiasmo.

Era tão pouco ainda! No mappa do Alemtejo, se fossem marcar a area que recebia a acção benefica do seu trabalho, essa area seria apenas um ponto imperceptivel.

E elles não pensavam no Alentejo; pensavam corajosamente na terra toda onde os homens se matam de canceiras vãs e soffrem da miseria e da injustiça. Mas não desanimavam. Sabiam que outros nucleos de vida nova e de verdade se creavam e se desenvolviam naquella hora em diversos pontos do globo; sabiam que atravez de gerações e gerações, caminhando para a perfeição, os pequeninos nucleos se alargariam reproduzindo-se por segmentação como as células de um organismo, acabando por se juntar e cobrir o mundo todo.

O sonho do Luiz ia mais longe; aquillo não o satisfazia ainda; o seu ideal de perfeição impacientava-se.

Apesar de não aproveitar os rendimentos da sua propriedade em beneficio proprio, e de a explorar apenas como um administrador que entrega ao seu verdadeiro dono, os lucros da fazenda administrada, o facto de possuir a terra, e tanta terra, incommo-

dava-o e pesava-lhe como se fosse uma culpa.

Ficaria bem com a sua consciencia no dia em que pudesse desistir da posse desproporcionada, no dia em que pudesse pôr em pratica as theorias de Henry George sobre a repartição equitativa do solo sagrado que não deve ser comprado nem vendido.

Comprehendia que o povo não estava ainda preparado para essa evolução; mas desejava ardentemente realizal-a antes de morrer, entregar e repartir os seus bens divididos pelos trabalhadores da terra, com a condição de elles a trabalharem, pagando á comunidade o imposto justo sobre o valor do chão assim repartido. E elle ser *um* como elles todos, mais um, igual a todos, conservando apenas sobre os outros, a superioridade do seu conselho e da sua comprehensão mais clara e efficaz.

Era preciso esperar.

Nas escolas intuitivas de creanças,

nas officinas de pequenas industrias ruraes onde tanta gente nova convergia numa glorificação do trabalho feito em commum na alegria sã dos vastos salões arejados e cheios de luz, nas reuniões dos syndicatos agricolas, na séde das cooperativas que de dia para dia se multiplicavam, por toda a parte onde a grande ideia de união e de liberdade crescia, o Luiz não perdia uma occasião de falar da injusta repartição da terra, do crime dos grandes proprietarios possuidores de enormes extensões incultas e improductivas, quando havia tantos homens de boa vontade que uma simples mudança de codigos ruraes espalharia sobre essas extensões transformando-as em riquezas que aproveitariam a todos...

Mas era preciso esperar ainda.

A ideia do imposto proporcionado ao valor da terra, a ideia da obrigação de trabalhar essa terra que improductiva, passaria a outras mãos, a ideia de que o solo se transformaria num va-

lor que os homens não seriam senhores de comprar e de vender, assustava a gente do campo em cujo espirito a posse effectiva e individual da terra era o supremo ideal enraizado atravez de gerações e gerações.

E o Luiz persistia e esperava.

A Francisca e a Joanna comprehendiam, compartilhavam o seu ideal, e esperavam com o irmão persistentemente, numa fé inabalavel. Morreriam talvez antes... Mas qu'importava a morte? Não ficava o Pedro e a Rosa, e os filhos d'elles e de tantos outros creados já na atmospheria de luz e de verdade?

Era preciso preparar bem a terra, lançar a semente em boas condições, e dar-se-hia fatalmente a germinação abençoada.

Outros corações mais ardentes ainda palpitariam dos mesmos enthusiasmos, outros esforços mais poderosos ainda tenderiam para o mesmo fim, outras intelligencias mais esclare-

cidas ainda perseguiriam o mesmo sonho...

.....
Que dia lindo!

Uma paz entre as plantas! Um silencio em toda a natureza!...

A Joanna sahira para o jardim onde se demorou a cortar umas rosas velhas e a entrelaçar umas grinaldas de trepadeiras que pendiam.

Alta e delgada, harmonica nos seus movimentos, com a cabeça aureolada pelo cabello castanho tão prateado já, a expressão serena e firme, como ella era differente da Joanna que chegára á herdade havia tantos annos, quebrada e perdida em plena frescura da sua mocidade!

Como a vida a envelhecera então e a cançára! E como agora, no declinar dos annos, a sua alma florescia numa primavera deslumbrante!

Ouviu alguém mexer na cancella do jardim e voltou-se. O sol da madru-

gada inundou-a toda. Viu um homem parado, que a fitava.

Os olhos d'aquelle homem!...

Que olhos fundos e luminosos a brilhar na cara de energia tão viril, queimada, sulcada de rugas, emoldurada pela barba grisalha! —

Nem elle nem a Joanna faziam um movimento.

Pareciam duas estatuas, um e outro paralyzados, tolhidos como figuras de sonho...

Naquelle momento ambos viam o abysmo que a sua antiga vida de prazeres ephemeros e estereis, de luxo que a sua consciencia reprovava, cavara entre elles; ambos comprehendiam toda a vaidade mentirosa da sua mocidade perdida. E consideravam os ultimos annos, os bons, os proveitosos, os fecundos, de lucta e de triumpho, de trabalho perseverante e corajoso; os annos milagrosos aos quaes deviam a resurreição do seu antigo amôr nascido de um enthusiasmo generoso e

tão alto, morto depois no meio que os envolvera asphyxiando os seus ideaes, adormecendo as suas mais puras aspirações, e apagando a claridade radiosa dos seus sonhos na densa nevoa dos interesses mesquinhos e egoistas, no respeito das convenções sociaes tão absurdas, na satisfação de vaidades transitorias.

Os annos milagrosos . . . Como elles resplandeciam ! Que luz de apotheose entornavam sobre aquellas cabeças vencedoras ! De que prestigiosa aureola engrandeciam o amôr renascente ! Em pleno outomno, como tudo florescia e se animava ao seu calor, numa alvorada subita de primavera !

— Miguel ! — exclamou afinal a Joanna, atirando-se contra o peito do homem.

Como se ouviu longe aquelle grito !
E não disseram mais nada. Não podiam falar.

Apertavam-se um contra o outro e parecia-lhes que o mesmo sangue lhes

circulava nas veias, que a mesma vida os animava e que as suas almas se fundiam numa só alma, e que todas as palavras seriam pueris naquella hora sagrada, para traduzir a intensidade do sentimento que os arrebatava em pleno paraizo.

.....
— Que impressão tão extraordinaria! — disse o Luiz rindo, uma hora depois quando estavam todos sentados em volta da mesa do almoço. — Por mais que olhe para o Miguel não consigo persuadir-me que o temos aqui realmente. Estou sempre á espera de acordar de um sonho, de o vêr desvanecer-se como se fosse uma visão, de encontrar o seu logar vasio . . . —

— O seu logar vasio? . . . — murmurou a Joanna — Não, nunca mais. —

— Levei muitos annos a conquistalo, — respondeu o Miguel — o meu logar de homem entre vocês; levei muitos annos a trabalhar para me tornar digno d'elle. Vale mais do que um

throno. Já não o largo. Vocês veem-me envelhecido, escangalhado, todo branco, magro, tisonado do sol d'Africa... mas não sabem a força invencível d'estas mãos. Não o largo... agora que é meu, meu, meu! —

— Teu... — repetiu a voz dôce da Francisca — Teu, como também são teus os nossos logares na vida. Se não fosse a tua vertigem que nos lançou a todos na pobreza, julgas que teríamos feito o esforço que fizemos? Julgas que sósinhos e ricos teríamos tido a visão clara da verdade que nos guiou? Julgas que teríamos achado, sem ti, a felicidade unica, a felicidade que encerramos nos corações como num sacramento e que nos eleva acima das contingencias exteriores? —

— E julgas que sem ti, — continuou o Luiz — sem o teu trabalho, sem o dinheiro ganho por ti com tantos sacrificios, só com os meios de que dispunhamos, poderíamos nunca ter realizado a nossa obra? As charnecas

d'antes abandonadas, hoje cultivadas e productivas; as escolas onde se criam os futuros trabalhadores; a abundancia e a paz espalhadas como benções sobre este canto do Alemtejo; o germen de todas as felicidades que viemos aqui lançar... é o teu sangue, Miguel! Nunca as tuas centenas de contos atirados ás emprêsas especulativas e egoistas dos syndicatos longinquos, aos ardis manhosos dos jogos de fundos, nunca essas centenas de contos, arriscadas com uma audacia que fazia a admiração do mundo financeiro, foram capazes de produzir uma scentelha de vida. Mas os pobres capitaes que tão penosamente ganhaste, olha como elles floresceram, como se transfiguraram em bondade, em justiça, em força ascensional para a maior perfeição! —

Como todos quatro se sentiam felizes naquella hora! Felizes do futuro de trabalho que os esperava ainda, felizes da grande victoria alcançada já!

Quando acabaram de almoçar, sahiram para o campo sem destino, embriagados, estonteados um pouco pela plenitude d'aquella felicidade radiosa.

A limpidez do ceu, a claridade intensa do sol, a immobildade das plantas, o silencio profundo e solemne do outomno, harmonisavam-se com o seu estado de almas.

Nunca tinham gozado uma tão infinita beatitude. Avançavam devagar e falavam pouco. Diziam coisas vagas, nascidas d'aquelle torpor de sonho.

Numa volta do caminho, avistaram a fachada do grande edificio da escola e no mesmo instante chegaram aos ouvidos a harmonia de um côro de creanças.

— É o hymno do trabalho — disse a Joanna ao Miguel. — Fechamos as aulas da manhã quasi sempre com este côro. —

Pararam a escutar.

O hymno votivo ao trabalho bem-

dito, deus da abundancia e da paz!... Como era symbolico e cheio de significação profunda para os tres irmãos e para o Miguel!

Na harmonia do canto não havia vozes que imploravam; havia proclamações de victorias alcançadas, protestos de fé ardente.

Não era a esperança ideal de um hypothetico futuro de alegrias estaticas, recompensa de lagrimas e de resignações; era a certeza da felicidade conquistada, a confiança immensa na bondade da vida que alveja a perfeição sempre crescente da humanidade forte e livre.

E os quatro, immoveis e silenciosos, pensavam nas creanças cujas vozes se erguiam aos ares em revoadas e tinham azas como os anjos, e chegavam ás nuvens e se perdiam no infinito... Pequeninas, inconscientes, ignorando o mundo que lhes germinava nos corações, aquellas creanças seguravam no emtanto nas mãositas innocentes, o

futuro carregado de promessas: a paz dos lares, a abundancia dos casaes, a união entre os homens.

— Que pena... — murmurou o Miguel — que pena a vida sêr tão curta e a gente envelhecer tão cedo! —

Mas o Luiz respondeu:

— Qu'importa a velhice e a morte? Nem uma nem outra existem, Miguel. Morrer deante d'esta visão é viver ainda... —

A Joanna apontou para o edificio da escola e sorriu.

— Morrer?! Escuta, Miguel, não percebes que são as nossas vozes que ouves cantar? Não vês... a vida que nos deixa, passa para elles; e d'elles, para os que vierem depois, sempre mais fortes e mais livres... —

Afastavam-se a pouco e pouco das construcções, internavam-se nas solidões do montado.

— Nós... nós... — disse a Francisca — Somos sempre nós e eternamente nós! É bom viver e é bom mor-

rer porque a morte é ainda a vida percorrendo o seu cyclo bemdito... —

E o Luiz continuou, como se o pensamento entre elles fosse transparente naquella hora:

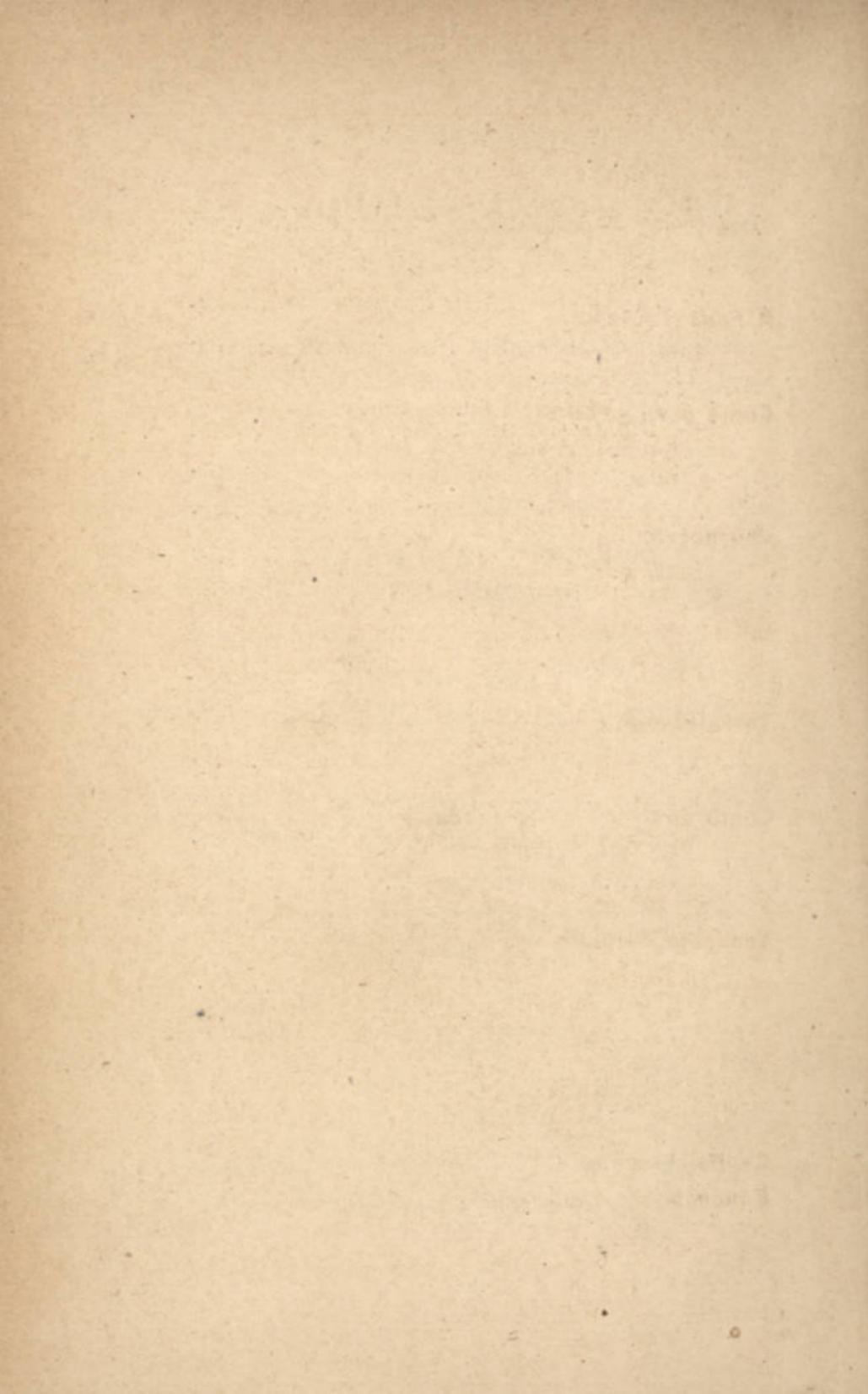
— Transformando-se, afinando-se, purificando-se numa crystallisação cada vez mais preciosa; a perfeita harmonia sobre a terra, a transfiguração final da humanidade triumphante! —

Que torrentes de luz sagrada o sol entornava nas clareiras do montado!

E foram andando, calados.

Que mais poderiam elles dizer? Levavam as almas innundadas de claridades e de esplendores, de visões longinquas... longinquas...

FIM



DA MESMA AUTORA :

A Fada Tentadora

Livro para creanças. 1 vol. illustrado 700

Como devo governar a minha casa

Adaptação e modificação do livro italiano de G. F. Tamburini. 1 vol. . 800

Ceu aberto

Livro para creanças, 1 vol. illustrado. 700

Em pleno azul

Livro para creanças, 1 vol. illustrado. 600

Terra bendita

1 volume 600

Como devemos crear e educar os nossos filhos

1 vol. illustrado 800

Trabalho bendito

1 volume 600

EM PREPARAÇÃO:

Capital bendito

Educação de raparigas



Livraria Classica Editora

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 20 (Avenida)

LISBOA

<i>Dr. Duarte Roboredo de S. e Mello</i>		<i>Julio Dantas</i>	
<i>Familia e divorcio.</i> 1 vol.	1\$000	<i>A Ceia dos Cardeaes</i> (9. ^a edição). 1 vol.	200
<i>Dr. Eurico de Seabra</i>		<i>Dr. Moyses Marcondes</i>	
<i>Mulheres de Portugal</i> (Romantismo). 1 vol.	600	<i>Poesias.</i> Claro-escuro. Têlas do Paraná. Campo Santo. 1 vol.	500
<i>Fernão Corte-real</i>		<i>Paulo Lombroso</i>	
<i>Suave Castigo.</i> Linda comédia familiar em 1 acto.	200	<i>O problema da felicidade.</i> 1 vol.	600
<i>Hall Caine</i>		<i>Paulo Doumer</i>	
<i>O filho prodigo</i>	800	<i>O livro de meus filhos.</i> 1 vol.	600
<i>Cidade eterna.</i>	700	<i>O Paraizo das creanças.</i> Lindas historias moraes e educativas, 1 vol. illustrado	300
<i>O apostolo</i>	700	<i>D. Sophia de Souza</i>	
Os mais lindos e honestos romances da litteratura contemporanea.		<i>Real confeitiro portuguez-brasileiro.</i> Compreendendo copioso numero de formulas caseiras portuguesas e brasileiras de variadissimos doces, etc., etc. 1 vol..	700
<i>D. Julia C. de Menezes</i>		<i>Dr. Bettencourt Rodrigues</i>	
<i>Cozinheiro luzo-americano.</i> Variadissimas formulas de cozinhados escriptas por illustres senhoras americanas e portuguesas, grande parte d'ellas assignadas pelas auctoras. Compreendendo instrucções a uma dona de casa para os seus convidados receber conforme a etiqueta, ornamentar uina meza, servir um almoço intimo, um jantar de cerimonia, etc., etc. 1 vol.	600	<i>Allopathia e Homæopatia.</i> Considerações sobre a arte de curar. 1 vol.	300
		<i>Os sentidos e a emoção n'alguns poetas portugueses e brasileiros.</i> 1 vol..	300

M. ena

